



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM**

**CARACTERÍSTICAS E HABILIDADES DOS ENFERMEIROS
EMPREENDEDORES ADQUIRIDAS POR MEIO DO
APRENDIZADO NA FORMAÇÃO E NA PRÁTICA
PROFISSIONAL**

PAULA ROCHA LOUZADA VILLARINHO
Mestranda

PROF.^a DR.^a MARIA MANUELA VILA NOVA CARDOSO
Orientadora

**RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL
OUTUBRO DE 2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM**

**CARACTERÍSTICAS E HABILIDADES DOS ENFERMEIROS
EMPREENDEDORES ADQUIRIDAS POR MEIO DO
APRENDIZADO NA FORMAÇÃO E NA PRÁTICA
PROFISSIONAL**

PAULA ROCHA LOUZADA VILLARINHO

Dissertação de Mestrado submetida ao Curso de Mestrado em Enfermagem, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como pré-requisito à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Prof.^a Dr.^a Maria Manuela Vila Nova Cardoso
Orientadora

**RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL
OUTUBRO DE 2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

R719c Rocha Louzada Villarinho, Paula
CARACTERÍSTICAS E HABILIDADES DOS ENFERMEIROS
EMPREENDEDORES ADQUIRIDAS POR MEIO DO APRENDIZADO
NA FORMAÇÃO E NA PRÁTICA PROFISSIONAL / Paula
Rocha Louzada Villarinho. -- Rio de Janeiro, 2016.
171 f.

Orientadora: Maria Manuela Vila Nova Cardoso.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery,
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2016.

1. Empreendedorismo. 2. Enfermagem. 3.
Aprendizado. 4. Inovação. I. Vila Nova Cardoso,
Maria Manuela, orient. II. Título.

PAULA ROCHA LOUZADA VILLARINHO

**CARACTERÍSTICAS E HABILIDADES DOS ENFERMEIROS
EMPREENDEDORES ADQUIRIDAS POR MEIO DO APRENDIZADO NA
FORMAÇÃO E NA PRÁTICA PROFISSIONAL**

Dissertação de Mestrado submetida ao Curso de Mestrado em Enfermagem, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como pré-requisito à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovado em: _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr.^a Maria Manuela Vila Nova Cardoso (Presidente)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr.^a Zenith Rosa Silvino (1º. Examinador)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr.^a Alexandra Schmitt Rasche (2º. Examinador)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr.^a Luiza Mara Correia (Suplente)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof. Dr.^a Liana Amorim Correa Trotte (Suplente)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

**RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL
OUTUBRO DE 2016**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos Luiz Pedro e Samuel, minhas grandes inspirações, por despertarem em mim o desejo de ser uma pessoa melhor a cada dia.

Ao meu marido Rubens Diego, meu melhor amigo, por sonhar comigo, apoiar-me em todos os momentos e acreditar em mim até quando eu mesma não o fiz.

Aos meus pais Luiz Cesar e Rita de Cassia e meu irmão Diego, por todo amor vivido em família.

Não seria quem sou sem cada um de vocês.

Amo muito vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a Fonte de todo Amor, Luz e Sabedoria, o Ser que anima meu espírito para que eu concretize meus sonhos. Entre eles está este trabalho, o qual almejo que desperte e incentive os leitores a sonhar e trabalhar por uma Enfermagem renovada.

Agradeço a Professora Doutora Maria Manuela Vila Nova Cardoso, uma pessoa imensamente especial que acompanhou-me nesses anos de realização da pesquisa, sendo muito mais que uma orientadora. Gratidão profunda por todas as formas de apoio, todas as palavras de incentivo, pela paciência ao ouvir meus sonhos, pela confiança ao aceitar orientar-me nesta temática.

Agradeço as Professoras do Departamento de Metodologia Científica, da Escola de Enfermagem Anna Nery, que participaram do meu processo de seleção Doutora Ann Mary Machado Tinoco Feitosa Rosas, Doutora Cláudia Regina Gonçalves Couto dos Santos, Doutora Neiva Maria Picinini dos Santos, gratidão pela confiança depositada para desenvolver esta pesquisa.

Agradeço aos Professores das disciplinas cursadas ao longo do Curso de Mestrado, Doutora Ana Beatriz Queiroz, Doutora Ivis Emília, Doutora Maria Aparecida Vasconcelos e Doutor Rafael Celestino, Doutora Lúcia de Oliveira Viana, Doutora Maria Soledade Simeão dos Santos, gratidão por todo aprendizado ao longo do curso.

Agradeço as Professoras das Bancas Doutora Zenith Rosa Silvino, Doutora Alexandra Schmitt Rasche, Doutora Maria Gefé da Rosa Mesquita, Doutora Carmen Maria dos Santos Lopes Monteiro Dantas da Silva, Doutora Liana Amorim Correa Trotte e Doutora Luiza Mara Correia, gratidão pela contribuição e todas as formas de incentivo.

Agradeço aos Funcionários da Pós-graduação da Escola de Enfermagem Anna Nery, Jorge Anselmo, Sônia Xavier, Cíntia Nóbrega e Marta, gratidão por todo apoio e orientação.

Agradeço a todos os colegas da turma de mestrado da Escola de Enfermagem Anna Nery de 2014.2, gratidão por todo apoio ao longo do curso.

Agradeço aos Participantes da Pesquisa, gratidão pela confiança, tempo dispensado e palavras de incentivo. Esta pesquisa não seria possível sem vocês.

Agradeço a pessoas muito queridas, professores, parceiros de trabalho e alunos da Universidade Estácio de Sá, gratidão pela paciência em ouvir sobre esta pesquisa e pelo incentivo.

Agradeço a todas as pessoas que tive a felicidade de conhecer em virtude desta pesquisa sobre o Empreendedorismo.

Gratidão Profunda!

“Sem sonhos, as perdas se tornam insuportáveis, as pedras do caminho se tornam montanhas, os fracassos se transformam em golpes fatais. Mas, se você tiver grandes sonhos... seus erros produzirão crescimento, seus desafios produzirão oportunidades, seus medos produzirão coragem. Por isso, meu ardente desejo é que você NUNCA DESISTA DE SEUS SONHOS”.

Augusto Cury

RESUMO

CARACTERÍSTICAS E HABILIDADES DOS ENFERMEIROS EMPREENDEDORES ADQUIRIDAS POR MEIO DO APRENDIZADO NA FORMAÇÃO E NA PRÁTICA PROFISSIONAL

Paula Rocha Louzada Villarinho.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Manuela Vila Nova Cardoso.

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery – EEAN, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

O objeto de estudo é a formação de visão e o desenvolvimento de características e habilidades nos Enfermeiros Empreendedores. Os objetivos foram: Descrever os aspectos que contribuem para a formação de visão no Enfermeiro Empreendedor e suas implicações para a prática empreendedora; e Analisar as características e habilidades dos Enfermeiros Empreendedores adquiridas por meio do aprendizado na formação e na prática profissional. Como referencial teórico utilizei a Teoria Visionária de Louis Jacques Fillion e como base metodológica foi elaborado um Modelo Teórico de Análise dos Dados, baseado na Teoria Visionária. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido no estado do Rio de Janeiro, sendo os participantes catorze Enfermeiros Empreendedores atuantes neste estado. Na coleta de dados foi utilizada a entrevista não-diretiva e a Técnica da Bola de Neve (*Snow Sampling*). Nos resultados constato que há diferentes aspectos que ativam e motivam o empreendedorismo nos indivíduos, havendo destaque inicial dos participantes à influência dos membros da família e das amigas na formação preliminar e na visão da ideia empreendedora. O empreendedorismo foi pouco abordado e incentivado na formação inicial do enfermeiro e há a necessidade de tecer um *networking* na vida profissional. Concluímos que o Empreendedorismo na área da Enfermagem existe e apresenta singularidades.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Enfermagem; Aprendizado; Inovação.

Rio de Janeiro
Outubro, 2016

ABSTRACT

FEATURES AND SKILLS OF NURSES ENTREPRENEURS ACQUIRED BY LEARNING IN THE MIDDLE OF TRAINING AND PROFESSIONAL PRACTICE

Paula Rocha Louzada Villarinho.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Manuela Vila Nova Cardoso.

Master's Thesis Summary submitted to the Program for Postgraduate Research in Nursing and the School of Nursing Anna Nery - EEAN, Federal University of Rio de Janeiro - UFRJ, as part of the requirements needed to obtain the title of Master of Nursing.

The object of the study is the view of formation and development of features and abilities in Entrepreneurs Nurses. The objectives were: Describe the aspects that contribute to the vision of training in Nurse Entrepreneur and its implications for the entrepreneurial practice; and analyze the characteristics and skills of entrepreneurs Nurses acquired through learning in training and professional practice. As a theoretical framework used the Visionary Theory of Louis Jacques Filion and methodological basis as we designed a data analysis of theoretical model, based on the Visionary Theory. This is a qualitative study, developed in the state of Rio de Janeiro, and the fourteen participants Entrepreneurs Nurses active in this state. Data collection was used the non-directive interview and Technical Snow Ball (Snow Sampling). The results note that there are different aspects that enable and motivate entrepreneurship in individuals, with initial emphasis of the participants to the influence of family members and friends in the preliminary training and in view of the entrepreneurial idea. Entrepreneurship has been little explored and encouraged in the initial training of nurses and there is the need to establish a networking professional life. We conclude that the Entrepreneurship in the nursing area exists and has singularities.

KEYWORDS: Entrepreneurship; Nursing; Learning; Innovation.

Rio de Janeiro
Outubro, 2016

RESUMEN

CARACTERÍSTICAS Y HABILIDADES DE ENFERMERAS EMPRENDEDORES ADQUIRIDOS POR EL APRENDIZAJE EN MEDIO DE FORMACIÓN PROFESIONAL Y LA PRÁCTICA

Paula Rocha Louzada Villarinho.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Manuela Vila Nova Cardoso.

El Resumen de la Tesis de Maestría sometida al Programa de Posgraduación e Investigación en Enfermería de la Facultad de Anna Nery - EEAN, de la Universidad Federal de Río de Janeiro - UFRJ, como parte de los requisitos necesarios para la obtención del título de Maestro en Enfermería.

El objeto de estudio es la vista de la formación y desarrollo de las características y posibilidades en Emprendedores enfermeras. Los objetivos fueron describir los aspectos que contribuyen a la visión de la formación en empresario Enfermera y sus implicaciones para la práctica empresarial; y analizar las características y habilidades de los empresarios Enfermeras adquiridas a través del aprendizaje en la formación y la práctica profesional. Como marco teórico utilizado la Teoría visionario de Louis Jacques Filion y bases metodológicas que hemos diseñado un análisis de los datos del modelo teórico, basado en la Teoría visionario. Se trata de un estudio cualitativo, desarrollado en el estado de Río de Janeiro, y los catorce participantes Emprendedores Enfermeras activa en este estado. La recolección de datos se utilizó la entrevista no directiva y técnica de bola de nieve (Nieve de muestreo). Los resultados señalan que hay diferentes aspectos que permitan y motiven la iniciativa empresarial en las personas, con énfasis inicial de los participantes a la influencia de los miembros de la familia y amigos en la formación preliminar y en vista de la idea empresarial. El espíritu empresarial ha sido poco explorada y alentó en la formación inicial del personal de enfermería y existe la necesidad de establecer una vida profesional de redes. Llegamos a la conclusión de que el espíritu empresarial en el área de enfermería existe y tiene singularidades.

Palabras llave: Emprendimiento; Enfermería; Aprendizaje; La innovación.

Rio de Janeiro
Outubro, 2016

RESUMÉ

CARACTÉRISTIQUES ET COMPÉTENCES DES INFIRMIÈRES ENTREPRENEURS ACQUIS PAR L'APPRENTISSAGE AU MILIEU DE LA FORMATION ET PRATIQUE PROFESSIONNELLE

Paula Rocha Louzada Villarinho.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Manuela Vila Nova Cardoso.

Thèse Résumé de Maître soumis au programme d'études supérieures et de la recherche en soins infirmiers de soins infirmiers Anna Nery école - EEAN, l'Université fédérale de Rio de Janeiro - UFRJ, dans le cadre des exigences pour l'obtention du titre de Master of Nursing.

L'objet d'étude est la vue de la formation et le développement des caractéristiques et des capacités dans les entrepreneurs des infirmières et infirmiers. Les objectifs étaient de décrire les aspects qui contribuent à la vision de la formation dans Nurse Entrepreneur et ses implications pour la pratique entrepreneuriale; et d'analyser les caractéristiques et les compétences des entrepreneurs infirmières acquises grâce à l'apprentissage dans la formation et la pratique professionnelle. En tant que cadre théorique utilisé la théorie visionnaire de Louis Jacques Filion et la base méthodologique, nous avons conçu une analyse des données du modèle théorique, basé sur la théorie visionnaire. Ceci est une étude qualitative, mis au point dans l'état de Rio de Janeiro, et les quatorze participants Entrepreneurs infirmières actives dans cet état. La collecte des données a été utilisé l'entrevue non directive et Snow Ball technique (Snow Sampling). Les résultats noter qu'il existe différents aspects qui permettent et motiver l'esprit d'entreprise chez les individus, avec un accent initial des participants à l'influence des membres de la famille et des amis dans la formation préliminaire et compte tenu de l'idée entrepreneuriale. L'esprit d'entreprise a été peu exploré et encouragé dans la formation initiale des infirmières et il est la nécessité d'établir une vie professionnelle en réseau. Nous concluons que l'esprit d'entreprise dans le domaine des soins infirmiers existe et a des singularités.

Mots-clés: l'esprit d'entreprise; Soins infirmiers; l'apprentissage; Innovation.

Rio de Janeiro
Outubro, 2016

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - LITERATURA DISPONÍVEL NA BVS COM O TEMA EMPREENDEDORISMO (2000-2016)._____	30
QUADRO 2 - LITERATURA DISPONÍVEL NA BVS COM O TEMA EMPREENDEDORISMO AND DESCRITOR ENFERMAGEM (2000-2016). _____	31
QUADRO 3 - LITERATURA DISPONÍVEL NA BVS COM O TEMA EMPREENDEDORISMO AND ENFERMAGEM AND FORMAÇÃO (2000-2016). _	32
QUADRO 4 - LITERATURA DISPONÍVEL NA BVS COM OS DESCRITORES ENTREPRENEURSHIP AND NURSING AND EDUCATION (2000-2016). _____	33
QUADRO 5 - LITERATURA DISPONÍVEL NO GOOGLE ACADÊMICO COM AS PALAVRAS EMPREENDEDORISMO E ENFERMAGEM (2000-2016)._____	33
QUADRO 6 - VANTAGENS RESULTANTES DA VISÃO. _____	69
QUADRO 7 - OS TRÊS NÍVEIS DE RELAÇÕES. _____	75
QUADRO 8 - IDENTIFICAÇÃO SOCIAL DOS PARTICIPANTES. _____	82
QUADRO 9 - IDENTIFICAÇÃO DEMOGRÁFICA – MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA E ATUAÇÃO LABORAL. _____	83
QUADRO 10 - FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PARTICIPANTES – PÓS-GRADUAÇÃO. _____	85
QUADRO 11 - MODALIDADES DE ATUAÇÃO COMO EMPREENDEDORES _____	87
QUADRO 12 - APRESENTAÇÃO DE VÍNCULOS EMPREGATÍCIOS. _____	87
QUADRO 13 - CLASSIFICAÇÃO DOS EMPREENDEDORES RELATIVO A TEMPO DE ATIVIDADE EMPREENDEDORA. _____	88

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - TRÊS CATEGORIAS DE VISÃO _____	70
FIGURA 2 - O PROCESSO DE VISÃO _____	72
FIGURA 3 - MODELO TEÓRICO DE ANÁLISE DOS DADOS, BASEADO NA TEORIA VISIONÁRIA DE FILION _____	80
FIGURA 4 - NATURALIDADE DOS PARTICIPANTES _____	83
FIGURA 5 - FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PARTICIPANTES – GRADUAÇÃO _____	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AIREPME - *Association Internationale de Recherche en Entrepreneuriat et PME*
- BDEnf - Base de Dados de Enfermagem
- BVS - Biblioteca Virtual de Saúde
- CDT/UnB - Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília
- CEP/EEAN/HESFA/UFRJ - Comitê de Ética e Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery, Hospital Escola São Francisco de Assis, Universidade Federal do Rio de Janeiro
- CCSBE – CCPME - Conselho Canadense de Pequenas Empresas e Empreendedorismo
- COFEN - Conselho Federal de Enfermagem
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CNE - Conselho Nacional de Educação
- COREN-RJ - Conselho Regional de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro
- COREN-RS - Conselho Regional de Enfermagem do Estado do Rio Grande do Sul
- DeCS – Descritores em Ciências da Saúde
- ENCREPI - Encontro do Conselho Regional de Enfermagem do Piauí
- ESEnfC - Escola Superior de Enfermagem de Coimbra
- FGTS - Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
- IES - Instituição de Ensino Superior
- ICSB - Internacional de Pequenas Empresas
- LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MBA - *Master of Business Administration*
- MEC - Ministério da Educação e Cultura
- MDIC - Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
- MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização
- NUPESINF - Núcleo de Pesquisa de Educação e Saúde em Enfermagem
- SESu/MEC - Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e Cultura
- SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- SENPE – Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem
- SUS - Sistema Único de Saúde
- TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UQTR - *Université du Québec à Trois-Rivières*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
TRAJETÓRIA ACADÊMICO-PROFISSIONAL	15
CAPÍTULO I.....	22
CONTEXTUALIZAÇÃO E CONCEPÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....	22
CAPÍTULO II	36
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	36
2.1. BASES CONCEITUAIS.....	36
2.1.1. <i>O EMPREENDEDORISMO E O EMPREENDEDOR.....</i>	<i>36</i>
2.1.2. <i>A INOVAÇÃO E A INOVAÇÃO EM SAÚDE</i>	<i>40</i>
2.1.3. <i>A APRENDIZAGEM À LUZ DE VYGOTSKY.....</i>	<i>44</i>
2.2. O EMPREENDEDORISMO NA ÁREA DA SAÚDE E DA ENFERMAGEM	46
2.2. A FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO E O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL	51
2.3. SUPEDÂNEO LEGISLATIVO DA PRÁTICA PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO	57
2.3.1. <i>INVESTIGAÇÃO DA LEGISLAÇÃO QUE SUSTENTA A PRÁTICA POR MEIO DE PESSOA JURÍDICA</i>	<i>60</i>
2.4. O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM	63
CAPÍTULO III.....	67
REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	67
3.1. A TEORIA VISIONÁRIA DE LOUIS JACQUES FILION	67
3.1.1. <i>O PROCESSO DE PENSAR POR MEIO DE UMA VISÃO.....</i>	<i>72</i>
3.2. BASES METODOLÓGICAS	75
CAPÍTULO IV	82
ENCETADURA DA APRECIÇÃO DOS DADOS.....	82
4.1. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	82
CAPÍTULO V.....	89
APRECIÇÃO DOS CONTEXTOS VIVENCIADOS DO SEIO FAMILIAR AO MERCADO DE	
TRABALHO.....	89
5.1. A HISTÓRIA FAMILIAR E OUTRAS INFLUÊNCIAS SUSTENTANDO AS VIVÊNCIAS DO	
APRENDER A SER ENFERMEIRO EMPREENDEDOR.....	89
5.2. A FORMAÇÃO ACADÊMICO-PROFISSIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES NO SER	
ENFERMEIRO EMPREENDEDOR	93
5.2.1. <i>DESCOBERTA/INCENTIVO DO SER ENFERMEIRO EMPREENDEDOR DURANTE A VIDA ACADÊMICA</i>	
.....	<i>94</i>
5.2.2. <i>CONSTRUÇÃO DE REDE DE CONTATOS/RELACIONAMENTOS (NETWORKING) NA VIDA</i>	
<i>PROFISSIONAL.....</i>	<i>96</i>
5.3. OPORTUNIDADES E DEMANDAS PROFISSIONAIS PARA EMPREENDER	98
5.3.1. <i>OPORTUNIDADES ORIUNDAS DAS REDES DE CONTATO E/OU RELACIONAMENTOS</i>	
<i>PROFISSIONAIS.....</i>	<i>98</i>
5.3.2. <i>DEMANDAS PROFÍCUAS PARA O SER ENFERMEIRO EMPREENDEDOR E AS PERCEPÇÕES DOS</i>	
<i>ENFERMEIROS EMPREENDEDORES SOBRE A ATIVIDADE EMPREENDEDORA</i>	<i>101</i>
CAPÍTULO VI.....	109
LAPIDANDO A VISÃO EMPREENDEDORA	109
6.1. CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS DOS ENFERMEIROS	109
6.2. HABILIDADES EMPREENDEDORAS DOS ENFERMEIROS	120

CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICES	149
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	149
APÊNDICE B - INSTRUMENTO DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	151
APÊNDICE C - TEMAS PARA ENTREVISTA NÃO-DIRETIVA.....	154
ANEXOS.....	155
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO.....	155
ANEXO B – RESOLUÇÃO COFEN Nº255/2001 – REVOGOU A RESOLUÇÃO 233/2000.....	158
ANEXO C – RESOLUÇÃO COFEN Nº389/2011 – REVOGOU A RESOLUÇÃO 233/2000	164
ANEXO D – RESOLUÇÃO COFEN Nº 500/2015 – REVOGOU A RESOLUÇÃO Nº 197/1997.....	168

APRESENTAÇÃO

TRAJETÓRIA ACADÊMICO-PROFISSIONAL

*“Um dia, nalgum lugar, uma eternidade após, eu relembraria tudo isto num suspiro: Dois caminhos divergiam numa floresta de outono, e eu, eu escolhi o menos percorrido, e isto fez toda a diferença!”
(Robert Frost).*

A inquietação que desencadeou um movimento de busca por respostas sobre o tema desta pesquisa, o Empreendedorismo, iniciou-se ainda na graduação, no ano de 2006, quando aprendia sobre o trabalho ímpar do Enfermeiro, suas habilidades e competências, os deveres perante a sociedade e sua identidade profissional tão arraigada de história e cultura.

Nesta época já havia conseguido indumentar-me com a responsabilidade que a profissão exigia, bem como a motivação para transformar vidas e realidades por meio de um trabalho de qualidade acrescido de seriedade.

Enquanto graduanda busquei agregar diferentes conhecimentos à minha formação, obtendo parte deles por meio de cursos de extensão, tanto em minha instituição de origem quanto em outras instituições de Ensino Superior.

Durante a realização de um dos cursos mencionados, voltado para graduandos da área da Saúde e não apenas para graduandos em Enfermagem, pude notar que era um plano futuro em comum de discentes das áreas da Fisioterapia, Nutrição e Medicina a abertura de um consultório e/ou clínica particular. Observei também que os graduandos destas áreas da saúde recebiam fomento de alguns de seus docentes. Esta situação intrigou-me, pois até aquele momento esta possibilidade não havia sido mencionada por docente algum do meu curso e/ou instituição de origem.

Busquei então informações com alguns docentes sobre enfermeiros que atuavam em seus consultórios particulares e recebi como resposta o desconhecimento sobre enfermeiro(s) que atuasse(m) de tal forma. Esta negativa fez com que eu lançasse-me numa procura sobre a possibilidade do Enfermeiro atuar como autônomo, tendo como local de trabalho o seu consultório particular.

Inicialmente fiz estas buscas por meio do recurso da *Internet*, que entendia como o melhor recurso disponível à época, no ano de 2007. Continuei realizando o levantamento sobre Enfermeiros que atuam de forma autônoma e ampliei a minha procura acrescentando Enfermeiros que são pessoas jurídicas (donos de empresas) e que possuem consultórios e

clínicas em diferentes esferas de atuação. Utilizei ainda outros recursos disponíveis para busca de informações, como pessoas, *networking*, entre outros, pois estes profissionais encontravam-se dispersos no mercado de trabalho, o que dificultava a sua visualização.

Antes da conclusão da graduação já havia alcançado dados e informações pertinentes à formação do enfermeiro e às habilidades e competências que ele deveria adquirir, descritas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Enfermagem.

Na análise destas diretrizes, é possível observar no Artigo 4º, Parágrafo V, que é objetivo da formação do enfermeiro dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício de competências e habilidades gerais, dentre elas “Estar apto a serem empreendedores”, conforme texto a seguir:

Administração e gerenciamento: os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e administração tanto da força de trabalho quanto dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores¹, gestores, empregadores ou lideranças na equipe de saúde; (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2001, pág. 37)

Mediante esta constatação, comecei um movimento de pesquisa e reflexão sobre o Empreendedorismo e seu ator principal - o Empreendedor - e cheguei até o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Esta entidade privada, sem fins lucrativos, possui em sua página virtual (*site*) diversas informações sobre como empreender e oferece cursos *online* para as pessoas que desejam apropriar-se de mais conteúdo para iniciar seu negócio próprio.

Realizei então, no ano de 2010, um curso *online* gratuito, intitulado “Aprender a Empreender” e, assim, instruída sobre o *ser empreendedor*, voltei minhas atenções para este indivíduo que reúne características bem singulares e atua em cenários que concretizou, sempre num constante caminho de mudanças e desenvolvimento.

Correlacionei as características apresentadas pelo Empreendedor e as habilidades e/ou competências que o Enfermeiro deve adquirir e/ou desenvolver durante a sua formação, tais como a habilidade de identificar necessidades, a capacidade de diagnosticar e solucionar problemas, a competência para planejar e implementar programas e a aptidão para reconhecer seu papel social a fim de atuar de acordo com os contextos e demandas. Conclui então que o Enfermeiro, em sua formação teórica, adquire conhecimentos que o possibilitam ser um empreendedor.

Fascinada por esta visão e com a graduação concluída, decidi trabalhar de maneira autônoma. Contudo, muitas dúvidas surgiram após esta decisão, como por exemplo: Como

começar minha atividade como autônoma? Como divulgar meu trabalho? Deveria fazer algum registro no Conselho Regional de Enfermagem (COREN)? Quanto cobrar pelo meu trabalho?

O curso realizado no SEBRAE tratava sobre as características do empreendedor e as ações que a pessoa interessada em empreender deveria planejar e executar para criar e manter seu negócio, todavia não era um conteúdo específico para um profissional liberal e da área da saúde.

Vale destacar ainda que, em minha educação familiar, tive como orientadores meu pai, militar do Exército e geógrafo, e minha mãe, advogada e professora primária, dos quais recebi incentivos e oportunidades para desenvolver uma personalidade baseada em vivências, que possibilitaram o desenvolvimento de habilidades e competências como a disciplina, a persistência, o trabalho em equipe, o pensamento de coletividade, assim como o pensamento crítico, o conhecimento de deveres e direitos, a negociação e o gerenciamento de conflitos.

Tendo como um hábito a busca por conhecimentos, realizei, então, mais estudos sobre as legislações que regiam o profissional liberal e busquei as resoluções do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) e do Conselho Regional de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro (COREN-RJ), com o intento de encontrar uma orientação para trabalhar desta forma. Não obtive respostas averiguando as resoluções de tais Conselhos, mas ao compreender a legislação específica que regulamenta o profissional liberal, constatei ser possível labutar deste modo.

Decide empreender e, primeiramente, planejei como seria o meu trabalho. Defini assim qual seria o público-alvo, quais serviços seriam oferecidos, onde ocorreriam estes cuidados, que insumos precisaria possuir, qual seria o valor de cada procedimento, entre outros aspectos pertinentes. Em seguida, contratei os serviços de uma gráfica para confecção de cartões de visita e bloco de receituário e abasteci um pequeno estoque com insumos.

Conjuntamente, procurei três médicos(as), dos quais já era paciente há alguns anos, e que sabiam que eu havia concluído a graduação em enfermagem. Apresentei-lhes a proposta de trabalho que estava realizando e deixei meus contatos caso algum paciente que eles atendiam precisasse de cuidados.

O meu trabalho consistia em ir ao domicílio do cliente realizar a consulta de enfermagem, assim como a avaliação da sua condição geral no pós-operatório, a ferida cirúrgica, realizava o curativo, considerando a complexidade do caso, e ensinava ao cliente ou ao acompanhante como realizar o curativo, explicava os sinais e sintomas que indicariam problemas no pós-operatório, orientava a administração e registro dos medicamentos, os cuidados com o ambiente, entre outras atividades oportunas.

Trabalhei desta forma por alguns meses e deparei-me com diferentes diversidades, como o desconhecimento das pessoas sobre a autonomia do Enfermeiro no exercício de suas atividades, a dificuldade de conseguir clientes, a complexidade em precificar os serviços oferecidos/realizados, o aperto em comprar insumos e materiais para manter um estoque, a incerteza sobre como divulgar mais os meus serviços (folder, anúncio no jornal do bairro, folha do receituário, entre outros). Iniciei atendendo pacientes indicados pelos médicos e alguns outros indicados pelos próprios pacientes atendidos, no entanto, este meio de atuação apresenta sazonalidade.

Perante necessidades pessoais e financeiras, comecei a buscar uma colocação em instituições de saúde e fui convidada para participar de um processo seletivo na área da educação, para vaga de professora de estágio no Ensino Superior. Fui aprovada na análise curricular, no teste teórico-prático e na prova de aula.

Tive como *feedback* do avaliador que a minha vivência como autônoma foi um diferencial para a aprovação. A instituição estava em um momento de transição e reformulação em todas as áreas, após um período de dificuldades financeiras e demissão de funcionários, a nova gestão buscava professores motivados e comprometidos com a educação dos futuros profissionais.

Após iniciar minhas atividades como docente, matriculei-me em um curso de especialização em Enfermagem Dermatológica, com a expectativa de conhecer com mais profundidade esta área de atuação. Com o avanço do curso, fui aproximada do consultório de enfermagem particular e a possibilidade de empreender, logo inquietou-me a abordagem deste conhecimento no contexto da pós-graduação.

Durante o transcorrer do curso de pós-graduação, tive contato com enfermeiros de diferentes áreas que cursavam outras especializações, tais como Terapia Intensiva, Enfermagem do Trabalho, Saúde Pública e Oncologia. Durante o intervalo das aulas conversávamos sobre nossos cursos e, ao abordar o empreendedorismo e as possibilidades de empreender como enfermeiros especialistas - temática falada em uma aula por um dos docentes do meu curso de especialização - a surpresa sobre o tema e esta possibilidade foi unânime, pois eles destacavam que estas informações não eram trabalhadas em seus respectivos cursos.

Diante desta situação, interrogava-me se seria apenas nas áreas da Dermatologia e Estomaterapia que o Empreendedorismo era informado.

A partir das buscas sobre o Empreendedorismo na seara da Enfermagem notei que outras áreas de especialização em Enfermagem exerciam suas atividades por meio de consultórios e clínicas, tal como as áreas da Saúde da Mulher e da Saúde do Idoso.

Investigando mais sobre o tema, tive acesso a uma entrevista feita por Souza (2012) com o professor Fábio Zugman¹, na qual destacava o Empreendedorismo como um tema pouco trabalhado nos cursos de graduação, onde “muito pouco se fazia para motivar os alunos a perseguirem seus ideais e criar o próprio futuro” (AGÊNCIA SEBRAE *ONLINE*, 2012).

Após a leitura desta entrevista, repensei sobre a formação acadêmica do enfermeiro no Brasil e a influência que a cultura, a sociedade, a economia e a história local exerciam sobre os profissionais.

Tais fatores contribuem também na formação da identidade profissional, assim como no delineamento da visão que a sociedade, por meio de seus contextos estruturados e de relações assimétricas, constrói e retroalimenta sobre o papel que determinada profissão e/ou profissional desempenha. Este ponderamento fez com que eu considerasse que a Enfermagem não apresentava muita visibilidade, perceptibilidade de sua importância e independência profissional diante de uma sociedade enraizada por visões distorcidas e de dependência.

Corroborando esta ótica, Erdmann *et al*² (2009) asseveram que ainda é vivenciada pela Enfermagem a desvalorização profissional e que seus profissionais muitas vezes representam um grupo marginalizado. Igualmente, Nauderer e Lima (2005) ratificam que o profissional enfermeiro tem sua imagem identificada pela sociedade com distorções, composta de estereótipos, evidenciando o desconhecimento sobre a sua atuação ou o cunho depreciativo em relação à profissão, sendo um profissional desvalorizado socialmente.

Em palestra apresentada no 11º Encontro do Conselho Regional de Enfermagem do Piauí (ENCREPI), no ano de 2012, a Enfermeira Dr.^a Dorisdaia Carvalho de Humeres³ abordou a visibilidade social do Enfermeiro, propondo como uma das estratégias as atitudes

¹ Doutor em Administração pela FEA-USP, Mestre em Administração pela Universidade Federal do Paraná (2004), Graduado em Ciência da Computação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2002), sendo o pioneiro no Brasil em tratar do tema Administração voltado aos Profissionais Liberais, trabalha com os temas Inovação e Criatividade. Autor de seis livros, entre eles “Administração para Profissionais Liberais” e “Empreendedores Esquecidos”.

² Os autores Alacoque Lorenzini Erdmann; Juliana Vieira Fernandes; Cecília Melo; Bruna Ré Carvalho; Quézia Menezes; Roberta de Freitas; Eduardo Emarinony; Marli Terezinha Stein Backes, por meio do artigo de Relato de Experiência “A visibilidade da profissão de enfermeiro: reconhecendo conquistas e lacunas”, concluem que despertar a **visão empreendedora** do Enfermeiro desde a graduação é essencial para que os acadêmicos, quando inseridos no mercado de trabalho, possam estar motivados e criem estratégias para que a profissão conquiste mais voz e vez nos diversos campos de atuação profissional.

³ Doutora em Enfermagem Psiquiátrica pela Universidade de São Paulo (USP), Conselheira do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), Membro do Corpo Editorial e Revisora de Periódico de diversas revistas, Avaliadora de Cursos de Graduação e Avaliadora Institucional no Sinais/Inep/MEC.

individuais e produção de novas práticas, com intento de construção coletiva de uma profissão mais influente.

Em vista deste contexto, considero o Empreendedorismo uma temática que deve ser trabalhada na Enfermagem e com o intuito de pesquisar com profundidade tal temática na área da Enfermagem, decidi inserir-me na esfera *stricto sensu* e participar do Processo Seletivo para o Mestrado, quando fui aprovada e iniciei o presente estudo com o objetivo inicial de desvelar o Empreendedorismo praticado na área da Enfermagem.

Com o decorrer desta pesquisa, aprofundei os estudos sobre o empreendedorismo e inovação, sendo estes dois temas pilares para o enfrentamento de problemas e gênese de soluções, para as vicissitudes existentes neste período (ano de 2016⁴), marcado por crise nas áreas financeira, política, social, educacional, entre outras, e que tem atingido o mercado de trabalho como um todo, reverberando no campo da saúde e, conseqüentemente, da enfermagem, com a diminuição de vagas de trabalho e oferta de concursos públicos, falta e/ou atraso de vencimentos, demissão e sobrecarga de profissionais, insegurança nos ambientes laborais, falta de insumos para atuação, entre demais situações.

Paralelamente às atividades de pesquisa, expandi minhas ações comprometendo-me com a divulgação do empreendedorismo e da inovação na área da enfermagem. Iniciei um movimento de propagação na instituição de ensino superior (IES) privado que atuo como docente com a oferta de palestras e rodas de conversas sobre os referidos temas e o interesse e procura dos alunos e colegas de trabalho foram grandes, conseguindo então realizar atividades em vários *campi*.

Como fruto deste movimento, fui selecionada e indicada por uma coordenadora do curso de enfermagem, de um dos *campus* onde atuo, para participar de um processo seletivo interno, em âmbito nacional. Fui aprovada na análise curricular e entrevista, e integrei com outros 19 docentes de vários estados do Brasil, a 1ª turma de Embaixadores NAVE.

Este projeto dos Embaixadores NAVE consistia em construir uma rede de líderes, para alimentação do ecossistema empreendedor, com docentes empreendedores, que já fomentavam o empreendedorismo e inovação entre os alunos da IES. Fui a única enfermeira participante do projeto, que tinha outros profissionais da área da saúde, uma fisioterapeuta, um educador físico e uma farmacêutica.

⁴ O ano de 2016, no Brasil, teve como fatos relevantes na política, a inclusão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na investigação nomeada "Lava Jato" (sobre corrupção na Petrobrás), o *impeachment* da presidente Dilma Roussef, a assunção da presidência pelo vice-presidente Michael Temer (presidente em exercício); na economia, o aumento da inflação e a redução do PIB; na sociedade, aumento do desemprego, greve de professores, paralisação de escolas e faculdades públicas.

Continuei promovendo atividades na IES em que atuo e recebi convites para palestrar em outras IES, tanto públicas quanto privadas, no município do Rio de Janeiro e outros municípios vizinhos, para alunos de graduação e pós-graduação em enfermagem.

Novamente fui selecionada para participar de um processo seletivo interno sendo aprovada. Integrei a 1ª turma de capacitação para formação de facilitadores, multiplicadores de um curso promovido pela Endeavor e o SEBRAE sobre empreendedorismo para universitários. Os facilitadores foram capacitados para o uso de Metodologias Ativas por meio de Sistema Híbrido (presencial, semipresencial e a distância) com objetivo de estimular e preparar o universitário para empreender e inovar.

A formação acadêmica no Curso de Mestrado, concomitante a esta empreitada, e a realização desta pesquisa permitiu que eu instrumentalizasse-me acerca de saberes imprescindíveis *sobre e para* o empreender na enfermagem, bem como agraciou-me com a possibilidade de conhecer enfermeiros empreendedores e sua história.

Aprendi muito com esta rica experiência, motivei-me com indivíduos admiráveis e, mais uma vez, decidi expandir minhas ações empreendedoras, inserindo no mercado uma empresa especializada em atividades de estímulo ao empreendedorismo e à inovação na enfermagem. Tal empresa tem como missão fomentar o empreendedorismo e inovação no âmbito da enfermagem, capacitando os enfermeiros para empreender e inovar em seus serviços.

Realizando buscas nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) é possível observar na Base de Dados de Enfermagem (BDEnf), que pouca produção científica é encontrada na seara da Enfermagem sobre o Empreendedorismo. Logo, com a realização deste estudo, foi possível conhecer os tipos de Enfermeiros Empreendedores atuantes no Estado do Rio de Janeiro, assim como em que áreas estes Empreendedores atuam, como conheceram o Empreendedorismo e o porquê decidiram empreender. Estas informações, até o momento, eram desconhecidas na área da Enfermagem.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO E CONCEPÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

“Empreender é uma forma de ser, muito mais do que fazer” (Dolabela, 2008).

Por intermédio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) é possível conhecer um pouco mais do movimento histórico, político e cultural que iniciou no Brasil na década de 1970, com o objetivo de fomentar o empreendedorismo nacional e, conseqüentemente, aumentar a criação de postos de trabalho e movimentar a economia do país.

Neste período, conhecido como a “Década do Milagre Brasileiro” - quando a economia cresceu vertiginosamente fomentada por empréstimos e investimentos estrangeiros, ocorreu a evasão rural, o aumento da urbanização, a expansão da indústria, dos empregos em massa, do mercado interno, a implantação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), a inserção da mulher no mercado de trabalho, entre muitos outros adventos (MELO, 2008), conjuntura esta que favoreceu o surgimento do Empreendedorismo, sendo à época um movimento recente no país, inserido na interseção de várias esferas, tais como a educação, a economia, a cultura.

O conceito de empreendedorismo tem sido muito difundido no Brasil desde a década dos anos 90 e o fenômeno da globalização fez com que muitas grandes empresas brasileiras tivessem que procurar alternativas para aumentar a competitividade, reduzir os custos e manter-se no mercado. Nesta perspectiva, o governo e as entidades de classe atentaram para a popularização do empreendedorismo, preocupando-se com a criação de pequenas empresas duradouras no mercado e com a necessidade de diminuição das altas taxas de mortalidade destes empreendimentos (DORNELAS, 2005).

Uma das conseqüências imediatas de falência das grandes empresas foi o aumento do índice de desemprego, principalmente nas grandes cidades, onde há a maior concentração de empresas. Com isso, os ex-funcionários destas empresas, demitidos e sem alternativas, iniciaram a criação de novos negócios (Empreendedorismo por Necessidade), às vezes mesmo sem experiência no ramo, usando as poucas economias pessoais, o Fundo de Garantia por

Tempo de Serviço (FGTS), dentre outras fontes de financiamento. Em vista disso, estes indivíduos trocaram seus papéis, de empregados a patrões, e, pelo cenário da falta de crédito, pelo excesso de impostos e pelas altas taxas de juros, muitos permaneceram na economia informal (DORNELAS, 2005).

Com o advento da internet, novos negócios foram criados nos anos de 1999 e 2000, de forma que muitos indivíduos tentaram tornarem-se jovens milionários e independentes. Nesta época, muitos jovens herdaram os negócios dos pais ou parentes e tentaram dar continuidade a empresas criadas há décadas (DORNELAS, 2005).

A associação de fatores despertou discussões a respeito do tema Empreendedorismo no país, com ênfase crescente nas pesquisas relacionadas ao assunto no âmbito acadêmico, bem como a criação de programas específicos direcionados ao público empreendedor, como foi o caso do Programa Brasil Empreendedor do Governo Federal, instituído em 1999, tendo como meta inicial a capacitação de mais de um milhão de empreendedores brasileiros na elaboração de Plano de Negócios, visando a captação de recursos junto aos agentes financeiros do programa (DORNELAS, 2005).

Dados do SEBRAE revelam que no período de 1990 a 1999 foram constituídas no Brasil 4,9 milhões de empresas, dentre as quais 2,7 milhões eram microempresas. Ou seja, foram criadas mais de 55% microempresas nesse período. Pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e citadas no *site* do SEBRAE mostram que em 2001 o total de empresas formais em atividade no Brasil era de 4,63 milhões, contemplando os setores da indústria, comércio e serviços. As microempresas representavam 93,9% do total de empresas. O conjunto das micro e pequenas empresas alcançavam 99,2% do total (DORNELAS, 2005).

Para enriquecer o ambiente de criação de micro e pequenas empresas nacionais, no ano de 2012 foi iniciado um projeto de construção de Elementos Estruturantes para uma Política Nacional de Empreendedorismo e Negócios, fruto do movimento interno e de articulação de distintas esferas, como a Economia, a Política, a Educação, relacionadas à necessidade de um ambiente socioeconômico, político e tecnológico favorável à criação e ao desenvolvimento de empreendimentos sustentáveis. Foram realizadas atividades como seminários e oficinas de trabalho nas cidades de Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte, Goiânia, Brasília, Salvador e Belém para deliberações (BRASIL, 2012).

Dirigido pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), por intermédio da Secretaria de Comércio e Serviços – Departamento de Micro, Pequenas e

Médias Empresas, e o Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília (CDT/UnB) este estudo produziu um documento executivo cujo:

[...] objetivo geral é o delineamento de uma política nacional de estímulo ao empreendedorismo por meio de um conjunto de ações de sensibilização, mobilização e estímulo ao debate entre as partes diretamente interessadas - governo, empresariado, **academia**⁵ e sociedade civil (BRASIL, 2012, p.09).

Alguns pontos que justificam a criação desta política nacional de empreendedorismo e negócios no Brasil são a inexistência de uma política nacional de estímulo e apoio ao empreendedor e a necessidade de criação de um cenário socioeconômico, político e tecnológico favorável à criação e desenvolvimento de empreendimentos sustentáveis, por meio do qual a presente transformação estrutural que o ambiente econômico e social brasileiro tem experimentado, possibilitará a mudança da organização empresarial brasileira voltada para a conquista de níveis mais elevados de competitividade e produtividade, reposicionando o Brasil frente aos principais atores internacionais (BRASIL, 2012).

O documento executivo do projeto de construção de Elementos Estruturantes de uma Política Nacional de Empreendedorismo e Negócios apresenta alguns resultados importantes, tais como, a observação de que o tema empreendedorismo é parte integrante do rol de ações de diferentes órgãos e entidades, mas implementadas de forma desarticulada e desconhecida por muitos, e que o empreendedorismo como quinto fator de produção⁶ é estratégico, mas ainda não valorizado nas organizações públicas e privadas (BRASIL, 2012).

O MDIC, em sua página virtual (*site*), publicou em 2001 o resultado de uma pesquisa realizada pela empresa norte-americana *Anderson and Consulting*⁷ que revelava que o indivíduo brasileiro é um empreendedor nato, constatando que sete entre dez brasileiros gostaria de ter o seu próprio negócio.

Imersos nesta realidade, os cursos e profissionais das áreas de Gestão e Negócios, e outros cursos da área das Ciências Sociais Aplicadas, assim como o curso de Sociologia, cada vez mais tem trabalhado com a temática Empreendedorismo, sendo abordados os movimentos

⁵ Grifo nosso.

⁶O ambiente econômico trabalha com fatores de produção, sendo definidos em cinco – trabalho, capital, terra, tecnologia e o empreendedorismo (BRASIL, 2012).

⁷*Anderson and Consulting* é uma empresa norte-americana com sede na cidade de Chicago, estado de Illinois, nos EUA. É classificada como uma *holding* que presta serviços de auditoria, impostos e consultoria para grandes corporações. Nota: Definição de *holding* uma sociedade criada com o objetivo de administrar um grupo de empresas (conglomerado) (BRASIL, 1976).

do empreendedorismo social, as inter-relações do empreendedorismo com a cultura, a sociedade, a política, entre outros.

Acessando as bases de dados da BVS é possível constatar que o termo Empreendedorismo e Empreendedor não são descritores. Focalizando a procura pelo tema, na área da Enfermagem, poucas publicações são encontradas, sendo a maioria dos estudos concentrada na área da Psicologia, que aborda, entre outros assuntos, o perfil da pessoa empreendedora e as especificidades da mulher empreendedora.

Com o desígnio de delinear o processo de transformação pelo qual o mundo e o Brasil têm apresentado, ressalta-se que o século XXI iniciou com algumas transformações em diferentes esferas, desencadeando mudanças políticas, inovações tecnológicas, avanços na saúde, alterações climáticas, novas propostas na área da educação, entre muitas outras. O mundo globalizado favoreceu as pessoas o maior acesso às informações, principalmente no que concerne o alcance aos direitos dos cidadãos. Desta forma, a qualidade dos serviços prestados ao público em diferentes esferas passou a ser constantemente exigida pela sociedade (NUNES e VILLARINHO, 2009).

Os temas de ordem são cidadania, sustentabilidade, planetaridade, virtualidade, transdisciplinaridade e, de acordo com Gadotti (2000, p. 34) também são os desafios para a era do conhecimento, aos quais acrescenta-se e destaca-se a preocupação com a redução de danos/impactos, a propagação da consciência coletiva e o empreendedorismo, seja ele de cunho social ou privado.

Por conseguinte, a esta realidade em rápida e constante evolução, a sociedade e seus atores buscam adequar-se para construir soluções para o campo da Educação, da Economia, da Política, da Saúde, entre demais. Ratificando esta busca, tem-se no país a Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde, lançada inicialmente no ano de 2005, com a 2ª edição e 3ª reimpressão em 2011. Ela é fruto do movimento de procura de resoluções, sendo uma criação da Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde (PNCT&I/S) do país, que utiliza um instrumento que é dividido em 24 subagendas que apresentam os grandes temas para pesquisa e as respectivas linhas temáticas apresentadas em seções e subseções.

A grande área no qual este estudo está inserido é a número 21, referente a Gestão do Trabalho e Educação em Saúde, na seção 21.2 que aborda a Organização e Avaliação de Políticas, Programas e Serviços, e subseção 21.2.3 que engloba Processos de trabalho e formação em saúde, suas especificidades relativas ao conjunto de profissões frente à incorporação de novas tecnologias, saberes, práticas e formas de inserção profissional, considerando a atenção básica, média e de alta complexidade (BRASIL, 2011).

Ao abordar-se o mercado de trabalho da Enfermagem é possível utilizar como base um Relatório sobre a Empregabilidade e Trabalho dos Enfermeiros no Brasil, realizado em conjunto pelo Instituto de Medicina Social, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro e a Rede Observatório de Recursos Humanos em Saúde no ano de 2006.

Deste relatório, um dos dados interessantes para a contextualização deste estudo é o destaque dado aos primeiros cinco anos do novo milênio (2000-2005), no qual o país enfrentou um período crítico no mercado de trabalho, com evidência no aumento do desemprego, que refletiu na forma de contratação de muitos profissionais, levando-os a procura por modelos alternativos, tais como o serviço autônomo e também as cooperativas (UERJ, 2006).

O estudo buscou comparar a disposição do Mercado de Trabalho do Enfermeiro, o Mercado de Trabalho Nacional e o Mercado de Trabalho em Saúde, destacando as tendências para o nicho da Enfermagem e os possíveis cenários para sua atuação. Para analisar estes dados é mostrado um cálculo relativo ao provável número de egressos que seriam inseridos no mercado de trabalho no ano de 2008, chegando aos noventa e nove mil. Conclui-se então que o cenário há uma década era de um aumento do desemprego no país e um elevado número de novos profissionais inseridos no mercado em busca do primeiro emprego (UERJ, 2006).

A pesquisa revelou que apenas 2% (11 profissionais) dos 565 enfermeiros entrevistados⁸ declararam a sua atuação autônoma como primeira experiência, bem como apenas onze enfermeiros ativos no mercado afirmaram atuar no âmbito da assistência e consulta particular de enfermagem. Foi ainda indagado aos participantes suas opiniões referentes a Autonomia do Enfermeiro, tendo como achado um aumento no grau de autonomia assim como, a possibilidade de estabelecer-se como Profissão Liberal. Ainda nesta linha de percepção dos participantes foi perguntado um fator desmotivador da vida profissional como enfermeiro, sendo destacada a falta de reconhecimento e as condições de trabalho (UERJ, 2006).

Mudando o foco, direcionando as assertivas para as modalidades de vínculos de trabalho que poderiam ser atrativas para o enfermeiro, a mais citada foi o vínculo flexível, mas bem remunerado. Algumas das considerações finais descritas no relatório foram o cenário favorável para a empregabilidade do enfermeiro, observando que somente 1% (5 profissionais) dos entrevistados declarou estar desempregado, e a perspectiva de obtenção de

⁸ Os 565 enfermeiros participantes da pesquisa foram convidados durante a realização de dois eventos - 8º Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem, realizado no período de 24 a 28 de outubro de 2005, em Maceió/AL e o 57º Congresso Brasileiro de Enfermagem, realizado no período de 3 a 7 de novembro de 2005, em Goiânia/GO, garantindo uma amostra com profissionais de todas as regiões do país (UERJ, 2006, p. 27).

maiores rendimentos ser um atrativo para os recém-formados, que procuram vínculos de trabalho mais flexíveis e mais bem remunerados, contrastando com os enfermeiros com mais de trinta anos de formados que optam por vínculos formais e estáveis (UERJ, 2006).

Esta realidade denota que o contexto social e cultural no qual os enfermeiros mais antigos foram formados e construíram suas vidas profissionais é diferente do contexto existente na realização da pesquisa, ano de 2006, que oportunizava o desenvolvimento da atuação autônoma e empreendedora, por exemplo.

O COFEN pela Resolução nº 255 do ano de 2001, que revogou a Resolução nº 233 do ano 2000, atualizou as normas estabelecidas para o registro de empresas. Nela o Sistema COFEN/COREN deve realizar o registro das empresas em atividade na área da Enfermagem, da mesma forma que devem manter registrados os dirigentes de atividades de enfermagem, ou seja, os Responsáveis Técnicos.

Alguns Conselhos Regionais de Enfermagem, tal como o COREN-RS, possuem estes registros e os disponibilizam por meio virtual, bastando acessar a página virtual (*site*) da entidade para ter conhecimento das empresas de enfermagem existentes no estado, assim como seus respectivos nomes, endereços e número de registro. Esta divulgação pública sobre os empreendimentos de enfermeiros torna-se um elemento facilitador na propaganda desta vertente de atuação.

O Empreendedorismo é elucidado como um movimento gerado pela pessoa empreendedora que tem como características a coragem para assumir riscos, a visão diferenciada das situações, a criatividade para criar e a inovação para construir algo novo mediante uma oportunidade (DORNELAS, 2016).

Os profissionais e/ou professores de maior destaque no país sobre este assunto, explicam que a raiz do ensino, na esfera acadêmica, do empreendedorismo nacional surgiu e cresceu no Curso de Ciências da Computação e, por seguinte, no Curso de Engenharia de Produção, na década de 90, de forma que estes acadêmicos desenvolveram durante a faculdade importantes projetos que resultaram em produtos e serviços/empresas, causando grande impacto no ambiente universitário (DORNELAS, 2016, DOLABELA, 2011).

O projeto inovador que possibilitou a inserção destes novos saberes no ambiente acadêmico, atrelando o trabalho de ensino e pesquisa, desenvolvidos na graduação, com o mercado de trabalho, composto pela rede de empresas e profissionais, foi fomentado e mantido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Este programa, criado no ano de 1992, teve a finalidade de estimular a exportação de tecnologia

brasileira por meio de dois projetos, sendo um de incubação⁹ universitária e outro de ensino do empreendedorismo (DOLABELA, 2011).

Estes trabalhos tiveram como resultado maior o início de um movimento, de uma transformação no cenário acadêmico do país, ultrapassando a área da informática e semeando estas ideias em outras áreas do conhecimento (DOLABELA, 2011).

Este saber sobre o empreendedorismo, atualmente, está disseminado em âmbito nacional e, por meio de diversas forças de trabalho, está sendo propagado nas diferentes etapas do ensino, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Superior, tendo como dois de seus objetivos o ensino e o estímulo para formação de uma cultura empreendedora, na qual os indivíduos/profissionais possam gerar emprego e renda, inovar em serviços e produtos, adaptar-se e aprender a aprender, com as especificidades que o mercado de trabalho apresenta juntamente com as mudanças na sociedade e cultura locais.

Amadurece-se esta nova visão sobre o mercado de trabalho nacional e reflete-se sobre as rápidas e constantes alterações que a economia e sociedade no país vêm sofrendo, indaga-se o porquê deste relevante assunto não ser intensamente trabalhado e difundido na área da Saúde e da Enfermagem, composta por uma grande parcela dos profissionais inseridos no mercado de trabalho, aproximadamente 450.000 indivíduos¹⁰, e que também sofrem influência com os movimentos existentes na cultura, economia, política, entre outros.

O Empreendedorismo é um tema que necessita ser estudado com profundidade, por meio de investigação científica, para possível elucidação de suas causas e consequências no âmbito da Enfermagem e de seus profissionais.

Diferentes autores trabalham com o Empreendedorismo e o Empreendedor e, mediante suas linhas de atuação, apresentam diferentes ideias sobre os mesmos. Todavia há consenso – que o Empreendedorismo não pode ser explicado por meio de uma definição, e sim de um conceito, mais amplo e adaptável à esfera no qual está sendo abordado.

Para iniciar a construção de um entendimento sobre o Empreendedorismo, escolho o pensamento em que o Empreendedorismo é referido como uma tradução da palavra *entrepreneurship*, contendo ideias de iniciativa e inovação, e que implica uma forma de ser, de conceber o mundo e de se relacionar (DOLABELA, 2011).

⁹ “Incubadora de empresas são entidades sem fins lucrativos destinadas a amparar o estágio inicial de empresas nascentes que se enquadram em determinadas áreas de negócios” (DORNELAS, 2016, p. 205).

¹⁰ A Federação Nacional de Enfermeiros, em sua página virtual (*site*), publicou em 2013 uma notícia sobre a falta de profissionais de enfermagem na área da Saúde Pública destacando o dado significativo de que os profissionais de enfermagem correspondiam a 60% dos trabalhadores da área da saúde, aproximadamente 450.000 indivíduos.

O Dr. Filion, renomado professor do Canadá, conhecido mundialmente por sua longa vivência em trabalhos envolvendo o assunto Empreendedorismo, desenvolveu uma teoria pela qual é possível entender o afloramento de uma ideia de produto ou serviço que modela-se em um novo negócio (FILION, 1993). A Teoria Visionária possibilita compreender o Processo Visionário que os empreendedores vivenciam ao depararem-se com uma situação na qual eles enxergam uma oportunidade de negócio, tem uma visão do produto que deve ser criado.

Esta realidade pode ser clarificada na investigação dos contextos sociais e culturais estruturados, onde os indivíduos estão continuamente envolvidos, agindo e interagindo, falando e escutando, buscando seus objetivos e seguindo os objetivos dos outros.

Considero essencial a investigação do contexto em que o profissional foi formado, explorando sua visão, os ambientes em que esteve inserido, as pessoas com que teve contato, analisando a cultura e sociedade que o rodeia e por meio das quais relaciona-se e constrói-se como pessoa e profissional.

Diante do exposto levanto as indagações:

- Que aspectos contribuem para a formação de visão no Enfermeiro Empreendedor?
- Quais as características do enfermeiro empreendedor e que habilidades são aprendidas na formação e na prática profissional?

Estes questionamentos nortearão o objeto de estudo “A formação de visão e o desenvolvimento de características e habilidades nos Enfermeiros Empreendedores”.

Para alcançar o objeto de estudo, os objetivos desta pesquisa são:

1. Descrever os aspectos que contribuem para a formação de visão no Enfermeiro Empreendedor e suas implicações para a prática empreendedora;
2. Analisar as características e habilidades dos Enfermeiros Empreendedores adquiridas por meio do aprendizado na formação e na prática profissional.

O estudo é justificado pela oportunidade de compreender a visão que o Enfermeiro Empreendedor tem sobre o Empreendedorismo na área da Enfermagem, o ensino do Empreendedorismo na seara da Enfermagem, o mercado de trabalho existente para o Enfermeiro Empreendedor, o exercício liberal por meio das possibilidades de atuação autônomas e/ou por meio de pessoa jurídica, os empreendimentos construídos pelos Enfermeiros Empreendedores. Estes temas e o Empreendedorismo em si são pouco trabalhados no campo da Enfermagem, segundo dado obtido por intermédio de uma busca

feita na base de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) utilizando a palavra¹¹ *empreendedorismo* nos últimos 16 anos (2000-2016). Esta busca resultou em 113 achados e, após a eliminação dos repetidos, no entanto apenas 13 (14,43%) foram publicados em revistas de Enfermagem. Estes artigos trabalhavam o Empreendedorismo social (03), Novas metodologias de ensino (02), Empreendedorismo na Enfermagem Mineira (01)¹², Práticas de enfermagem empreendedoras e autônomas (01), Políticas, gerência e inovação em grupos de pesquisa para a excelência em enfermagem (01).

QUADRO 1 - LITERATURA DISPONÍVEL NA BVS COM O TEMA EMPREENDEDORISMO (2000-2016).

Nº	Revista	Título	Ano	Palavras-chave	Objetivo (os)
1	Escola Anna Nery Revista de Enfermagem	Atividades socialmente empreendedoras na enfermagem: contribuições à saúde/viver saudável	2016	Participação Comunitária; Educação em Saúde; Pesquisa em Enfermagem; Enfermagem	Conhecer as contribuições de atividades socialmente empreendedoras da enfermagem à saúde de mulheres de uma Associação de Materiais Recicláveis
2	Aquichan	Interatividade sistêmica entre os conceitos interdependentes de cuidado de enfermagem	2016	Enfermagem; Cuidado de enfermagem; Saúde; Sistemas de Saúde; Promoção da Saúde	Apresentar e discutir a interatividade sistêmica entre os conceitos interdependentes de cuidado de enfermagem na perspectiva dos pressupostos teóricos de Edgar Morin
3	Revista Brasileira de Enfermagem	Incubadora de Aprendizagem: ferramenta indutora empreendedorismo na Enfermagem	2015	Pesquisa em Enfermagem; Inovações Tecnológicas; Difusão de Inovação	Conhecer as contribuições da Incubadora de Aprendizagem no processo de educação permanente em saúde
4	Revista Brasileira de Enfermagem	Empreendedorismo na enfermagem: panorama das empresas no estado de São Paulo	2015	Mercado de Trabalho; Contrato de Risco; Enfermagem	Identificar e caracterizar as empresas de enfermagem dirigidas por enfermeiros empresários, registradas na Junta Comercial do Estado de São Paulo até 2011
5	Revista Mineira de Enfermagem	Empreendedorismo na enfermagem mineira	2013	Empreendedorismo; Enfermagem.	Editorial
6	Cogitare Enfermagem	Práticas de enfermagem empreendedoras e autônomas	2013	Enfermagem	Caracterizar as práticas de enfermagem empreendedoras no Estado do Paraná.
7	Aquichan	Políticas, gerência e inovação de grupos de pesquisa para a excelência em enfermagem	2013	Grupos de pesquisa, enfermagem, saúde, pesquisa em enfermagem.	Apontar pressupostos sobre políticas, gerência e inovação de grupos de pesquisa (GPs) de excelência em enfermagem.
8	Escola Anna Nery Revista de Enfermagem	Vivência teórico-prática inovadora no ensino de enfermagem	2012	Modelos de enfermagem; Teoria de Enfermagem; Saúde da família; Cuidados primários de saúde; Enfermagem	Relatar a vivência de ensino-aprendizagem vinculada a um projeto ampliado de ensino, pesquisa e extensão fundamentado nas teorias de enfermagem
9	Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia	A complexidade do cuidado na prática cotidiana da enfermagem gerontogeriatrica	2010	Idoso; Família; Cuidado; Enfermagem; Gerontologia	Refletir sobre a complexidade do cuidado na prática cotidiana da enfermagem gerontogeriatrica.
10	Revista Gaúcha de Enfermagem	Formação do enfermeiro pelo olhar do empreendedorismo social.	2009	Educação em Enfermagem; Responsabilidade Social; Educação em Enfermagem /normas	Discutir a educação em enfermagem sobre a ótica do empreendedorismo social.

¹¹ Empreendedorismo não é um descritor na língua portuguesa. Sendo traduzido para a língua inglesa tem-se a palavra *entrepreneurship*, que é um descritor. Ao traduzir-se este descritor para o idioma português, o descritor encontrado é contrato de risco.

¹² Texto editorial da REME, 17(4):749-750, out-dez. 2013.

Nº	Revista	Título	Ano	Palavras-chave	Objetivo (os)
11	Revista Brasileira de Enfermagem	Promovendo a cidadania por meio do cuidado de enfermagem	2009	Cuidados de enfermagem; Papel do profissional de enfermagem; Responsabilidade social; Pesquisa em enfermagem.	Compreender o significado do cuidado de enfermagem como prática social empreendedora.
12	Journal Health Science Institute	O ensino do empreendedorismo no Curso de Graduação em Enfermagem na Universidade Paulista (UNIP) Goiânia – Goiás	2008	Eficiência organizacional; Estudantes de Enfermagem; Educação em Enfermagem	Analisar a inserção do ensino empreendedor no Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Paulista (UNIP), Goiânia – Goiás.
13	Revista Brasileira de Enfermagem	Incubadora de aprendizagem: uma nova forma de ensino na Enfermagem/ Saúde	2006	Enfermagem; Cuidado de Enfermagem; Saúde; Sistemas de Saúde; Promoção da Saúde	Apresentar e discutir a interatividade sistêmica entre os conceitos interdependentes de cuidado de enfermagem na perspectiva dos pressupostos teóricos de Edgar Morin.

Fazendo a pesquisa com o tema “empreendedorismo”, o operador booleano *and* e o descritor “enfermagem”, são encontrados 13 (treze) artigos, após eliminação dos repetidos, sendo acrescentados 2 (dois) trabalhos, 1 (um) sobre Enfermagem Gerontogeriatrica e 1 (um) sobre o ensino do empreendedorismo na graduação de Enfermagem na UNIP (GO).

QUADRO 2 - LITERATURA DISPONÍVEL NA BVS COM O TEMA EMPREENDEDORISMO AND DESCRIPTOR ENFERMAGEM (2000-2016).

Nº	Revista	Título	Ano	Palavras-chave	Objetivo (os)
1	Escola Anna Nery Revista de Enfermagem	Atividades socialmente empreendedoras na enfermagem: contribuições à saúde/viver saudável	2016	Participação Comunitária; Educação em Saúde; Pesquisa em Enfermagem; Enfermagem	Conhecer as contribuições de atividades socialmente empreendedoras da enfermagem à saúde de mulheres de uma Associação de Materiais Recicláveis
2	Aquichan	Interatividade sistêmica entre os conceitos interdependentes de cuidado de enfermagem	2016	Enfermagem; Cuidado de enfermagem; Saúde; Sistemas de Saúde; Promoção da Saúde	Apresentar e discutir a interatividade sistêmica entre os conceitos interdependentes de cuidado de enfermagem na perspectiva dos pressupostos teóricos de Edgar Morin
3	Revista Brasileira de Enfermagem	Incubadora de Aprendizagem: ferramenta indutora do empreendedorismo na Enfermagem	2015	Pesquisa em Enfermagem; Inovações Tecnológicas; Difusão de Inovação	Conhecer as contribuições da Incubadora de Aprendizagem no processo de educação permanente em saúde
4	Revista Brasileira de Enfermagem	Empreendedorismo na enfermagem: panorama das empresas no estado de São Paulo	2015	Mercado de Trabalho; Contrato de Risco; Enfermagem	Identificar e caracterizar as empresas de enfermagem dirigidas por enfermeiros empresários, registradas na Junta Comercial do Estado de São Paulo até 2011
5	Revista Mineira de Enfermagem	Empreendedorismo na enfermagem mineira	2013	Empreendedorismo; Enfermagem.	Editorial
6	Cogitare Enfermagem	Práticas de enfermagem empreendedoras e autônomas	2013	Enfermagem	Caracterizar as práticas de enfermagem empreendedoras no Estado do Paraná.
7	Aquichán	Políticas, gerência e inovação de grupos de pesquisa para a excelência em enfermagem	2013	Grupos de pesquisa, enfermagem, saúde, pesquisa em enfermagem.	Apontar pressupostos sobre políticas, gerência e inovação de grupos de pesquisa (GPs) de excelência em enfermagem.
8	Escola Anna Nery Revista de Enfermagem	Vivência teórico-prática inovadora no ensino de enfermagem	2012	Modelos de enfermagem; Teoria de Enfermagem; Saúde da família; Cuidados primários de saúde; Enfermagem	Relatar a vivência de ensino-aprendizagem vinculada a um projeto ampliado de ensino, pesquisa e extensão fundamentado nas teorias de enfermagem

Nº	Revista	Título	Ano	Palavras-chave	Objetivo (os)
9	Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia	A complexidade do cuidado na prática cotidiana da enfermagem gerontogerátrica	2010	Idoso; Família; Cuidado; Enfermagem; Gerontologia	Refletir sobre a complexidade do cuidado na prática cotidiana da enfermagem gerontogerátrica.
10	Revista Gaúcha de Enfermagem	Formação do enfermeiro pelo olhar do empreendedorismo social.	2009	Educação em Enfermagem; Responsabilidade Social; Educação em Enfermagem /normas	Discutir a educação em enfermagem sobre a ótica do empreendedorismo social.
11	Revista Brasileira de Enfermagem	Promovendo a cidadania por meio do cuidado de enfermagem	2009	Cuidados de enfermagem; Papel do profissional de enfermagem; Responsabilidade social; Pesquisa em enfermagem.	Compreender o significado do cuidado de enfermagem como prática social empreendedora.
12	Journal Health Science Institute	O ensino do empreendedorismo no Curso de Graduação em Enfermagem na Universidade Paulista (UNIP) Goiânia - Goiás	2008	Eficiência organizacional; Estudantes de Enfermagem; Educação em Enfermagem	Analisar a inserção do ensino empreendedor no Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Paulista (UNIP), Goiânia – Goiás.
13	Revista Brasileira de Enfermagem	Incubadora de aprendizagem: uma nova forma de ensino na Enfermagem/ Saúde	2006	Enfermagem; Cuidado de Enfermagem; Saúde; Sistemas de Saúde; Promoção da Saúde	Apresentar e discutir a interatividade sistêmica entre os conceitos interdependentes de cuidado de enfermagem na perspectiva dos pressupostos teóricos de Edgar Morin.

A busca usando empreendedorismo *and* enfermagem *and* formação culminou em 7 (sete) trabalhos, eliminando-se os repetidos, resultaram apenas 4 (quatro).

QUADRO 3 - LITERATURA DISPONÍVEL NA BVS COM O TEMA EMPREENDEDORISMO AND ENFERMAGEM AND FORMAÇÃO (2000-2016).

Nº	Revista	Título	Ano	Palavras-chave	Objetivo (os)
1	Aquichán	Políticas, gerência e inovação de grupos de pesquisa para a excelência em enfermagem	2013	Grupos de pesquisa, enfermagem, saúde, pesquisa em enfermagem.	Apontar pressupostos sobre políticas, gerência e inovação de grupos de pesquisa (GPs) de excelência em enfermagem.
2	Revista de Enfermagem Escola Anna Nery	Vivência teórico-prática inovadora no ensino de enfermagem	2012	Modelos de enfermagem. Teoria de Enfermagem. Saúde da família. Cuidados primários de saúde. Enfermagem.	Relatar a vivência de ensino-aprendizagem vinculada a um projeto ampliado de ensino, pesquisa e extensão fundamentado nas teorias de enfermagem.
3	Revista Gaúcha de Enfermagem	Formação do enfermeiro pelo olhar do empreendedorismo social.	2009	Educação em Enfermagem; Responsabilidade Social; Educação em Enfermagem /normas	Discutir a educação em enfermagem sobre a ótica do empreendedorismo social.
4	Journal Health Science Institute	O ensino do empreendedorismo no Curso de Graduação em Enfermagem na Universidade Paulista (UNIP) Goiânia – Goiás	2008	Eficiência organizacional; Estudantes de Enfermagem; Educação em Enfermagem	Analisar a inserção do ensino empreendedor no Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Paulista (UNIP), Goiânia – Goiás.

Posteriormente, foi realizada outra busca utilizando os descritores *entrepreneurship and nursing and education* que resultou em 62 artigos, sendo apenas 03 publicados em língua portuguesa, após eliminação dos repetidos (QUADRO 04). Já utilizando os descritores *entrepreneurship and nursing and training* foram identificados 34 trabalhos, todos publicados em língua inglesa.

QUADRO 4 - LITERATURA DISPONÍVEL NA BVS COM OS DESCRITORES ENTREPRENEURSHIP AND NURSING AND EDUCATION (2000-2016).

Nº	Revista	Título	Ano	Palavras-chave	Objetivo (os)
1	Escola Anna Nery Revista de Enfermagem	Atividades socialmente empreendedoras na enfermagem: contribuições à saúde/viver saudável	2016	Participação Comunitária; Educação em Saúde; Pesquisa em Enfermagem; Enfermagem	Conhecer as contribuições de atividades socialmente empreendedoras da enfermagem à saúde de mulheres de uma Associação de Materiais Recicláveis
2	Revista Brasileira de Enfermagem	Incubadora de Aprendizagem: ferramenta indutora do empreendedorismo na Enfermagem	2015	Pesquisa em Enfermagem; Inovações Tecnológicas; Difusão de Inovação	Conhecer as contribuições da Incubadora de Aprendizagem no processo de educação permanente em saúde
3	Revista de Enfermagem Escola Anna Nery	Vivência teórico-prática inovadora no ensino de enfermagem	2012	Modelos de enfermagem. Teoria de Enfermagem. Saúde da família. Cuidados primários de saúde. Enfermagem.	Relatar a vivência de ensino-aprendizagem vinculada a um projeto ampliado de ensino, pesquisa e extensão fundamentado nas teorias de enfermagem.

Após esta breve apresentação sobre os estudos disponíveis na BVS com o tema Empreendedorismo, salienta-se que existem trabalhos relacionados a esta temática que não encontram-se dispostos na referida base de dados. Exemplo disto são artigos científicos encontrados por meio da ferramenta eletrônica *Google Acadêmico*¹³ e que não estão inclusos na seleção já apresentada.

QUADRO 5 - LITERATURA DISPONÍVEL NO GOOGLE ACADÊMICO COM AS PALAVRAS EMPREENDEDORISMO E ENFERMAGEM (2000-2016).

Nº	Revista	Título	Ano	Palavras-chave	Objetivo (os)
1	Revista Brasileira de Enfermagem	Estudantes de enfermagem têm perfil empreendedor?	2009	Emprego; Mobilidade ocupacional; Ocupações; Estudantes de enfermagem; Enfermagem.	Conhecer o perfil dos estudantes concluintes de um curso de graduação em enfermagem quanto ao empreendedorismo.
2	Cogitare Enfermagem	Características empreendedoras do futuro enfermeiro	2013	Estudantes de enfermagem; Gestão em saúde; Enfermagem; Competência profissional.	Conhecer as características empreendedoras do graduando em enfermagem.
3	Perspectivas online: Biologia & Saúde	Potencialidades e vulnerabilidades do enfermeiro empreendedor: uma revisão integrativa	2013	Empreendedorismo; Empreendedorismo na saúde; Empreendedorismo na enfermagem.	Conhecer a produção e socialização do conhecimento sobre empreendedorismo nas diferentes áreas do conhecimento.
4	Enfermeria Global	Formando empreendedores na enfermagem: promovendo competências e aptidões sócio-políticas.	2009	Educação em enfermagem; Formação de conceito; Mercado de trabalho.	Analisar e discutir conceitos e características relacionadas ao empreendedorismo e construir um relato de experiências.
5	Journal of Management & Primary Health Care	Novas competências na atuação dos enfermeiros no mundo globalizado	2012	Enfermagem	Editorial
Nº	Revista	Título	Ano	Palavras-chave	Objetivo (os)
6	Periódico Unifra	Metodologias de ensino aprendizagem	2012	Enfermagem; Educação em Saúde; Vínculo e	A forma com que os estudantes de enfermagem estão aprendendo a

¹³ Recurso virtual, com várias ferramentas, que funciona como um sistema de busca para diferentes qualidades de trabalhos oriundos de literatura acadêmica.

		empreendedoras: aprendendo a ser enfermeiro por meio da aliança com o usuário		Aprendizagem.	serem enfermeiros por meio da aliança com o usuário, feita por meio de metodologias de ensino aprendizagem empreendedoras.
--	--	--	--	---------------	---

Frisa-se também que, como a ferramenta *Google Acadêmico* possibilita o acesso a literatura acadêmica, tem-se rápido alcance a Anais de eventos, por exemplo, no qual acentua-se o trabalho ganhador do Prêmio “Edith de Magalhães Fraenkel”, no 16º SENPE¹⁴, intitulado “Concepções teóricas acerca das competências que fundamentam o empreendedorismo da enfermagem”.

Mediante a exposição destes trabalhos, que tem como um dos temas o empreendedorismo, no entanto não constam na lista ao se realizar uma busca na base de dados BVS, por exemplo, é factível apontar que o quantitativo de estudos com o assunto Empreendedorismo pela Enfermagem é maior do que o exposto.

A partir da análise feita sobre os estudos apresentados, destaca-se que a formação do Enfermeiro no país sempre esteve atrelada as necessidades apresentadas pelo mercado de trabalho nacional. Pesquisas de cunho reflexivo¹⁵ sobre o desenvolvimento da enfermagem profissional no Brasil mostram que o currículo da graduação foi alterado ao longo dos anos, dando ênfase as disciplinas que na prática atenderiam as necessidades do contexto social e econômico. Logo, a realidade do mercado de trabalho e a demanda econômica e social atual requisita uma adequação dos profissionais, sendo o Empreendedorismo uma resposta para tais vicissitudes.

O estudo é relevante por almejar o estímulo a novos estudos sobre esta temática e, conseqüentemente, a compreensão acerca do aprendizado do empreendedorismo na formação em Enfermagem, as características e habilidades apresentadas pelos enfermeiros empreendedores, a influência na expansão da visão atual sobre o mercado de trabalho que o enfermeiro possui para atuar. Assim como fomentar as iniciativas locais dos Conselhos Regionais de Enfermagem de alguns estados brasileiros que nos últimos anos tem estimulado a discussão sobre a prática privada e individual do enfermeiro, por meio dos consultórios particulares, por exemplo, caso do COFEN-RS.

A contribuição deste estudo igualmente está na possibilidade de aprofundamento científico de uma realidade pouco explorada, a viabilidade de atuação do Enfermeiro no

¹⁴ 16º SENPE (Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem) realizado no ano de 2011, no município de Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul, com o tema central Ciência da Enfermagem em tempos de interdisciplinaridade.

¹⁵ Pesquisa intitulada “O ensino de enfermagem e as diretrizes curriculares nacionais: utopia x realidade” publicada por Ito *et al* em 2006, na Revista da Escola de Enfermagem da USP. Pesquisa intitulada “A evolução do ensino de Enfermagem no Brasil: uma revisão histórica” publicada por Silveira e Paiva, em 2011, na Revista Ciência, Cuidado e Saúde.

exercício de seu trabalho liberal, de forma autônoma ou por pessoa jurídica, por meio do empreendedorismo.

Deseja-se também contribuir com a Política Nacional de Incentivo ao Empreendedorismo, que tem como um dos seus eixos prioritários o desenvolvimento e reformulação do sistema educacional em todos os níveis com abordagem transversal da pedagogia para o empreendedorismo e intraempreendedorismo¹⁶, por meio da criação de uma educação empreendedora e redes de disseminação aliada à cultura empreendedora e a tecnologia e inovação (BRASIL, 2012).

Para o Núcleo de Pesquisa de Educação e Saúde em Enfermagem (NUPESINF), do Departamento de Metodologia da Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ), contribuirá com a realização de pesquisa a respeito do Aprendizado em Enfermagem, sobre uma ótica pouco visualizada na prática e de grande potencial exploratório pelos profissionais inseridos no mercado de trabalho atual, bem como os docentes que atuam na graduação e pós-graduação de Enfermagem.

¹⁶ Intraempreendedorismo é praticado pelo indivíduo com comportamento empreendedor que atua em uma empresa (empregado) (LICCIARDI e BARTOLOMEU, 2016, p. 27)

CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Todos nascemos empreendedores. A espécie humana é empreendedora” (Dolabela).

A fundamentação teórica desta pesquisa está constituída no delineamento de conceitos sobre o Empreendedorismo e o Empreendedor, assim como acerca da Inovação e da Inovação em Saúde e no Aprendizado pautado em Vygotsky. Reflete-se a respeito do Empreendedorismo praticado na área da Saúde e da Enfermagem, resgate-se o âmbito histórico-cultural na evolução da formação do Enfermeiro mediante as necessidades apresentadas pelo mercado de trabalho, o que influenciou e influencia na formação acadêmica, interpreta-se a legislação vigente no país para os profissionais liberais e pondera-se sobre o ensino do Empreendedorismo aos profissionais de nível superior.

2.1. BASES CONCEITUAIS

2.1.1. O EMPREENDEDORISMO E O EMPREENDEDOR

“Uma mudança sempre deixa o caminho aberto para outras” (Nicolau Maquiavel).

O Empreendedorismo e o Empreendedor são temas atuais que, para alguns estudiosos das temáticas, são a resposta, a solução de parte dos problemas que a economia nacional e mundial tem enfrentado. Por meio destes personagens, a geração de empregos e renda, bem como de oportunidades de negócios é possível nos diferentes âmbitos sociais, por meio de diversos trabalhadores com profissões e ocupações distintas.

Alguns autores como Dolabela (1999); Dornelas (2008) afirmam que as palavras empreendedorismo e empreendedor são uma tradução livre e adaptada das palavras *entrepreneurship* e *entrepreneur*, ambas de raiz francesa, significando espírito empreendedor e empreiteiro; empresário, empreendedor, respectivamente.

No entanto, conforme explica Gomes (2005) o *empreendedorismo* ou *empreendedor* são substantivos derivados do verbo *empreender* que é originado na forma verbal latina

imprehendo ou *impraehendo* que significa “tentar executar uma tarefa”. Desta forma, a inclusão deste termo no léxico português não ocorreu pela palavra francesa *entrepreneur*, mas sim diretamente do latim. Aliás, em francês arcaico, esse verbo possuía uma forma bem próxima — *emprendre* — do latim e do português moderno ou de outras línguas neolatinas, como exemplos, o italiano (*imprendere*), o provençal (*emprendre*), o catalão (*empendre*) e o espanhol (*emprender*).

É importante frisar como conhecimento, que o substantivo *empreendedor* aparece pela primeira vez em um texto escrito em língua portuguesa no ano de 1563, no livro *Imagem da Vida Christam ordenada per diálogos como membros de sua composiçam; Compostos per Frey Hector Pinto, frade Ieronymo*. E, voltando a atenção para a palavra *empreendedorismo*, é válido recordar que em português é muito comum a formação de palavras por meio de derivação com uso do sufixo grego *-ismos*, *ûs*, ou por meio de sua vertente latina *-ismus*, *i*. Logo, pode-se resumir: *imprehendo* >empreendo + or (sufixo latino que indica *agente*) = empreendedor + ismo = empreendedorismo (GOMES, 2005).

Para melhor compreensão da essência do Empreendedorismo e de seu agente, o Empreendedor, será feita uma análise histórica sobre suas origens. Nesse contexto, pode-se definir como o primeiro exemplo de empreendedor o famoso Marco Polo¹⁷. Com o estabelecimento de uma rota comercial até o Oriente e, conseqüentemente, sucessivas transações comerciais de preciosidades locais, como as especiarias, os tecidos, as joias, entre outros artigos de valor, ele, seu pai e seu tio, viveram uma vida de aventuras por países até então inacessíveis. Conseguiram firmar parcerias econômicas por meio de uma visão aguçada para oportunidades e inicialmente obtiveram recursos para custear suas viagens por meio de um benfeitor. Um homem com posses (atualmente conhecido como capitalista) assinou um contrato com Marco Polo para que o mesmo vendesse seus produtos. O capitalista era o indivíduo que assumia os riscos de forma passiva enquanto o aventureiro (empreendedor) responsabilizava-se pelo papel ativo, exposto aos riscos físicos e emocionais. (DORNELAS, 2016).

Durante a Idade Média, o termo empreendedor era usado para determinar o indivíduo que gerenciava grandes projetos de produção, tais como a construção de uma lavoura ou de

¹⁷ Veneziano, supostamente nasceu em 15 de setembro de 1254 e faleceu em 08 de janeiro de 1324, aos 69 anos. Foi um mercador, embaixador e explorador. Ficou conhecido na História Mundial por ser um dos primeiros ocidentais a percorrer a Rota da Seda. Suas viagens pelo oriente o levaram a lugares com a China, Armênia, Bagdá, Malaca, Índia, Constantinopla, entre outros lugares da Ásia. Prestou seus serviços a grandes líderes da época, como exemplo, o rei Mongol Kublai Khan, neto de Gengis Khan. Em 1298, comandou uma tropa na guerra contra Gênova e acabou virando prisioneiro. Durante sua reclusão ditou suas viagens a um prisioneiro chamado Rusticiano de Pisa. Estes escritos foram traduzidos para o latim no ano de 1315 pelo Frei Francisco Pipino, natural de Bolonha, religioso da Ordem dos Pregadores. Nas três obras foram traduzidas em várias línguas e impressas. A primeira tradução impressa surgiu sob o título de *Livro de Marco Polo* (PORTUGAL, 1922).

um forte, mas não assumindo grandes riscos, pois somente gerenciava os projetos utilizando os recursos que lhe eram disponibilizados, grande parte das vezes pelos governantes locais (DORNELAS, 2016).

Até o século XVI era apontado como empreendedor a pessoa responsável pelo gerenciamento de recursos fornecidos pelos monarcas para construções de diferentes empreitadas, no entanto, encarregar-se por ações arriscadas e desbravar mediante o surgimento de oportunidades não eram suas atitudes até então.

Remetendo-nos a França do século XVI, é possível anunciar o nascimento do Empreendedorismo, no momento em que a primeira referência ao termo surge com os monarcas, que por meio de um capitão, contratavam soldados mercenários para seus serviços (MARTINELLI, 1994 *apud* MELO, 2008, p.89).

Porém, o primeiro sinal de uma correlação entre a adoção da assunção de riscos e o empreendedorismo acontece no século XVII, neste período o empreendedor firmava um acordo por contrato com o governante para realização de algum serviço ou fornecimento de mercadorias. Como geralmente os valores destas transações eram pré-estabelecidos, qualquer ganho ou perda ficava para o empreendedor (DORNELAS, 2016).

Dornelas (2016) sustenta que o famoso escritor, banqueiro e economista Richard Cantillon¹⁸ (1755-1950) é considerado por muitos como um dos criadores do termo empreendedorismo, por intermédio de seu interesse e esforços para identificar o indivíduo empreendedor e diferenciá-lo do capitalista. Esta diferenciação ocorreu com base na vinculação da representação do mesmo, não em relação a sua função na sociedade, mas sim quanto a sua posição com respeito as oscilações de oferta e demanda. Ou seja, Cantillon definiu como empreendedor o indivíduo que comprava matérias-primas, geralmente produtos agrícolas, por um determinado preço e, depois de processá-las, vendia-as a terceiros por um preço incerto, pois visualizava uma oportunidade de negócio e assumia os riscos da mesma.

O pensamento de Cantillon sobre as ações do empreendedor era o de que se houvesse lucro, este ocorria porque o indivíduo havia inovado, realizado algo diferente. Assim, tornaram-se diferenciados o empreendedor (aquele que assumia os riscos) do capitalista (aquele que fornecia o capital) (DORNELAS, 2016).

O interesse de Cantillon pelos empreendedores não era um fato isolado no período, outros pensadores liberais da época também requeriam a liberdade plena para que cada pessoa pudesse usufruir o melhor a partir dos ganhos de seu trabalho. A formação do capitalismo ocorreu simultaneamente com o fenômeno da Revolução Industrial. Tal momento histórico

¹⁸ Economista franco-irlandês (1680-1734).

pode ser caracterizado por grande expansão nas atividades comerciais, empresariais e manufatureiras.

Somente no século XVIII o termo começou a ser usado para referenciar as pessoas envolvidas no âmbito econômico, os *entrepreneurs* eram aqueles que adotavam novas técnicas agrícolas ou arriscavam seu capital na indústria (MARTINELLI, 1994 *apud* MELO, 2008, p.89).

Ao final do século XIX e começo do século XX, os indivíduos empreendedores foram com frequência confundidos com os gerentes e administradores, fato que até este momento (início do século XXI) ocorre, sendo observados e investigados apenas da ótica econômica, ou seja, aqueles envolvidos com a organização e demais funções relacionadas, porém sempre a serviço do capitalista (DORNELAS, 2016).

Com o intenso movimento econômico mundial, derivado da expansão e facilidade dos meios de comunicação, da globalização, das transações comerciais intercontinentais, entre outros, as empresas, os empresários, o capitalista e o empreendedor estão sendo constantemente delineados. Com isso, novos conceitos estão sendo construídos, como destaca o SEBRAE (2012):

Empreendedor é alguém que é ativo, arrojado e que gosta de realizar alguma coisa. Na verdade, todos nós conhecemos esse impulso para construir e crescer, de prosperar na vida. De provar que somos capazes. De fazer melhor. A diferença está apenas no grau de vontade, nos meios de que dispõe e na coragem de cada um em enfrentar as dificuldades e os riscos que existem em qualquer empreendimento – seja montar um negócio ou sair em viagem de férias. Empreendedor, portanto, é a pessoa que gosta de fazer coisas e tem o conhecimento e a determinação necessária para fazê-las (SEBRAE, 2012, p.12).

A figura do empreendedor tem sido vista como uma resposta para as demandas econômicas e financeiras enfrentadas pelo mundo globalizado. Por meio de seu movimento de gênese e agregação de recursos diversos (humanos, materiais, tecnológicos, entre outros) o empreendedor e suas ações são os protagonistas na criação de soluções para diferentes esferas (saúde, educação, indústria, entre demais).

2.1.2. A INOVAÇÃO E A INOVAÇÃO EM SAÚDE

O Empreendedorismo é um tema corrente, sendo juntamente com a Inovação e a Criatividade os pilares da Era da Informação (Digital ou do Conhecimento)¹⁹. O Brasil, desde a década de 1950, vive um movimento de construção de pesquisas em variadas áreas, ocorrendo a partir da década de 1980 um fortalecimento da articulação entre os países com foco na Pesquisa em Saúde, sendo esta um instrumento primordial para a melhoria da situação de saúde das populações. “No Brasil, como ocorre em vários países, o setor Saúde também representa o maior componente de toda a produção científica e tecnológica” (BRASIL, 2011, p. 08).

O desenvolvimento científico e tecnológico ocorre por intermédio das atividades alicerçadas na Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde (PNCT&I/S), que teve sua 1ª edição lançada em 2006 e 2ª edição lançada no ano de 2008, na qual a subseção 2.3, que abrange o Complexo Produtivo em Saúde, define os três grandes componentes de pesquisa, as indústrias químicas, farmacêuticas, e de biotecnologia; as indústrias mecânicas, eletrônicas e de materiais; e as organizações de prestação de serviços (BRASIL, 2011).

O incentivo às pesquisas em saúde é feito pelo Estado, nas esferas federal e estadual, todavia é insuficiente apesar de bem significativo. Existem as agências de fomento do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e as instituições próprias e centros com grupos de pesquisa, contratados para realização de projetos, pelo Ministério da Saúde (MS), os institutos de pesquisa e núcleos de ciência, tecnologia e inovação, vinculados às secretarias de saúde, aos hospitais universitários e às algumas agências de fomento também participam desenvolvendo programas de apoio à pesquisa estratégica, algumas alcançam alto impacto nacional e internacional, em saúde (BRASIL, 2011).

Para direcionar o desenvolvimento de pesquisas baseadas em tecnologia e inovação específicas no âmbito da saúde, foram delineadas estratégias, sendo ressaltadas pela PNCT&I/S:

¹⁹ Historicamente, com base em paradigmas, pode-se definir eras para a evolução da sociedade. Alguns autores defendem a atualidade (ano de 2016) como um momento pertencente a Era da Informação (ou Digital), na qual os computadores foram desenvolvidos e impactaram as relações na sociedade. Outros defendem que a sociedade já vive a Era do Conhecimento, na qual o conhecimento e a competência são os elementos principais da construção das relações (GUILLORY, 2000, págs. 89 e 90).

a) sustentação e fortalecimento do esforço nacional em ciência, tecnologia e inovação em saúde; b) criação do sistema nacional de inovação em saúde; c) construção da agenda nacional de prioridades de pesquisa em saúde; d) criação de mecanismos para superação das desigualdades regionais; e) aprimoramento da capacidade regulatória do Estado e criação de rede nacional de avaliação tecnológica; f) difusão dos avanços científicos e tecnológicos; g) formação, capacitação e absorção de recursos humanos no sistema nacional de ciência, tecnologia e inovação em saúde, incentivando a produção científica e tecnológica em todas as regiões do País, considerando as características e as questões culturais regionais; h) participação e fortalecimento do controle social (BRASIL, 2011, p. 21).

Destaca-se que a sustentação e o fortalecimento do esforço nacional em Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde são uma estratégia que tem entre suas ações o “estímulo à participação dos trabalhadores do setor saúde em pesquisas científicas e tecnológicas” (BRASIL, 2011, p. 22).

O envolvimento dos trabalhadores em pesquisas é uma ação que beneficia a articulação intersetorial, aproximando a realidade laboral do campo de pesquisa, facilitando a compreensão dos determinantes e condicionantes que influenciam na saúde das populações e o habitat de atuação dos profissionais de saúde, conhecimento este que clarifica os pesquisadores para elaboração de soluções (produtos, serviços, tecnologias, entre outros) com potencialidade de impactar positivamente a sociedade.

Pereira (2016) descreve o conceito de inovação:

Inovação é um objeto ou um método novo, diferente do que havia até então. É uma invenção que chega ao mercado de consumo, oferecendo algum tipo de retorno, pois, em geral, permite mais resultados ou benefícios com menos custos. Inovar é adotar novas tecnologias que possam permitir a elevação de competitividade da empresa. A inovação pode ser vista como um processo de aprendizagem organizacional. Faz parte da estratégia das empresas e tem como foco a melhoria do desempenho econômico e a geração de valor (PEREIRA, 2016, p. 97).

Em um mundo globalizado, altamente competitivo, com mercado consumidor ávido por novidades e com rápidos avanços tecnológicos, no qual o conhecimento produzido, que dobrava a cada dois séculos, na atualidade dobra aproximadamente a cada cinco anos, inovar é fundamental para diferenciar-se e conquistar novas maneiras de produzir melhor e/ou com baixo custo, atendendo as demandas do mercado (PEREIRA, 2016).

Criatividade e inovação são necessárias para atender as mudanças impostas pelo cenário da era do conhecimento. Elas são necessidades imperativas para a ciência, a tecnologia e para as empresas, sendo estas criadas para atender as demandas do mercado (GUILLORY, 2000). Complementando este pensamento, Pereira (2016, p. 99) afirma “É preciso exercer a capacidade criativa e inventiva a partir da visão da realidade na qual a organização está inserida”.

Existem diferentes formas de classificar as inovações, sendo escolhida para esta pesquisa a corrente categorização dos 4Ps da inovação: Produtos, Processos, Posicionamento e Paradigma. Descreve-se a seguir:

- Inovação de produtos e serviços: a partir de novas tecnologias e pensando na satisfação das necessidades dos clientes desenvolvem-se novos produtos e serviços;
- Inovação de processos: a transformação ocorre nas formas de prestação de serviços ou nos métodos de fabricação (e, portanto, não necessariamente é visível ao consumidor final);
- Inovação de mercados (posicionamento): a descoberta de novos segmentos de mercado ou novos negócios para um produto ou serviço já existente, de maneira a aumentar a competitividade;
- Inovação em gestão (paradigma): pode ser organizacional. Quando se observa o desenvolvimento de novas estruturas de poder e liderança, ou no modelo de negócios (TIDD, BESSANT e PAVITT, ano *apud* PEREIRA, 2016, p. 97).

As inovações podem ser categorizadas pelo prisma da intensidade, podem representar grandes avanços tecnológicos, de forma que o produto ao ser lançado no mercado revolucione a forma como a sociedade interage com a tecnologia, gerando um rompimento de um modelo, bem como cria um grande impacto no sistema produtivo, definido como **inovação radical** (intensidade alta). Pode acontecer um aperfeiçoamento constante e gradual em produtos, aplicações ou processos, o tipo de inovação que ocorre em grande parte dos processos inovadores, definido como **inovação incremental, adaptativa ou de melhoria contínua** (intensidade baixa). Assim como pode suceder uma descontinuidade no processo de aprimoramento contínuo nos produtos ou serviços, simultânea a uma inovação de posicionamento de mercado, ou seja, mudanças surgem na estratégia das organizações e no mercado provocando um simples incremento nas tecnologias vigentes, definido como **inovação disruptiva** (intensidade intermediária) (PEREIRA, 2016).

Os profissionais da seara da saúde podem desenvolver inovações de todos os tipos sendo preciso haver um fortalecimento nas relações entre academia (ensino), indústria (empresa) e ciência (pesquisa). Um exemplo de inovação no campo da enfermagem ocorreu no decorrer da Primeira Guerra Mundial:

Foi inventado um supercurativo, que tinha por finalidade conter hemorragias no campo de batalha até o socorro apropriado. A utilização do produto transcorria dentro do esperado, até que com o final da guerra surgiu um fato interessante: o número de feridos diminuía, mas a quantidade de supercurativos consumida aumentava. Algumas enfermeiras americanas, percebendo o poder de absorção do material, adaptaram o produto para uso durante o período menstrual. O que não se descobriu foi a autoria da nova utilidade para o produto. Analisando esse fenômeno, a fabricante Kimberly-Clarck colocou no mercado uma versão adaptada do produto (CANDIDO, 2016, p. 13).

Outro exemplo de inovação no campo da enfermagem é mais recente, do ano de 2015, a enfermeira Holly Christensen, do Alasca, nos Estados Unidos, que iniciou um projeto nomeado Projeto dos Fios Mágicos²⁰, que desenvolve perucas para crianças, pacientes em tratamento contra o câncer. Os acessórios são criados com penteados baseados nos desenhos das princesas dos contos de fada e, como a quimioterapia sensibiliza a pele, as perucas são confeccionadas com linha de lã e feitas com tamanho/numeração específica para o público infantil (CHRISTENSEN, 2015).

Outro exemplo é do enfermeiro Osmar Felipe Enedino, de Ribeirão Preto, em São Paulo, que em seu mestrado na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP) desenvolveu um protótipo de tubo endotraqueal. Este novo modelo evita a retirada do tubo de respiração por acidente, previne lesões e alterações temporárias na face do cliente e produz menor impacto visual, além de apresentar baixa aderência de sujidades e possibilidade de reuso dos materiais, reduzindo custos (ENEDINO, 2016).

Mais uma amostra sobre o amplo campo para desenvolvimento da inovação na área da enfermagem é o caso da enfermeira Erly Cristine Nickel, de Vitória, no Espírito Santo, que desenvolveu um dicionário em pomerano,²¹ para auxiliar no atendimento dos pacientes que não usam o idioma português para comunicar-se. O dicionário é regularmente atualizado e já possui mais de cem expressões no idioma, sendo uma importante ferramenta de trabalho no cuidado (COREN-ES, 2016).

Alicerçada em sua experiência laboral, a enfermeira Nilmar Alves Cavalcante, do município do Rio de Janeiro, criou uma maca higienizadora, feita de aço inox e forrada com colchão revestido com couro sintético, material impermeável, resistente e antimfofo. O paciente pode tomar banho com água morna por meio de uma ducha, similar ao chuveiro. É possível regular a elevação da maca, ajustando-a a altura do profissional, facilitando nas questões de ergonomia. Este produto é resultado de um projeto financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ, 2012).

²⁰ Para continuar o projeto, que foi batizado "Projeto dos Fios Mágicos" ("*The Magic Yarn Project*") a enfermeira pede ajuda nas redes sociais e por meio de uma campanha de financiamento coletivo. Ela espera conseguir arrecadar R\$ 18.750 (US\$ 5 mil) para poder doar ainda mais perucas para crianças que passam pelo tratamento de câncer.

²¹ O pomerano (*Pommersch*, *Pommerschplatt* ou *Pommeranisch*) é uma variedade do baixo-alemão falada pelos pomeranos e descendentes em várias regiões do Brasil, especialmente nos estados meridionais e no estado do Espírito Santo. O pomerano é diferente do alemão-padrão, uma vez que ambas as línguas têm origens distintas. O pomerano assemelha-se mais ao holandês, vestfaliano e saxão antigo (COREN-ES, 2016)

Uma substância usada para cicatrização de feridas foi aperfeiçoada pela enfermeira Vânia Lima Coutinho, no Rio de Janeiro, fruto de uma pesquisa de mestrado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O correlato²² é composto pela papaína associada a silicato de magnésio, uma tecnologia de cuidado de feridas.

Estes são alguns exemplos de inovações produzidas por enfermeiros no Brasil. Alguns a partir de suas criações decidem empreender, abrir suas empresas e lançar seus produtos no mercado. A ideia que desencadeia o processo de gênese de um produto é alimentada pela criatividade dos profissionais e seu conhecimento, domínio da conjuntura no qual está inserido. O enfermeiro por ter como suas atribuições a gestão de recursos humanos, materiais, de informação e de cuidados açambarca um conhecimento amplo e, simultaneamente, específico sobre seu campo de trabalho, sendo um elemento facilitador para inovar.

2.1.3. A APRENDIZAGEM À LUZ DE VYGOTSKY

O professor Lev Semenovitch Vygotsky²³ foi um importante pensador em sua época. Nascido em Orsha, na Rússia no ano de 1896, formou-se em Direito e Medicina e, durante sua graduação, estudou simultaneamente Literatura e História, como também estudou e concluiu o curso em Psicanálise. Destacou-se por suas críticas literárias e análises do significado histórico e psicológico das obras de Arte, trabalho que, por seguinte, foi incorporado no livro “Psicologia da Arte”. Seu interesse pela Psicologia iniciou um movimento de leitura crítica sobre as produções teóricas da época, tais como as teorias de Gestalt, Psicanálise e Behaviorismo, bem como as ideias iniciais de Jean Piaget. Por sua vivência no período da Revolução Russa, em 1917, e o acesso as obras de Karl Marx e Friedrich Engels, propôs a reorganização da Psicologia no que denominou como “psicologia cultural-histórica” (OLIVEIRA, 2010).

Sua teoria não foi concluída em razão de sua morte prematura aos 37 anos, no ano de 1934 em Moscou, por tuberculose. Seu legado abrange uma extensa e complexa obra

²² Correlato é definido pelo ANVISA como substância, produto, aparelho ou acessório não enquadrado nos conceitos anteriores, cujo uso ou aplicação esteja ligado à defesa e proteção da saúde individual ou coletiva, à higiene pessoal ou de ambientes, ou a fins diagnósticos e analíticos, os cosméticos e perfumes, e, ainda, os produtos dietéticos, óticos, de acústica médica, odontológicos e veterinários (BRASIL, 2001).

²³ Lev Semenovitch Vygotsky (em russo *Лев Семёнович Выготский*, transliteração: *Lev Semënovič Vygotskij*, sendo o sobrenome também transliterado como *Vigotski*, *Vygotski* ou *Vygotsky*; Orsha, 17 de novembro de 1896 – Moscou, 11 de junho de 1934), foi um professor de literatura bielorrusso bastante interessado em psicologia.

inacabada sobre os aspectos neuropsicológicos, o desenvolvimento humano, o aprendizado, a linguagem e a influência do ambiente (meio) nestes (OLIVEIRA, 2010).

Para esta pesquisa são elencados os conceitos relacionados ao aprendizado²⁴, que para Vygotsky:

É o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, com o meio ambiente e com as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (a maturação sexual, por exemplo) (OLIVEIRA, 2010, p. 59).

Vygotsky enfatiza que a origem das funções psicológicas superiores está nas relações sociais entre o indivíduo e os outros homens, ou seja, o fundamento psicológico tipicamente humano é social e, conseqüentemente, histórico. Na relação entre o homem e o mundo (sendo considerados todos os elementos do ambiente humano carregados de significado cultural, instrumentos, signos, entre outros) que é exercido um papel primordial no desenvolvimento e aprendizado (OLIVEIRA, 2010).

“É o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento que, não fosse o contato do indivíduo com certo ambiente cultural, não ocorreriam” (OLIVEIRA, 2010, p. 56). Isto é, a concepção de que o aprendizado possibilita o despertar de processos internos do indivíduo atrela o desenvolvimento da pessoa a sua relação com o ambiente sociocultural em que vive. O aprendizado recebe influência da cultura e a atividade do homem no mundo está inserida num sistema de relações sociais (OLIVEIRA, 2010).

Um dos pilares do pensamento de Vygotsky é a ideia de que as funções mentais superiores (aprendizado, como exemplo) são construídas ao longo da história social do homem, sendo na sua relação com o meio físico e social, que é mediada pelos símbolos e instrumentos desenvolvidos no interior da vida social, que o ser humano cria e transforma seus modos de ação no mundo (OLIVEIRA, 2010).

Alicerçado nestes conceitos sobre a influência do meio ambiente no processo de aprendizado do indivíduo é factível asseverar que o aprendizado é variável entre os indivíduos de acordo com suas relações, assim como, sendo *ser social* o indivíduo recebe influência acerca de diversos saberes à medida que constrói relações baseadas em seu interesse de aprendizado. O indivíduo é influenciado precocemente pelas relações familiares e de amizade,

²⁴ O termo usado por Vygotsky no idioma russo é *obuchenie*, que significa algo como processo de ensino-aprendizagem, incluindo sempre a pessoa que aprende, a pessoa que ensina e a relação entre essas pessoas. Pela falta de um termo semelhante no idioma inglês, o termo tem sido traduzido por vezes como ensino, outras como aprendizagem e assim retraduzida para o idioma português. Opta-se pelo uso do termo aprendizado, lembrando que o conceito para Vygotsky tem um sentido mais amplo, envolvendo a interação social (OLIVEIRA, 2010, p. 59).

por seguinte, perante seu papel social e particularidades da cultura que faz parte, constrói novas relações sendo estabelecidas outras influências deste meio e, como resultado, aprendido.

Complementa-se este entendimento com a afirmativa “o homem biológico transforma-se em social por meio de um processo de internalização de atividades, comportamentos e signos culturalmente desenvolvidos” (OLIVEIRA, p. 102).

Afirma-se então que o aprendizado sobre como pensar, como agir, como comportar-se, como interagir com o meio no qual está inserido é possibilitado pelo próprio meio. Ligando esta reflexão aos conceitos de empreendedorismo e de inovação já trabalhados é possível sustentar a concepção de que o indivíduo pode aprender a ser empreendedor e/ou inovador pelo aprendizado adquirido pelas relações do meio ambiente familiar, igualmente como pode ter este aprendizado em relações construídas por meio de seu interesse sobre estes assuntos.

2.2. O EMPREENDEDORISMO NA ÁREA DA SAÚDE E DA ENFERMAGEM

“A flor que desabrocha na adversidade é a mais bela e rara de todas” (Provérbio chinês).

As constantes mudanças geradas pelos avanços tecnológicos, a globalização, a crise econômica e suas consequências no mundo dos negócios, na economia, no mercado de trabalho tem repercutido no sistema de saúde, educacional e social, influenciando os profissionais de saúde a investirem na diversidade e na criatividade (TURRINI, 2004).

A intensa competitividade no mercado de trabalho, o elevado quantitativo de profissionais capacitados associado às oscilações da economia mundial formaram um movimento cíclico econômico que gerou um fenômeno mundial de adaptação. Diante deste cenário, a busca por estabilidade profissional e o temor da dura concorrência no alcance de empregos com boa remuneração financeira atingiu os profissionais em formação, os recém-inseridos no mercado de trabalho, assim como aqueles que não possuíam estabilidade na carreira. Ante este paradigma, o entendimento e vislumbre de novas possibilidades profissionais objetivando o desenvolvimento do potencial financeiro e a realização assumiu um caráter evolutivo e emancipatório para os profissionais, não sendo esta meta exclusiva da área da Enfermagem e das demais profissões da área da Saúde, mas de todos os trabalhadores no contexto profissional (POLAKIEWICZ, Rafael Rodrigues; DAHER, Donizete Vago; SILVA, Nelson Faber da; SIVA, Neila Faber da; FERREIRA JÚNIOR, Josemar; FERREIRA, Mariana Estevão, 2013).

O emprego-padrão de hoje, com vínculo salarial, padrão e horário rígido, já é um artefato pertencente ao passado. Neste novo século as vagas de emprego nos hospitais e serviços de saúde estarão cada vez mais enxutas, devido às crises financeiras do setor e à falta de conhecimento atualizado dos profissionais. Com tão poucas oportunidades, o emprego assalariado na área de saúde em curto espaço de tempo estará caminhando para a extinção no Brasil a exemplo de países da América do Norte e Europa (RONCON e MUNHOZ, 2009, p. 01).

O Empreendedorismo surge nesta situação como gerador de novas possibilidades de emprego e renda, modificando as relações sociais de trabalho, trazendo um renovado olhar na prestação de serviços, proporcionando a emancipação profissional, a construção de novos paradigmas e o tão almejado reconhecimento profissional e a satisfação financeira. (POLAKIEWICZ, Rafael Rodrigues; DAHER, Donizete Vago; SILVA, Nelson Faber da; SIVA, Neila Faber da; FERREIRA JÚNIOR, Josemar; FERREIRA, Mariana Estevão, 2013).

Na área da saúde a figura do empreendedor ainda é nova, porém está destacando-se perante a necessidade de geração de novos postos de trabalho, em função dos rápidos avanços tecnológicos (RONCON e MUNHOZ, 2009; SPAGNOL, 2011).

Atreladas a este cenário, diversas profissões sofreram uma diminuição nas oportunidades de vínculos empregatícios e iniciaram um movimento de busca para encontrar alternativas inovadoras para o exercício da profissão, fazendo com que as atividades diferenciais elaboradas por cada uma destas profissões, no mercado de trabalho, sejam capazes de produzir novas fontes de geração de emprego e renda. Outrossim, a inovação mediante esta perspectiva deixa o papel de opção para ser uma escolha, vez que pode ser o veículo para obtenção de uma fonte de renda com alta remuneração (POLAKIEWICZ, Rafael Rodrigues; DAHER, Donizete Vago; SILVA, Nelson Faber da; SIVA, Neila Faber da; FERREIRA JÚNIOR, Josemar; FERREIRA, Mariana Estevão, 2013).

A área da saúde compreende diversas profissões como a Enfermagem, Medicina, Fisioterapia, Educação Física, Odontologia, Farmácia, Terapia Ocupacional, entre outras, e fazendo-se uma análise sobre suas origens e desenvolvimento no contexto histórico-político-cultural, é possível observar que em algumas delas os profissionais já possuem a visão de atuação fora de instituições de saúde, atuando em diferentes cenários extra hospitalares, tais como consultórios particulares ou mesmo com empresas particulares estabelecidas para a prestação de serviços em escolas, empresas de ramos diferentes da área da saúde (comércio, por exemplo), entre demais.

Algumas destas profissões são estimuladas pelos seus respectivos Conselhos e Sindicatos a atuarem de forma autônoma e na prestação de serviços a pessoas físicas e jurídicas, como no caso dos Fisioterapeutas e Nutricionistas, que podem obter as informações

necessárias para atuarem neste segmento nas páginas virtuais (*sites*) destas respectivas entidades. Urge a necessidade de se redesenhar a carreira, mudar de carreira, mudar de empresa ou até mesmo abrir um negócio próprio, tornando-se um empreendedor (RONCON e MUNHOZ, 2009).

O momento atual está sendo delineado para que os profissionais trabalhem por conta própria e, na área da saúde as oportunidades estão surgindo cada vez mais, havendo a necessidade de que os profissionais apropriem-se dos saberes necessários para empreenderem e adequem-se as novas demandas.

Os profissionais da área da saúde geralmente escolhem suas profissões por vocação, por identificação com as disciplinas ou por possuírem uma facilidade no contato interpessoal. Essas características identificam que em algum momento, a relação financeira relacionada à produção do serviço fica em segundo plano e faz do profissional um refém do sistema já proposto gerando uma aceitação da produção de serviço por meio das instituições já consolidadas, que é o principal local de prestação de serviço a saúde e conseqüentemente o principal local de trabalho (POLAKIEWICZ, Rafael Rodrigues; DAHER, Donizete Vago; SILVA, Nelson Faber da; SIVA, Neila Faber da; FERREIRA JÚNIOR, Josemar; FERREIRA, Mariana Estevão, 2013, p. 63).

Paralelamente a este cenário tem-se o empreendedorismo, um tema contemporâneo que está sendo evidenciado em uma realidade na qual o mundo do trabalho é governado por normas que sofrem constantes modificações, oriundas da agilidade da vida moderna, cerceada por transformações tecnológicas e influenciada por paradigmas capitalistas e pelas conseqüências destes nas relações sociais. Desta forma, o diferencial de um profissional não está mais limitado em suas habilidades, currículo, formação ou experiência, todavia no modo como comporta-se, percebe o mundo no qual está inserido, visualiza as oportunidades, relaciona-se em seu meio, bem como tem a capacidade de inovar, de (re)criar e de se (re)inventar (POLAKIEWICZ, Rafael Rodrigues; DAHER, Donizete Vago; SILVA, Nelson Faber da; SIVA, Neila Faber da; FERREIRA JÚNIOR, Josemar; FERREIRA, Mariana Estevão, 2013; FERREIRA, 2013; BAUMAN, 2009; DOLABELA, 2011).

Neste contexto, o desafio da economia brasileira na era da globalização, e principalmente na área da saúde, é conseguir reestruturar toda uma base produtiva criada sob os padrões tecnológicos e de gestão dos países mais desenvolvidos. As organizações, gradativamente, têm introduzido novos padrões de gestão para ajustarem-se às demandas urgentes e atuais, procurando flexibilizar suas estruturas, descentralizar as decisões, otimizar os processos e impulsionar a comunicação, com intuito final de alcançar o oferecimento de produtos e serviços de qualidade.

No âmbito mundial, os profissionais de saúde têm empreendido nos últimos anos por meio da oferta de serviços diferenciados, criados para atender uma clientela específica, seja de

peessoas ou empresas, a partir da identificação de lacunas existentes no que concerne ao tratamento de patologias, promoção da saúde, reabilitação para reingresso no mercado de trabalho e/ou (re)adaptação a vida cotidiana, assim como na orientação e assessoria a outros profissionais, da área da saúde ou não.

O empreendedor é o indivíduo que identifica oportunidades e de forma inovadora, criativa, consegue criar algo novo, seja de valor social ou não, calculando riscos e gerando os recursos necessários. O empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, leva a transformação de ideias em oportunidades. Este processo de fazer algo novo (criação) e/ou diferente (inovação) tem como objetivo criar riqueza para o indivíduo e também agregar valor para a comunidade local e a sociedade (DORNELAS, 2016; ANDRADE, CAGNACCI e SANNA *apud* KAO e KAO, 2002).

No campo da enfermagem, os avanços e práticas empreendedoras já são consideráveis, porém, acompanhadas de novos e crescentes desafios. Em meio aos múltiplos espaços e possibilidades de atuação do enfermeiro, destacam-se: **Na esfera da promoção da saúde**²⁵ – os consultórios, as clínicas e serviços que visam à promoção e o melhor-viver da população; **Na esfera da recuperação da saúde** – os serviços hospitalares e domiciliares, o atendimento pré e pós-hospitalar, além das práticas voltadas para o cuidado individual de crianças, adolescentes, adultos, idosos e mulheres; **O terceiro setor** – mesmo que considerado promissor se mostra como um espaço sensível para a promoção da cidadania e a inclusão social por meio da promoção e educação para a saúde; **Nos serviços de consultoria, assessoria e atividades organizacionais** – é possibilitado ao enfermeiro uma atuação autônoma e empreendedora no campo da gestão de serviços de saúde e outros; **nas atividades de ensino e pesquisa** – o estímulo à inserção dos alunos e profissionais nos grupos de pesquisa, projetos de extensão e uma interação aluno-comunidade mais intensa e otimizada (BACKES, Dirce Stein; ERDMANN, 2009, p. 01).

A enfermagem possui muitas formas de utilizar seus conhecimentos e elaborar novas modalidades de serviços, construindo o seu próprio empreendimento. O enfermeiro é um profissional que possui como habilidades e competências aprendidas e desenvolvidas em sua formação generalista a **Atenção à saúde**²⁶, estando inserida a capacidade de pensar criticamente, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para os mesmos; a **Tomada de decisões**, analisando a eficácia, o custo-efetividade e a força de trabalho, decidindo as condutas mais adequadas; a **Comunicação**, possuindo o domínio de, ao menos, uma língua estrangeira e de tecnologias de comunicação e informação; a **Liderança**, estando apto a assumir posições de liderança, sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade; a **Administração e gerenciamento**, devendo ser capaz de tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e administração tanto da força de trabalho quanto dos recursos físicos e

²⁵ Grifo nosso.

²⁶ Grifo nosso.

materiais e de informação, da mesma forma que deve ser capaz de empreender, gerir, empregar ou liderar na equipe de saúde (BRASIL, 2001).

Agregando a estes saberes as 44 especializações²⁷, que desmembram-se em 80 áreas de atuação, a Enfermagem dispõe um amplo campo de atuação possível para se empreender. Acrescentando-se que o empreendedorismo do enfermeiro diferencia-se primordialmente, pela aptidão de compreender e cuidar do *Ser Humano* com um ser integral e integrador, independente da conjuntura social, política ou econômica (BACKES, Dirce Stein; ERDMANN, 2009).

No Brasil, em diferentes estados, são divulgados pelo SEBRAE, os CORENs e algumas revistas científicas, empreendimentos na área da Enfermagem. Tem-se como exemplos:

1. Em Goiânia, o **Projeto Creche**, um local criado para reabilitação e socialização dos idosos, que são acompanhados por uma equipe multidisciplinar;
2. Em São Paulo, a empresa **Bio Sana's – Centro de Pesquisa e Tratamento Avançado de Lesões de Pele**, uma clínica especializada que oferece serviços no tratamento avançado de lesões de pele e transplante de medula óssea.
3. Em São Paulo, a empresa **Enfmedic Saúde**, uma clínica especializada no segmento da Estomaterapia, atuando também nas áreas de enfermagem em geral e gerontológica, podiatria clínica e medicina.
4. Em Belo Horizonte, a **Clínica Leite Meu**, uma clínica especializada no manejo clínico da lactação, pré e pós-parto.
5. Em Aracaju, a **Constat – Gestão em Saúde**, uma empresa de Consultoria e Auditoria de Contas Médico-hospitalares que ampliou seu campo de atuação criando outras empresas; a **Home Care**, nas modalidades de internação e atendimento domiciliar; a **Prosaúde**, que trabalha com locação de equipamentos e apoio médico em eventos e remoções para pacientes particulares ou optantes de convênios; a Unidade de Fisioterapia e Fonoaudiologia Hospitalar, que oferece a terceirização destes serviços às unidades hospitalares; o **Anjo Cuidador**, que disponibiliza profissionais treinados para acompanhar pacientes durante suas internações.

²⁷ Resolução Cofen nº 389/2011, atualiza, no âmbito do sistema Cofen /Conselhos Regionais de Enfermagem, os procedimentos para registro de título de pós-graduação lato e stricto sensu concedido a enfermeiros e lista as especialidades.

Tratando do empreendedorismo e, compreendendo os elementos de seu conceito, podem ser consideradas as ações empreendedoras, de movimento em busca de novas conquistas, de expansão em áreas específicas. Posto isto, cita-se o trabalho das enfermeiras Vanda Kretly, Vera Ligia Lellis, Léia Fortes Salles, Rita de Cássia Silva e Karen Beatriz Silva, que têm trabalhado para conquistar novos campos para a Enfermagem, Enfermagem Esportiva, Enfermagem em Podiatria, Iridologia²⁸ e Enfermagem Forense, respectivamente.

O campo da Enfermagem Forense é reconhecido como uma especialização da Enfermagem, descrito na Resolução COFEN nº 389 do ano de 2011, enquanto as demais citadas não constam como especializações. No entanto, vale frisar que existem profissionais atuando nestes campos e lutando para que haja o reconhecimento.

2.2. A FORMAÇÃO DO ENFERMEIRO E O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL

“Não importa o quanto o vento sopra, a montanha jamais se curva perante ele” (Provérbio chinês).

Segundo Collière (1999) a Enfermagem no mundo foi influenciada por uma extensa série de culturas e civilizações, desenvolvendo-se paralelamente à evolução do papel da mulher na sociedade, de forma que, conseqüentemente, era conotada com trabalhos mal remunerados e pouco valorizados.

De acordo com a autora (Ibid, 2011):

[...] se a Enfermagem como profissão é um fato relativamente recente, como arte é considerada das profissões mais antigas: a arte de cuidar é um fenômeno universal, exequível por qualquer indivíduo desde sempre, com a intenção de ajudar o próximo a manter e desenvolver a vida (COLLIÈRE, 1999, p. 25).

É descrito por Ito (2005) que o ensino da enfermagem no país passou por variadas etapas de desenvolvimento e estruturação ao longo das décadas, sendo um reflexo do contexto histórico da enfermagem e da sociedade brasileira. Destaca também que devido a este desenvolvimento “o processo e o mercado de trabalho dos enfermeiros apresentam significativas mudanças em decorrência das transformações no quadro político-econômico-social da educação e da saúde no Brasil e no mundo”.

²⁸ A Iridologia é um campo de estudo baseado no exame minucioso da íris, sendo esta considerada pelos pesquisadores de referência na área, um holograma do corpo. Logo, seu exame possibilita a identificação de aspectos psíquicos e emocionais de um indivíduo. Esta avaliação está inserida na área das Terapias Alternativas/Complementares, todavia, pela Resolução COFEN nº 0500 de 2015 as Terapias Alternativas não são mais consideradas área de especialização da enfermagem.

Pela prática do enfermeiro estar fortemente ligada as transformações nas áreas sociais, econômicas, políticas, culturais e educacionais, é preciso um entendimento sobre o desenvolvimento do contexto histórico da formação do enfermeiro no Brasil, assim como de sua profissionalização. (FUSZARD, 1989 *apud* ITO, 2005)

De acordo com a explanação de Porto (2007) muitos foram os eventos que aconteceram no mundo, principalmente a Primeira Guerra Mundial, que impulsionaram algumas iniciativas de profissionalização da enfermagem.

No Brasil, a enfermagem como profissão na sociedade brasileira não era possível mediante as condições sociais desfavoráveis à sua organização na época (SAUTHIER e BARREIRA, 1999 *apud* PORTO, 2007).

Diversos autores afirmam que a enfermagem profissional no Brasil teve seu início em 1890, com a criação da Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospital Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro; que posteriormente passou a ser denominada Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Esta escola surgiu mediante a necessidade de formar pessoas para trabalhar no atendimento aos doentes do Hospital de Alienados do Rio de Janeiro e, por seguinte, formar pessoal para atuar, inicialmente, nos hospitais civis e militares e, depois, nas áreas de saúde pública (CARVALHO, 1972; GERMANO, 1993 *apud* ITO, 2005; PAIXÃO, 1951; ALCÂNTARA, 1963; CARVALHO, 1972; PAIVA *et al*, 1999 *apud* SILVA, 2011).

Silva (2011, p. 31) discorre que a escola “era dirigida por médicos que também supervisionavam o ensino e inspirava-se no modelo da Escola de Enfermagem Francesa Salpêtrière [...]”. Antes da intervenção governamental, que desencadeou a criação desta escola, pode-se afirmar que não havia propriamente Escolas de Enfermagem, e sim instituições religiosas que ensinavam e orientavam a prática sem obedecer a programa formal algum. (CARVALHO, 1972; ALMEIDA e ROCHA, 1986 *apud* SILVA, 2011)

A formação profissional na enfermagem surgiu com a criação das escolas de enfermagem que começaram a estabelecer critérios para a escolha dos candidatos ao aprendizado da profissão. (SILVA, 2011)

A Enfermagem Moderna no Brasil, apresenta uma trajetória de prática iniciada na Saúde Pública devido à necessidade do combate e controle das epidemias, quando as relações comerciais de exportação e a política de imigração eram de fundamental importância. (BUENO, 2002)

A criação da Escola de Enfermeiras do Departamento de Saúde Pública – DNSP, por meio de decreto em dezembro de 1922, constitui de fato o começo de uma nova etapa para a

Enfermagem Brasileira, pois foi introduzido o ensino oficial sistematizado da Enfermagem Moderna no Brasil; sendo o mérito, sobretudo, de seu diretor Carlos Chagas e ao grupo de enfermeiras norte-americanas, enviadas da Fundação Rockefeller, para prestarem serviço no departamento. (SILVA, 2011)

A capacitação, por meio de um ensino sistematizado da Enfermagem Moderna, tinha como finalidade formar profissionais que garantissem o saneamento urbano, as condições necessárias à continuidade do comércio internacional, que se encontrava ameaçado pelas epidemias (CARVALHO, 1972; GALLEGUILLOS, 2001). Estes, citam ainda que a Escola de Enfermagem do DNSP iniciou seu funcionamento em 1923, mas somente em 1926 foi renomeada como Escola de Enfermagem Anna Nery e, em 1931, Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

É ainda destacado que a Escola de Enfermagem Anna Nery passou a ser considerada, por decreto, a “Escola Oficial Padrão”, à qual todas as outras deveriam igualar-se, referente a modelo de ensino e funcionamento para diplomação de seus alunos. (CARVALHO, 1972; FERNANDES, 1983; ALMEIDA e ROCHA, 1986 *apud* SILVA, 2011)

A iniciativa de criação da Escola de Enfermeiras do DNSP, diferentemente das anteriores, somente foi possível por ter iniciado dentro do aparelho do Estado após várias décadas do modelo *nightingaleano* no mundo e, acima de tudo, por ele não causar ameaça alguma à hegemonia médica do país. (PIRES, 1989 *apud* SILVA, 2011).

O autor afirma ainda que:

[...] em seu projeto de estruturação, tira as mulheres do ambiente doméstico, colocando-as no mercado de trabalho explorando ideologicamente os sentimentos cívicos, o espírito de religiosidade, de caridade e altruísmo cristãos, garantido a manutenção da figura do médico como elemento central da assistência e não questionando o papel social que a nova profissão desempenhará (PIRES, 1989 *apud* SILVA, 2011, p. 33).

Foi Florence Nightingale quem institucionalizou a Enfermagem enquanto profissão em ambiente hospitalar. (BUENO, 2002)

No entanto, a Enfermagem Moderna Brasileira, influenciada pela Escola Moderna estruturada por Florence Nightingale no final do século XIX na Inglaterra, cresceu tendo como objetivo a formação de profissionais em saúde pública, no entanto perante as exigências de mercado, associada ao avanço tecnológico, alicerçou-se no campo hospitalar. (RIZZOTTO, 1995 *apud* SILVA, 2011)

Para Bueno (2002) “o tropismo de grupos de profissionais bem como de investimentos para o espaço hospitalar foi intenso, tendo em vista o interesse financeiro, além de considerar o local mais adequado de expansão de conhecimentos, atuação e visibilidade social”.

A autora (*Ibid.*, 2002) descreve o mercado de trabalho após a Segunda Guerra Mundial:

[...] para os profissionais de enfermagem de nível médio se expandiu nessa área e o profissional enfermeiro passa a ser requisitado mais especificamente para organizar serviços, gerenciar equipes e controlar insumos materiais, marginalizando sua atuação no cuidado direto, relegando assim o saber da enfermagem a um segundo plano ao exigir desses profissionais uma atuação de alienação social, iniciou-se um processo em que a essência da enfermagem, que é o cuidar/cuidado, dilui-se no deslumbre pela tecnologia, diluindo também a valorização do profissional de enfermagem, não reconhecendo o enfermeiro como membro essencial na equipe de cuidado à saúde. (BUENO, 2002, p.83)

Apesar do ensino em Enfermagem ter sido institucionalizado em 1923, apenas em 1949, por Decreto-Lei, sua regulamentação foi efetivada e o reconhecimento das escolas de Enfermagem no Brasil posto sob a responsabilidade do Ministério da Educação e Saúde; não ocorrendo mais pela equiparação à Escola de Enfermagem Ana Néri, como acontecia desde 1931. (SILVA, 2011)

Somente em 1961 o ensino da Enfermagem tornou-se universitário, sendo exigido nível secundário completo como requisito para admissão. (GERMANO, 1993)

O currículo do ano de 1949 possuía um ensino voltado para a prática hospitalar, objetivando atender ao mercado de trabalho da época. No período de 1949 até 1961, o ensino da enfermagem encontrava-se entre o nível médio e superior. Mesmo com a efetivação do ensino de enfermagem como universitário, em 1961, o currículo buscava alcançar as exigências do mercado de trabalho, que privilegiava a assistência ao doente e o desenvolvimento de técnicas e dos aspectos administrativos. (LIMA, 1994)

A formação do enfermeiro tinha um forte caráter “curativista” e que a disciplina de Saúde Pública foi excluída da grade de ensino, sendo os conteúdos dela direcionados para uma especialização optativa no ensino. (FORTES, 2001)

Com a Reforma Universitária em 1968, o enfermeiro em formação tinha a possibilidade de três diferentes habilitações, após concluir um tronco comum, sendo elas a enfermagem obstétrica, enfermagem em saúde pública e enfermagem médico-cirúrgico. (LIMA, 1994)

Na década de 80 novas propostas de saúde emergiram, modificando as políticas no setor de saúde e fazendo novamente com que a formação do enfermeiro fosse alterada para atender as necessidades impostas pelo setor da saúde no Brasil; assim os profissionais teriam a formação de “generalistas”, estando aptos para atuar em diferentes níveis de atenção à saúde (MENDES, 1996).

A Lei do Exercício Profissional n.º 7.498/86 veio responder às expectativas do mercado de trabalho, descrevendo claramente as atividades privativas do enfermeiro, entre elas a consulta e prescrição da assistência de enfermagem. (MENDES, 1996)

Dez anos após a criação da Lei do Exercício Profissional, ainda no contexto de mudanças no ensino de enfermagem no país, é criada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/96. (ITO, 2005)

Ainda sobre a LDB, o perfil do profissional formado atualmente no ensino superior é o de um indivíduo:

[...] mais crítico, reflexivo, dinâmico, ativo, **adaptável às demandas do mercado de trabalho**²⁹, apto a aprender a aprender, a assumir os direitos de liberdade, enfim **atender às tendências do mundo globalizado** (VALENTE, 1999 *apud* ITO, 2005, p.30).

No presente momento existem propostas alternativas de cuidado à saúde na esfera ambulatorial, reforçando que a desospitalização, busca redefinir o papel do hospital e objetiva da mesma forma ampliar e integrar sua função com os demais níveis de assistência. (BUENO, 2002)

O movimento de desospitalização não almeja descartar a existência do hospital no sistema de saúde, no entanto pretende redefinir seu papel mediante uma proposta de supressão à subordinação de todos os serviços e produção de conhecimentos sobre saúde à sua dinâmica. (BUENO, 2002)

O hospital é um local de segregação social, tanto em relação ao tipo de indivíduos acometidos por patologias, bem como aos diversos grupos de profissionais; onde o poder e a autonomia do profissional médico ainda são dominantes, mesmo havendo a autoridade de uma estrutura administrativa. (BUENO, 2002)

Freitas (2007) discursa que “a experiência e o significado que cada profissional atribui a sua prática representam também a sua individualidade, enquanto sujeito social em dado contexto histórico”.

A pesquisadora Leopardi (1991 *apud* Bueno, 2002) condensa a questão do trabalho da enfermagem, no cuidado à saúde:

A enfermagem nasce várias vezes, de modos diferentes, e caminha na história junto com ela {medicina}, aparecendo como pode, subsistindo por meio de transformações da sociedade, correspondendo às necessidades que dela assomam, assimilando mudanças que não a tornaram somente um ato de cuidar moral, mas a transformaram numa atividade profissional e seus exercentes em trabalhadores, que vendendo sua força de trabalho, submetendo-se às condições do mercado de trabalho (LEOPARDI, 1991 *apud* BUENO, 2002, p.88).

²⁹ Grifo nosso.

A visão explicativa Bueno (2002) descreve que:

[...] atualmente o setor da saúde busca gradativamente englobar as práticas de prevenção, promoção, recuperação e reabilitação da saúde. Tal tendência acredita-se, tem o objetivo de descaracterizar o hospital como sendo o único esquema dinâmico e efetivo de cuidado à saúde, mesmo porque não o é, pois, sua preocupação maior gira em torno da doença (BUENO, 2002, p. 89).

Estas propostas e movimento de desospitalização no país são fortemente trabalhadas e incentivadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). O SUS é estruturado de forma que “os serviços devem ser organizados em níveis de complexidade tecnológica crescente” (BRASIL,1990).

A questão da desospitalização é melhor entendida por meio da regência do SUS de forma que:

[...] o acesso da população à rede deve se dar por meio dos serviços de nível primário de atenção que devem estar qualificados para atender e resolver os principais problemas que demandam os serviços de saúde. Os demais deverão ser referenciados para os serviços de maior complexidade tecnológica (BRASIL, 1990, p. 5).

As ações de recuperação são exercidas pelos serviços públicos de saúde (ambulatórios e hospitalares) e, de forma, complementar, pelos serviços particulares. As ações típicas nestes serviços são as consultas médicas e odontológicas, o atendimento de enfermagem, exames diagnósticos e o tratamento, inclusive em regime de internação. Segundo divulgação do próprio SUS, por ano são realizados 3,2 bilhões de procedimentos ambulatoriais e 500 milhões de consultas médicas (SUS, 2013).

Retoma-se o pensamento de Bueno (2002), que enfatiza que a Enfermagem Brasileira, no desenvolvimento de suas ações, formou-se mais evidentemente pelo modelo clínico assistencial, ainda predominante nos tempos atuais.

Associa-se a visão (*Ibid.*, 2002) de que a Enfermagem está caminhando para mudanças, pois hoje exige-se maior qualificação do Enfermeiro, que busca cursos de pós-graduação, como também é estimulado cada vez mais a dedicar-se ao ato de cuidar, ou seja, o Enfermeiro está resgatando sua atuação no cuidado direto.

Considera-se (*Ibid.*, 2002) que a reflexão sobre a prática do enfermeiro, buscando alguns aspectos da construção de sua autonomia no cuidar é fator determinante para qualificação de seu trabalho, bem como uma reforma de pensamento, levará a reforma das ações, atitudes e comportamentos.

Agrega-se (*Ibid.*, 2002) que a mudança no futuro profissional, para uso de suas habilidades e competências, garante uma atuação autônoma sem reduzir-se às lógicas médicas-centradas, incorporando estratégias de intervenções e ações efetivas e singulares.

Destaca-se a conclusão de Bueno (2002) sobre a enfermagem possuir um terreno de prática que é, por excelência, fértil para inovações.

2.3. SUPEDÂNEO LEGISLATIVO DA PRÁTICA PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO

“Nós percebemos a importância da nossa voz quando somos silenciadas” (Malala Yousafzai).

Ao longo da graduação em enfermagem existem várias disciplinas que abordam a assistência de enfermagem nas diferentes faixas do ciclo vital, como nos distintos níveis de atenção e variados cenários de atuação. Existem também disciplinas voltadas para a compreensão da ética e das legislações existentes na área da Enfermagem, no entanto não aprofundam as informações pertinentes ao trabalho como autônomo, visto que o Enfermeiro é um profissional liberal.

Os conceitos referentes ao profissional liberal e ao profissional autônomo são por vezes confundidos por acadêmicos de enfermagem, considerando não são conceitos tão focados nas disciplinas que trabalham com os temas referentes a legislação profissional, ética ou similares. Nestas aulas são centradas as Leis do Exercício Profissional e as demais legislações e conceitos éticos e morais que norteiam a atuação do profissional.

Castoriadis (2004 *apud* Bueno, 2002) esclarece que a palavra autonomia origina-se do grego, pela junção do adjetivo pronominal “*autos*”, que significa “ao mesmo tempo, mesmo, ele mesmo e por si mesmo”; com a palavra, “*nomos*” que significa “compartilhamento, lei do compartilhar, instituição, uso, lei, convenção”. O conceito de autonomia é definido por Ferreira (2001) como a “Faculdade de se governar por si mesmo”.

A autonomia profissional do Enfermeiro é assegurada pela Lei nº 7.498, que regulamenta o Exercício Profissional e pelo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, em vigor por intermédio da Resolução COFEN nº 311, conforme descrito em seu Artigo 6º, Capítulo 1- Dos Princípios Fundamentais: “O profissional de enfermagem exerce a profissão com autonomia, respeitando os preceitos legais da enfermagem”.

No âmbito profissional, a autonomia é definida como independência, liberdade ou autossuficiência. Ou seja, o profissional que tem autonomia de trabalho é aquele que possui

independência e liberdade para atuar conforme seu julgamento, tendo, portanto, responsabilidade sobre a ação empregada, independentemente do resultado.

Bianco (1999) utiliza o referencial teórico de Agnes Heller, para determinar:

[...] a autonomia como sendo “um valor a ser assumido pelo profissional enfermeiro consciente”. Explicando que a atuação do enfermeiro autônomo não se dá de forma mecânica e sim com condições de “escolher entre alternativas”. Afirma ainda que no ser-saber-fazer é baseada a autonomia do enfermeiro, tornando-o ator sujeito em suas ações. Bianco (1999, p.52).

A autonomia profissional pode ser exercida em todos os cenários nos quais o profissional está inserido, pois autonomia, em linhas gerais, refere-se à execução de suas ações com liberdade, sem interferências externas, a partir do julgamento crítico sobre determinado conhecimento.

No entanto, a vertente deste estudo está para a formação de empreendedores a partir do ensino/estímulo do Empreendedorismo, tendo o Enfermeiro a possibilidade de empreender como autônomo (pessoa física) ou dono do próprio negócio (pessoa jurídica). Logo, faz-se necessário caracterizar os profissionais liberais e não-liberais, da mesma forma que faz-se essencial a introdução de saberes referentes aos profissionais autônomos e aos diferentes tipos de sociedades existentes para criação de empresas (pessoas jurídicas).

A explicação para autônomo de acordo com Ferreira (2001) é “Que não depende de outro”, a qual agrego a visão de Castoriadis (2004 *apud* Soares, 1998) “É capaz de uma atividade refletida própria”.

Almejando evitar possíveis maus entendimentos em relação ao conceito de profissional liberal, define-se suas caracterizações:

Parágrafo único – Profissional Liberal é aquele legalmente habilitado a prestar serviços de natureza técnico-científica de cunho profissional com a liberdade de execução que lhe é assegurada pelos princípios normativos de sua profissão, independentemente do vínculo da prestação de serviço (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - NOTA TÉCNICA Nº 11, 2006, p. 02).

O profissional liberal é aquele que exerce sua atividade com autonomia e independência do ponto de vista técnico-científico, possuindo título de habilitação expedido legalmente (SINESP, 2010).

Portanto, consideram-se profissionais liberais advogados, médicos, contadores, arquitetos, nutricionistas, enfermeiros, psicólogos, entre outros que possuem titulação de habilitação (nível superior ou técnico) e conhecimento técnico-científico, registro nos seus respectivos conselhos de classe e pagamento anual para exercer sua atividade profissional, como a filiação ao sindicato para ter defendido por esta entidade seus direitos e interesses.

Aponta-se que os profissionais de enfermagem são também classificados como de categorias diferenciadas, sendo definidos da seguinte forma:

São trabalhadores pertencentes às categorias diferenciadas os empregados que exercem suas funções tendo como condições de trabalho aquelas previstas em legislação própria, especial, ou do desempenho de suas atividades resulta igualdade de condições de vida (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - NOTA TÉCNICA Nº 11, 2006, p. 04).

São assim classificados pelas particularidades existentes para execução das atividades que desempenham tais como, a carga horária laboral por meio de plantões de doze ou vinte e quatro horas, como exemplo.

O profissional autônomo é definido como o indivíduo que trabalha por conta própria, sob o aspecto econômico, aquele que tem independência econômica e financeira, não sendo empregado de alguma empresa.

Na categoria -Trabalhador Autônomo - há uma divisão que cria duas linhas:

1. Prestadores de serviços de profissões não regulamentadas, tais como pintor, encanador, faxineiro, pedreiro, entre demais e similares;
2. Prestadores de serviços de profissões regulamentadas, como engenheiro, médico, enfermeiro, psicólogo, nutricionista, entre outros registrados nos seus respectivos conselhos regionais de fiscalização profissional.

Os serviços prestados por médicos, advogados, entre outros, não podiam ser objeto de contrato de trabalho, logo estes profissionais recebiam seus honorários como contraprestação dos seus serviços. No entanto, atualmente, muitos profissionais liberais exercem suas atividades sob vínculo de emprego e são protegidos pela legislação trabalhista. Porém, a relação de emprego não desqualifica a condição de profissional liberal, pois o que diferencia o profissional liberal dos demais empregados é a independência técnica, garantida pelos conhecimentos científicos e as legislações vigentes, durante a prestação dos serviços.

O trabalhador autônomo é a pessoa física que presta serviços, em caráter eventual, a uma ou mais empresas, sem relação de emprego, atuando por conta própria, assumindo os próprios riscos (BRASIL, 2006).

Portanto a atuação do Enfermeiro como autônomo é respaldada pela legislação atual.

2.3.1. INVESTIGAÇÃO DA LEGISLAÇÃO QUE SUSTENTA A PRÁTICA POR MEIO DE PESSOA JURÍDICA

“O segredo para se andar sobre as águas é saber onde estão as pedras” (Provérbio chinês).

A Enfermagem no Brasil é um campo da área da saúde que apresenta três profissionais distintos, sendo o auxiliar de enfermagem, com formação no ensino fundamental e curso de qualificação profissional, o técnico de enfermagem, com formação no ensino médio e curso técnico-profissional e o enfermeiro, com formação no ensino superior ocupando a liderança da equipe de enfermagem.

A Enfermagem possui as seguintes entidades norteadoras: o COFEN (Conselho Federal de Enfermagem) e o COREN (Conselho Regional de Enfermagem) que são os órgãos disciplinadores da profissão – o COFEN inclusive é o responsável pela formulação do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, a ABEN (Associação Brasileira de Enfermagem) que luta em defesa da classe, promovendo os desenvolvimentos técnicos, científicos, culturais e políticos dos profissionais, e o Sindicato de Enfermagem que luta pelos direitos sociais e econômicos realizando a fiscalização dos serviços para cumprimento do que for determinado pelo COFEN e COREN (NUNES e VILLARINHO, 2009, p. 22).

O COFEN, como entidade fiscalizadora e normatizadora da profissão, no intuito de delimitar, esclarecer e definir a atuação dos profissionais de enfermagem nos diversos ambientes e cenários em que possam inserir-se, aprova resoluções, portarias, entre outros documentos legais. Esta possibilidade de aprovação de resoluções, portarias e decisões é possibilitada igualmente aos COREN.

Destaca-se a Resolução COFEN nº 255 do ano de 2001, que revogou a Resolução COFEN nº 233 de 2000, que atualiza normas para o registro de empresas com atividades na área da Enfermagem e sobre a anotação dos dirigentes de suas atividades de enfermagem, com vista à Responsabilidade Técnica.

Antes de aprofundar a análise nesta resolução, explica-se que o termo Pessoa Jurídica consiste num conjunto de pessoas ou bens, dotado de personalidade jurídica própria e constituído na forma da lei (DINIZ, 2002). Não pretende-se adentrar na a área do Direito, mas alguns termos merecem ser clarificados para melhor compreensão da análise. Destarte, em explicação mais leiga, uma empresa é considerada uma pessoa jurídica.

O novo Código Civil Brasileiro (Brasil, 2002) renovou definições e tipos de sociedades para a constituição de empresas no país. Com o intento de explanar, citam-se as vigentes: Sociedade simples; Sociedade empresária (apresenta cinco possibilidades diferentes constituição – Sociedade em Nome Coletivo; Sociedade em Comandita Simples; Sociedade

Limitada; Sociedade Anônima; Sociedade em Comandita por Ações); Sociedade por ações; Sociedade estrangeira; Sociedades cooperativas; Associações e Fundações.

Cada uma destas organizações apresenta particularidades no que concernem as responsabilidades dos sócios, capital, ações, entre demais. Todas possuem regras bem estabelecidas com deveres e direitos e exercício das funções dentro da organização, descritas em contratos registrados em cartórios, com reconhecimento de assinaturas (firmas) dos componentes e testemunhas.

Esta breve elucidação possibilita iniciar um entendimento sobre a Resolução COFEN nº 255, já que em seu Capítulo I, artigo 1º é descrito que:

[...] está obrigada ao registro no COREN competente, toda **Empresa**³⁰ basicamente destinada a prestar e/ou executar atividades na área da Enfermagem, inclusive sob as formas de supervisão e de treinamento de recursos humanos, ou que, embora com a atividade básica não especificamente de enfermagem, presta algum desses serviços a terceiros (COFEN, 2001, p.01).

Faz-se uma reflexão sobre “está obrigada ao registro no COREN competente, toda Empresa basicamente destinada a prestar e/ou executar atividades na área da Enfermagem”. A legislação obriga a empresa de enfermagem que presta serviços e/ou executa ações de enfermagem a registrar-se. Mas é o Enfermeiro, um profissional liberal, que pode trabalhar como autônomo e igualmente prestar serviços e/ou executar atividades na área da Enfermagem? Não necessita registrar-se e informar ao Conselho sua prática autônoma, que da mesma maneira, necessita ser fiscalizada e acompanhada, tanto com fins educativos quanto legais?

Por ser um profissional liberal, ou seja, aquele que tem uma entidade fiscalizadora e normatizadora e possui a independência técnica, garantida pelos conhecimentos técnico-científicos e as legislações vigentes, lhe é garantida a possibilidade de prestação dos serviços.

Destaca-se “[...] inclusive sob as formas de supervisão e de treinamento de recursos humanos, ou que, embora com atividade básica não especificamente de enfermagem, presta algum desses serviços a terceiros”. Supervisão e treinamento de recursos humanos, quer dizer, acompanhamento e educação de pessoas, profissionais. Uma empresa que presta e/ou executa cursos, treinamentos, educação em/na/para saúde?

Prossegue-se para o artigo 2º, no qual está descrito:

Para efeito da presente Norma, está incluído no conceito de “Empresa” todo empreendimento de enfermagem realizado em instituição de saúde, hospitalar ou

³⁰ Grifo nosso.

não, em estabelecimento ou organização afim.³¹Parágrafo único – Estão compreendidos neste conceito: a) no setor público: as instituições de saúde pertencentes à administração direta ou indireta federal, estadual, municipal, onde são desenvolvidas ou realizadas atividades de enfermagem; b) no setor privado: os empreendimentos organizados segundo as leis civis ou comerciais como sociedade civil, sociedade mercantil ou firma individual ou, ainda, como departamento, divisão, serviço, setor ou unidade da empresa para atuação na área da Enfermagem, bem como os empreendimentos em fase final de organização nessa área que, em virtude de normas locais, necessitem de registro no COREN para regularização junto ao Cartório de Registro Civil, das Pessoas Jurídicas ou a Junta Comercial (COFEN, 2001, p.02).

Reflete-se acerca do “está incluído no conceito de “Empresa” todo empreendimento de enfermagem”. Todo empreendimento de enfermagem, seja ele realizado em instituição de saúde, hospitalar ou não, em estabelecimento ou organização afim. Pode-se compreender com facilidade o que venha a ser um “empreendimento” tem o sentido igual de “empresa; firma; organização” realizado em instituição de saúde, seja no âmbito hospitalar ou não, todavia, o que pode ser definido como um empreendimento de enfermagem no setor público?

O texto do artigo define “onde são desenvolvidas ou realizadas atividades de enfermagem”. Essas atividades são realizadas em quase todos os ambientes e cenários das instituições de saúde, considerando-se que são poucos os setores em que a Enfermagem não encontra-se presente.

Em seu Capítulo II, intitulado Classificação das empresas, artigo 5º, as empresas de enfermagem são classificadas em consonância com a qualidade de suas atividades, sendo:

Classe A: empresas cujas atividades básicas são desenvolvidas ou realizadas mediante ações de enfermagem ligadas à promoção, proteção, recuperação e/ou reabilitação da saúde:

- A.1 – atividades de supervisão;
- A.2 – atividades de prestação e/ou execução de serviços;
- A.3 – atividades de treinamento de recursos humanos.

Classe B: empresas cujas atividades básicas NÃO se incluem entre as especificamente de enfermagem, mas que desenvolvem ou realizam atividades de enfermagem mediante ações ligadas à promoção, proteção, recuperação e/ou reabilitação da saúde de terceiros:

- B.1 – atividades de supervisão;
- B.2 – atividades de prestação e/ou execução de serviços;
- B.3 – atividades de treinamento de recursos humanos.

No Parágrafo Único é destacado que “As atividades previstas nas classes A.3 e B.3 são aquelas de preparo de mão de obra para a enfermagem, não disciplinadas pelos Conselhos de

³¹ Grifo nosso.

Educação”. Logo, indaga-se se os chamados “cursos livres” voltados para o público da Enfermagem, sendo os acadêmicos, discentes de nível médio, e os profissionais das diferentes categorias, necessitam possuir este registro no COREN existente em sua região.

2.4. O ENSINO DO EMPREENDEDORISMO EM ENFERMAGEM

“Se você quer ir rápido, vá sozinho. Mas se você quiser ir longe, vá acompanhado” (Provérbio africano).

O ensino da Enfermagem nas graduações é baseado na Diretriz Curricular Nacional para o Curso de Graduação em Enfermagem do ano 2001, publicado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e o Ministério da Educação e Cultura (MEC).

De acordo com esta diretriz, o acadêmico deve ser preparado para atuar como empreendedor, conforme descrito em seu Artigo 4º Parágrafo V em que “os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, [...] da mesma forma que devem estar aptos a serem **empreendedores**³², gestores, **empregadores**¹⁹”.

Uma consulta acerca da inclusão do Empreendedorismo como disciplina no currículo do Ensino Fundamental, do Ensino Médio, da Educação Profissional e da Educação Superior foi realizada no ano de 2010, pela Câmara dos Deputados ao Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Superior (SESu/MEC).

Nela foi utilizada como justificativa o seguinte argumento:

Segundo revistas técnicas especializadas, o Brasil é um dos países mais empreendedores do mundo [...] Entretanto, uma das grandes falhas do ensino brasileiro, sobretudo o de educação superior, o cenário é a completa ausência de discussões e investimentos sobre o tema empreendedorismo. Num país como o nosso, em que a falta de emprego é patente, torna-se importante que se invista no ensino do empreendedorismo, para que o mesmo seja alternativa para se entrar no mercado de trabalho cada vez mais competitivo (BRASIL, 2010, p.02).

Ainda na análise de mérito desta consulta, o empreendedorismo é explicado como:

A palavra empreendedorismo tem sido usada para definir o processo de criar algo diferente e com valor, dedicando tempo e esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psicológicos e sociais correspondentes e recebendo as conseqüentes recompensas da satisfação econômica e pessoal. Pode, também, ser utilizada para designar o comportamento geral do empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades e o seu universo de atuação (BRASIL, 2010, p.02).

A Enfermagem é uma profissão da área da saúde, logo na formação de seus profissionais não há ênfase nos conhecimentos referentes às finanças e negócios. No entanto,

³² Grifo nosso.

pode-se associar à sua formação o comportamento geral do empreendedor. Rasche (2012) destaca que o enfermeiro, tem previsto em sua formação, habilidade específica para o conhecimento e a análise diagnóstica da realidade. Uma habilidade usada para o atendimento e assistência em saúde, no entanto, sendo uma habilidade aprendida pode ser aplicada em outras áreas.

Na consulta citada, o SEBRAE identifica dentre as competências gerais do empreendedor o saber conhecer, o saber ser-conviver e o saber fazer; competências estas que são descritas na Diretriz Curricular Nacional, em seu artigo 14º e parágrafo VI:

A estrutura do Curso de Graduação em Enfermagem deverá assegurar: [...] a definição de estratégias pedagógicas que articulem o saber; o saber fazer e o saber conviver, visando desenvolver o aprender a aprender, o aprender a ser, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e o aprender a conhecer que constitui atributos indispensáveis à formação do Enfermeiro (BRASIL, 2001, p.05).

Prosseguindo com a análise, é exposto pelo relator que:

Dessa forma, somos de parecer que o assunto empreendedorismo, ao invés de ser tratado como mais uma disciplina específica, deve fazer parte do currículo como um tema transversal a ser desenvolvido em várias disciplinas (BRASIL, 2010, p.06).

Como conclusão desta consulta, o Parecer foi contrário à criação da disciplina Empreendedorismo, expondo como orientação a sugestão de inclusão do tema Empreendedorismo como tema transversal nas Escolas de Ensino Médio e que o assunto seja desenvolvido na forma de projetos realizados com a participação de várias disciplinas convencionais.

Uma pesquisa realizada em 2012 pela Endeavor Brasil³³, com 46 Instituições de Ensino Superior (IES), sobre o empreendedorismo nas universidades brasileiras revelou que 76,1% das IES participantes ofereciam alguma atividade sobre o tema nos cursos de graduação.

Foi desvelado também que entre elas, 91,3% oferecem cursos ligados a empreendedorismo, como “Introdução ao empreendedorismo”, mas ainda assim, apenas 39,7% dos alunos entrevistados já cursaram alguma disciplina ligada a empreendedorismo. “Este pode ser, portanto, um indicativo de falta de divulgação, oferta insuficiente ou bons cursos, que atraiam os jovens”, sugere o estudo (ENDEAVOR, 2012).

Este trabalho aponta como um ponto positivo que as disciplinas que tratam do empreendedorismo não restringem-se, em sua maioria, aos cursos de Administração, pois 69,6% das IES participantes oferecem cursos de empreendedorismo fora da escola de

³³ É uma instituição sem fins lucrativos que tem como missão promover o desenvolvimento sustentável do Brasil, por meio do apoio a empreendedores inovadores e do incentivo à cultura empreendedora, gerando postos de trabalho e renda (ENDEAVOR, 2012).

negócios. No entanto, o percentual nos cursos da área da saúde é de apenas 17,4%. Das IES pesquisadas mais de 68% são na região sudeste e mais de 75% dos universitários entrevistados são de instituições públicas.

Na investigação da origem dos cursos dos entrevistados, os cursos de Letras, Design, Enfermagem representam apenas 5% das respostas. Este dado sugere que o tema empreendedorismo é pouco trabalhado em cursos que não fazem parte do “mundo dos negócios”, como Administração, Ciências Contábeis. É uma realidade que atravessa mares e ocorre em outros países, o Empreendedorismo ser um tema pouco trabalhado na formação em Enfermagem.

Um artigo publicado nos Estados Unidos, pela Revista de Enfermagem de Práticas Avançadas³⁴, sobre o papel desenvolvido por enfermeiros empresários, intitulado “Profissionais Enfermeiros como Empresários: restrito ou liberado?”, aborda as barreiras e os fatores que influenciam a atuação dos enfermeiros como empreendedores. Nele é destacado por Porter-O'Grady (1998) que “enfermeiros empresários têm que combinar habilidades de enfermagem com visão de negócios, o que não é enfatizado ou ensinado nas escolas médicas ou de enfermagem”.

Um trabalho realizado por Andrade, Cagnacci e Sanna (2011), teve como objetivo identificar a presença do conteúdo de empreendedorismo nos cursos de Graduação em Enfermagem da cidade de São Paulo. Os dados desvelaram que das 29 instituições de ensino que ofereciam o curso de Graduação em Enfermagem no município de São Paulo, somente 20 delas disponibilizavam os planos de ensino das disciplinas *online*, sendo que, 16 (80%) não citam o assunto empreendedorismo em suas disciplinas. Esse tema foi identificado nos planos de 04 instituições que ofertam o curso de Graduação em Enfermagem, correspondendo apenas a 20%. Na pesquisa dos planos de ensino foi possível identificar que 02 (50%), das 04 instituições identificadas, a temática empreendedorismo aparece como conteúdo de disciplinas que abordam o conteúdo de administração. As demais instituições (50%) apresentam essa temática como disciplinas, o que ressalta a importância dada ao assunto na formação do enfermeiro.

Esta tendência de estímulo ao empreendedorismo, pelas instituições de ensino, também acontece em outros países, mediante a globalização das informações, aumento da cobrança da população/clientes sobre a qualidade dos serviços e produtos ofertados e ondulações da economia global, que geram desemprego e/ou escassez de vagas.

³⁴ Original em inglês *Journal advanced practice nursing*, mantida pela *American Society of Registered Nurses*, em português Sociedade Americana de Enfermeiros, baseada no estado da Califórnia. EUA.

Exemplo disto é a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC) que, atenta a este cenário, por meio do Gabinete de Empreendedorismo, tem fomentado e monitorizado o desenvolvimento dessa capacidade nos seus estudantes.

Um estudo foi desenvolvido Silva *et al* (2011) nos anos 2009 e 2011, com o intuito de avaliar as motivações pessoais e fatores facilitadores do empreendedorismo dos seus estudantes, bem como avaliar a evolução da iniciativa e tendência empreendedora dos mesmos. A pesquisa revela, a partir da análise comparativa dos resultados globais de 2009 e 2011, que os estudantes apresentam uma tendência de motivação para o empreendedorismo, sendo mais focado na iniciativa pessoal. Foi observado também que atualmente há mais estudantes pensando em criar o próprio negócio em detrimento da procura de emprego em instituições. Confirmando essa intenção verificou-se um incremento de cerca de 10% do total dos estudantes que referem já terem uma ideia do negócio a criar.

CAPÍTULO III

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

“A persistência realiza o impossível” (Provérbio chinês).

3.1. A TEORIA VISIONÁRIA DE LOUIS JACQUES FILION

O referencial teórico adotado neste estudo é de Louis Jacques Filion, canadense, Professor Titular da Cadeira de Empreendedorismo na HEC³⁵ Montreal, a Escola de Negócios de Montreal. Sua formação acadêmica inclui um Bacharelado em Artes (*Classics*³⁶) a partir de *St-Laurent College* (Universidade de Montreal) em 1966, um Bacharelado em Artes (*Honours*³⁷) em Ciência Política pela Universidade de Ottawa no ano de 1968, o Mestrado em Estudos Internacionais da Universidade de Ottawa em 1974, um MBA da HEC Montreal no ano de 1976 e o Doutorado em Sistemas e Empreendedorismo da Universidade de Lancaster, na Grã-Bretanha em 1988. Possui expertise em Empreendedorismo, Intraempreendedorismo, Criação de Empresas e Inovação.

O Dr. Filion possui ampla experiência profissional em Empreendedorismo e Gestão, incluindo as áreas de Recursos Humanos, Gestão e Operações de Marketing, criando e gerindo pequenas empresas, da mesma forma que também foi consultor de Gestão na empresa *Ernst & Young*, em seu escritório de Montreal.

Dr. Filion foi professor na *Université du Québec à Trois-Rivières* (UQTR) no período de 1981-1993, e diretor do Programa de Mestrado em Pequenos Negócios do ano de 1986 a 1989. Mudou-se para HEC Montreal em 1993 e ocupa a presidência do Empreendedorismo desde 1995.

Em 2004, ele recebeu o prêmio *Lifetime Achievement Award* do Conselho Canadense de Pequenas Empresas e Empreendedorismo (CCSBE - CCPME), sendo reconhecido em vida por sua contribuição para o campo do Empreendedorismo. Já no ano de 2005, o Conselho Internacional de Pequenas Empresas (ICSB) concedeu-lhe o seu maior reconhecimento, a

³⁵ HEC Montreal (École des hautes études commerciales de Montréal) traduzido para a língua portuguesa como Escola de Estudos de Negócios de Montreal.

³⁶ O termo *Bachelor of Arts “B.A. Classic”* geralmente é utilizado para cursos mais teóricos e focados na prática como é praticado atualmente, ou seja, não são necessariamente voltados para pesquisa e o avanço da profissão.

³⁷ O termo *“Honours”* é uma distinção acadêmica, o que indica que os alunos devem atingir o seu grau de Bacharel em Artes com uma média suficientemente alta.

Wilford Branco Fellowship, por sua contribuição para o avanço do Empreendedorismo no mundo (HEC Montreal). Por este nas referências

No ano seguinte, o de 2006, ele recebeu o Prêmio *Julien-Marchesnay* da *Association Internationale de Recherche en Entrepreneuriat et PME* (AIREPME), que é a principal associação de pesquisa de pequenas empresas/espírito empresarial do mundo de língua francesa. Por seguinte em 2008, ele recebeu o prestigioso *Prêmio de Empreendedorismo Promoção Emérito* em reconhecimento ao seu compromisso de longa carreira à promoção de uma cultura empreendedora entre os jovens. O prêmio foi entregue pelo *Premier de Québec* na *28ª Mercuriades Gala*, realizada no dia 09 de abril, no Centro de Convenção de Montreal (HEC Montreal).

Dr. Filion reúne mais de 100 publicações, incluindo mais de 20 artigos em revistas arbitradas e 15 livros. Ele também é autor ou coautor de mais de 150 estudos de caso e palestrou sobre o tema do Empreendedorismo nos cinco continentes. Sua pesquisa está voltada para os sistemas de empreendedores e intraempreendedores, o processo visionário e criação de novas empresas de atividade (HEC Montreal).

A Teoria Visionária foi construída a partir de uma pesquisa de campo realizada durante cinco anos (1985-1990) com pequenos empreendedores de cinco países sendo, Finlândia, Suécia, Escócia, Suíça e Canadá, e proprietários de grandes empresas do Canadá (FILION, 1993).

A teoria tem como sustentáculo a **visão**, sendo esta definida como:

[...] uma projeção, ou seja, uma imagem projetada no futuro, do lugar que o empreendedor deseja que seu produto venha a ocupar no mercado. É, também, uma imagem do tipo da empresa necessária para alcançar esse objetivo. Em suma, visão refere-se aonde o empreendedor deseja conduzir seu empreendimento (FILION, 1993, p. 52).

Vale ressaltar que mediante esta definição de visão é possível diferenciar a mesma do sonho. A visão, de forma simples, envolve alguma intuição e, acima de tudo, imaginação; todavia, ao inverso do sonho, ela está relacionada a ações reais a serem executadas (FILION, 1993). A visão parece prover ao empreendedor um referencial que o auxilia a alcançar o lugar aonde almeja chegar.

Por meio da Teoria Visionária é facilitada a compreensão de como o surgimento de uma ideia de produto ou serviço forma-se em um novo negócio. Serve para entender como a ideia de produto ou serviço é concebida e quais são as condições para que ela surja (FILION, 1993). É importante por possibilitar a conceituação com simplicidade e profundidade do que é o empreendedor, além de importar-se com o seu sistema de atividades, estudando como o

empreendedor realiza o seu trabalho. Por meio dela é possível conhecer e compreender a importância e o estabelecimento das relações entre esses empreendedores, seus negócios e o ambiente em que estão inseridos (Ibid, 1993).

As pessoas motivadas a abrir o próprio negócio, ao longo do tempo, vão criando, fundamentadas em sua experiência, ideias de produtos e/ou serviços. Tais ideias, inicialmente, surgem em estado bruto e exprimem uma vontade ainda não bem definida. Isto é, até então não sofreram um processo de validação, podendo ainda não representar uma oportunidade real (FILION, 1993).

QUADRO 6 - VANTAGENS RESULTANTES DA VISÃO.

Fornece tanto uma orientação quanto uma base para reflexão e a prática de atividades empreendedoras.
Permite a unificação de ações e atividades em torno de uma ideia central.
Encoraja o empreendedor a articular visões realistas, atraentes e dignas de crédito, sobre os objetivos para os quais o empreendimento está voltado.
Apresenta uma estimulante estrutura básica ao redor da qual o grupo social que compõe a organização pode se unir.
Induz o empreendedor a canalizar recursos em uma direção única. Eventualmente, a visão poderá materializar-se no formato de missão e de objetivos a serem atingidos.

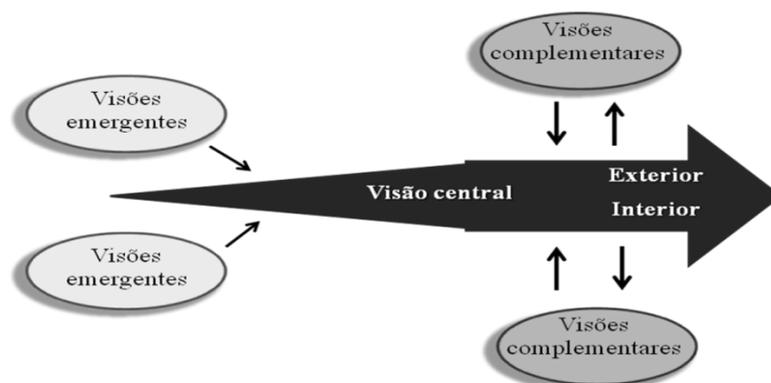
Fonte: Filion (1993, p. 60).

O processo visionário é o resultado de superposição do sistema de atividades dos empreendedores e implica o desenvolvimento e a realização de três categorias de visão: emergente, central e complementar (DOLABELA, 2011). A ramificação em três categorias que complementam-se e interagem entre si, a **visão emergente**, a **visão central** e a **visão complementar** (Figura 1) ocorre de maneira constante e intensa (FILION, 1993, p. 52).

“Para evoluir de uma categoria para a outra, o empreendedor precisa de um alto nível de articulação pessoal, coerência e tenacidade, todos eles importantes fatores para o sucesso ou o fracasso de sua estratégia” (FILION, 1993, p. 56).

O elemento primordial em que apoia-se, tanto para o desenvolvimento da visão como a concretização da mesma, é o sistema de relações do empreendedor. Outros elementos igualmente colaboram para o desenvolvimento da visão: a liderança, a energia, e as percepções, estas condicionadas pelos valores de cada um (FILION, 1993).

FIGURA 1 - TRÊS CATEGORIAS DE VISÃO



Fonte: FILION, 1991

- **Visões emergentes**

“As visões emergentes são formadas em torno de ideias e conceitos de produtos e/ou serviços imaginados pelo empreendedor, que, frequentemente, antes de se lançar a um empreendimento, pondera várias alternativas de produtos ou serviços” (FILION, 1993, p. 53).

Quer dizer que, o futuro empreendedor, para aprofundar-se em sua ideia e/ou ideias emergente (es) busca informações com pessoas, realiza leituras e cursos, participa de eventos específicos sobre o assunto. Assim, mediante estas novas informações, sua ideia inicial vai alterando-se, assumindo novas características, delineando novos processos, serviços e/ou produtos. Com a construção do “novo”, modificado pela obtenção de mais informação, conseqüentemente, lança-se na procura de pessoas, livros, cursos, eventos, entre outros. É um movimento cíclico, na proporção em que estas relações irão auxiliar na criação e/ou melhora do produto e/ou serviço, transformando-o de starte.

“O empreendedor frequentemente precisará trabalhar em várias visões emergentes antes de concentrar-se naquela que se tornará sua visão central”. Assim como “Ao longo de sua vida, um empreendedor deve continuar a avaliar, selecionar e então integrar novas visões emergentes à sua visão central” (FILION, 1993, p. 53).

- **Visão central**

De acordo com Filion (1993, p. 54) “A visão central é, frequentemente, o resultado de uma única visão emergente, e às vezes é a combinação de várias visões emergentes”. Com o foco na visão construída, a partir de numerosas e profundas pesquisas, o empreendedor pode expandir para além dos produtos, incluindo igualmente o mercado a ser conquistado, ou seja, o tipo de consumidor (es) para o(s) qual(ais) serão produzidos (FILION, 1993).

Esta visão central apresenta dois componentes – os interiores e os exteriores, de forma que a visão central exterior afunila para o lugar que o empreendedor deseja que seus produtos e/ou serviços ocupem no mercado; enquanto a visão central interior converge para o tipo de organização que ele necessita criar para conseguir alcançar seu objetivo. De acordo com o autor, “primeiramente, eles desenvolvem o componente exterior, e o componente interior toma-se, então, uma condição para essa realização; um certo tipo de organização deve ser implantado para permitir à empresa diferenciar-se no mercado” (FILION, 1993, p. 54).

O empreendedor deve estudar o mercado no qual quer inserir-se na busca de espaços, clientela e nichos, este possibilitará a construção de algo que atenda uma necessidade ainda não satisfeita e/ou a oferta do “diferente”. A seguir, delinear a composição de sua instituição para atender a demanda descoberta.

[...] a visão central do empreendedor bem-sucedido focaliza a posição que ele quer que os seus produtos ocupem no mercado. [...] os aspectos característicos da visão central são os seguintes: devem expressar uma visão realista, viável e acreditável do espaço que o empreendedor deseja que seus produtos ocupem no mercado e do tipo de organização necessária para chegar lá (FILION, 1993, p. 54-5).

- **Visões complementares**

Para Filion (1993) as visões complementares são:

A visão central é apoiada, em seu desenvolvimento, por uma série de visões complementares, enxertadas em seus componentes interiores e exteriores. Uma visão central raramente continuará a se desenvolver além de um certo ponto, se não tiver esse apoio das visões complementares (FILION, 1993, p. 55).

As visões complementares são compostas pelo grupamento de ações de cunho gerencial que necessitam ser implementadas no intuito de alcançar o progresso da visão central. Por intermédio de um papel de definidor ou ativador de visões complementares, o empreendedor consegue desenvolver os componentes de sua visão central (FILION, 1993, p. 55).

Destaca-se que nesta seara a habilidade de comunicação é primordial, pois por meio dela o empreendedor poderá definir com efetividade o que espera de seus empregados/subordinados, assim como poderá extrair de seus clientes/público o que eles desejam que lhes seja oferecido.

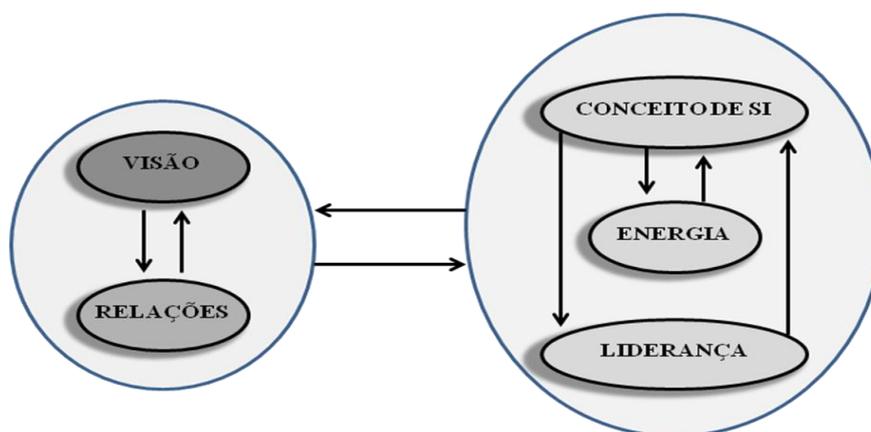
Filion (1993, p. 56) evidencia que (*entrepreneur-visionary*) o empreendedor-visionário é aquele que possui uma visão e atua como um acelerador, um dínamo que desencadeia um aglomerado de ações gerenciais indefinidas. Estas ações sem definição, “quando conduzidas por alguém com a experiência necessária, capacitam-no não somente a realizar a visão, mas também a levar seu empreendimento muito além do que havia imaginado”.

As três categorias de visões interagem entre si intensamente. Para evoluir de uma categoria para outra, o empreendedor precisa de um alto nível de articulação pessoal, coerência e tenacidade, todos eles importantes fatores para o sucesso ou o fracasso de sua estratégia (FILION, 1993, p. 56).

3.1.1. O PROCESSO DE PENSAR POR MEIO DE UMA VISÃO

O Processo de Pensar usando como base uma Visão possibilita ao Empreendedor uma estrutura para a reflexão e ação. Durante este processo o empreendedor apoia-se em alguns elementos, cada um deles influenciando os demais e vice-versa (FILION, 1993). Estes elementos são definidos por Filion (1993) como sendo, Conceito de Si³⁸, Energia, Liderança e Relações, este desempenhando um papel mais importante que as demais.

FIGURA 2 - O PROCESSO DE VISÃO



- **Conceito de si**

É a ótica pela qual o indivíduo enxerga o mundo no qual está inserido, incluindo nele seus valores, atitudes, humor e intenções. O termo está ligado a imagens, modelos e outras formas de representação da realidade, com frequência. Como o mundo é mutável e a realidade no qual se está imerso apresenta constantes mudanças, a visão que o indivíduo tem acerca de si não é fixo, sendo continuamente reformulado (FILION, 1993).

O conceito de si constitui o fundamento no qual o processo de criação da visão do empreendedor desenvolve-se. Este processo apoia-se primariamente em projetar uma visão no futuro sobre si ou a sua empresa/produto/serviço. Evidentemente, neste momento, o

³⁸ Em seu artigo original "The main factor of success for entrepreneurs is the capacity of projecting a view of their businesses on the future" (1991), traduzido para o português e publicado em 1993, na **Revista de Administração de Empresas**, Louis Jacques Filion nomeia este elemento como *Weltanschauung*, uma palavra que se origina do alemão e para qual não existe palavra em inglês, que reproduza o mesmo sentido, sendo usada como mais próxima, a palavra *image*. Em português, essa "imagem" que o empreendedor faz de si foi definida com o termo "Conceito de si".

empreendedor não pode definir com facilidade se almeja ser algo, sem antes saber o que significa ser este algo (FILION, 1993).

Este contínuo movimento de reformulação é alimentado pelo contexto em que o indivíduo atua ou decide atuar; no caso de um pequeno negócio, este é percebido como um sistema social construído entorno do seu proprietário, mediante as características dos componentes que estão dentro do seu Conceito de Si. O empreendedor pode compreendê-lo melhor buscando entender sua própria história (familiar, pessoal, profissional, entre outros), seus valores, suas crenças, sua educação informal (viagens, leituras, conversas, documentários, entre outros), seus sistemas de relações (FILION, 1993).

- **Energia**

A energia é o tempo dispensado em ações laborais e a intensidade com que elas são executadas. Neste elemento os valores do empreendedor irão influenciar nas suas decisões acerca do que dispor para investir em sua vida profissional. No entanto, uma grande quantidade de horas trabalhadas não garante necessariamente o sucesso de um negócio. É vital utilizar esta energia, para o tempo de dedicação ao negócio, em atividades que podem propiciar o exercício da liderança, de incentivo e motivação para as pessoas envolvidas, da mesma forma para criação e preservação de relacionamentos oportunos e articulação de uma visão da empresa/serviço/produto (FILION, 1993).

- **Liderança**

A liderança é o resultado do conceito de si, da energia e dos relacionamentos, todavia, mutuamente, exerce influência sobre os três elementos. O que o empreendedor objetiva fazer é impactado no nível da visão e da extensão pela liderança, sendo esta importante para o desenvolvimento da visão. Ou seja, o desejo de realização do indivíduo é afetado pela liderança e, esta por sua vez, define, em grande parte, o alcance de sua visão (FILION, 1993).

A liderança, nos empreendedores, aparenta em um surgimento gradual de evolução, que reclama a obtenção de uma habilidade particular, em um setor particular de atividade. A habilidade para trabalhar e desenvolver uma visão sugere proporcionar liderança, e esta, para o empreendedor, depende do desenvolvimento da visão (FILION, 1993).

- **Relações**

De acordo com Filion (1993, p. 59) “o sistema de relações, aparentemente, é o fator mais decisivo para explicar a evolução da visão. A família, sistema básico de relações de um empreendedor, certamente moldará os tipos de visão inicial que possa ter”.

Estudos apontam que as famílias de empreendedores têm uma chance maior de gerar novos empreendedores e que os empreendedores de sucesso quase sempre têm um modelo, alguém a quem admiram e imitam (FILION, 1991 *apud* NETO, 2003).

Dolabela (2008) reforça que a primeira motivação para empreender tem sua base nas relações familiares, ou o que Filion (1991 *apud* NETO, 2003) nomeia como círculo de *relações primárias*. Posteriormente a visão inicial, as relações estabelecidas pelo indivíduo, com o intuito de progredir suas visões complementares, serão de suma importância para a evolução de sua visão central.

Quanto mais estruturada for a visão, mais significativo será o seu papel desempenhado na seleção dos critérios para a elaboração e manutenção de um sistema de relações. Filion (1991 *apud* NETO, 2003) salienta que o homem é como um produto social, e no caso dos indivíduos empreendedores, eles são um produto (resultado) dos sistemas de relações da família.

Três níveis de relações foram identificados, as *relações primárias*, *secundárias* e *terciárias*, cada uma delas envolvendo diferentes meios e que podem ser expandidas ao longo do tempo pelo empreendedor (FILION, 1991 *apud* NETO, 2003).

As *relações primárias* envolvem as pessoas próximas do indivíduo empreendedor, comumente sendo os familiares, amigos, com quem mantém vínculos variados, tais como, afetivo, recreativo, intelectual, entre outros.

As *relações secundárias* incluem os colegas, conhecidos, pessoas com quem sustentam um vínculo a partir de atividades bem definidas, tais como grupos religiosos, políticos, de negócios. Algumas podem tornar-se, posteriormente, relações primárias.

As *relações terciárias* são escolhidas com propósitos bem claros, para atender uma necessidade. Elas não requerem um contato pessoal, necessariamente, porém somente um contato com a área de interesse, podendo ser por meio de um evento ou curso, por exemplo.

É possível dizer que as relações primárias são a fonte primordial de criação de empreendedores, mesmo assim, as relações secundárias e terciárias podem, de maneira igual, ser significativas na formação de empreendedores.

QUADRO 7 - OS TRÊS NÍVEIS DE RELAÇÕES.

PRIMÁRIO	Familiares. Ligações em torno de mais de uma atividade.
SECUNDÁRIO	Conhecidos. Ligações em torno de uma atividade bem definida. Rede de ligações.
TERCIÁRIO	Cursos. Livros, viagens, feiras, exposições industriais.

Fonte: Filion (1991 *apud* NETO, 2003).

A interação, convivência com os indivíduos desta rede de relações é muito relevante. Afirma que “Existe um ditado no empreendedorismo que reza “dize-me com quem andas que te direis quem queres ser”. Se há empreendedores que nascem prontos, não é por razões genéticas, mas sim porque o nível primário de relações os influenciou”. A dedicação dispensada ao manejo destas relações sugere ser um dos principais elementos que possibilitam ao empreendedor criar uma visão central coerente.

3.2. BASES METODOLÓGICAS

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa para descrever, interpretar e demonstrar os achados do prisma metodológico, logo será um estudo com cunho descritivo-exploratório, sendo assim definido por considerar este tratamento mais adequado aos propósitos da pesquisa mediante o trabalho que será desenvolvido com os participantes.

Fundamenta-se esta abordagem com a assertiva para a pesquisa qualitativa:

[...] o aprofundamento das relações humanas, que não podem ser percebidas e captadas em equações médias e estatísticas. A pesquisa qualitativa responde as questões particulares, dando importância a uma realidade que não pode ser medida, trabalhando com um universo de significados, motivos, valores, vivências, experiências e a cotidianidade (MINAYO, 2011, p.33).

Entende-se que, como o estudo objetiva descrever os aspectos que contribuem para a formação de visão no Enfermeiro Empreendedor e suas implicações para a prática empreendedora, este achado apresenta um caráter subjetivo, não podendo ser mensurado.

O intuito exploratório adéqua-se considerando-se a possibilidade de maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito, aprimorando-se ideias e estimulando-se a compreensão de fenômenos (GIL, 2010).

O cunho descritivo da pesquisa corrobora com as afirmações:

Pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza desta relação. [...] são,

juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática (GIL, 2008, p.47).

Complementando estas definições, o intento da pesquisa exploratória e descritiva visa descobrir a existência de associação entre variáveis, pretendendo determinar a natureza desta relação e até proporcionar uma nova visão do problema (GIL, 2010).

Esta explicação é ideal para o trabalho, visto que os objetivos são descrever os aspectos que contribuem para a formação de visão no Enfermeiro Empreendedor e suas implicações para a prática empreendedora, bem como analisar as características e habilidades dos Enfermeiros Empreendedores adquiridas por meio do aprendizado na formação e na prática profissional.

O projeto de dissertação foi submetido à aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa EEAN/HESFA/UFRJ, respeitando e cumprindo o que preconiza as disposições da Resolução nº 466/12, que define os direitos e deveres que envolvem as pesquisas com seres humanos, sendo aprovado com o CAAE nº 50964715.3.0000.5238.

Os indivíduos, participantes do estudo, foram obtidos por meio da Técnica de Amostragem “*Snow Sampling*” (“Bola de Neve”), considerada ideal para este estudo visto que não é possível conhecer a magnitude do público em questão, os Enfermeiros Empreendedores, sendo uma população oculta, dispersa no mercado de trabalho, o que dificulta sua visualização. A técnica teve como *start* 10 enfermeiros empreendedores que atuam no município do Rio de Janeiro, com escalonamento do número de participantes até o limite de 25, podendo ou não ser excedido, conforme a análise dos dados coletados, e limitados ao Estado do Rio de Janeiro como campo de atuação.

A técnica metodológica “*Snowball*”, também divulgada como “*Snowball Sampling*” foi o caminho para a realização desta pesquisa em campo, possibilitando uma forma de amostra não probabilística, utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais do estudo indicam os novos participantes e estes, por sua vez, indicam os novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o “ponto de saturação”. O “ponto de saturação” é determinado quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa (WHA, 1994 *apud* BALDIN e MUNHOZ, 2011, p.50). Com isso, a Técnica *Snowball* é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, uma espécie de rede.

A seleção dos possíveis participantes foi feita respeitando-se os critérios de inclusão para participarem da pesquisa, sendo:

- 1) Enfermeiros, ambos os sexos, sem distinção de idade, que atuem ou tenham atuado na criação e desenvolvimento de empreendimentos nas linhas da Assistência (consultório e/ou clínica própria, entre outros); Consultoria e/ou Assessoria (pessoa jurídica e/ou autônomo); Ensino (criação e desenvolvimento de instituições); Projetos (cunho social e/ou privado); Produtos e/ou Tecnologias (criação e desenvolvimento), e outros tipos de empreendimento.

O critério de exclusão definido para seleção dos participantes foi:

- 1) Atuar no empreendimento, porém não ser o idealizador e/ou criador do mesmo.

Após obtenção dos contatos (telefônico e endereço eletrônico) dos potenciais participantes, foi feito um breve contato com os mesmos para confirmação dos critérios de inclusão e exclusão, bem como uma explicação da pesquisa. Com os que aceitaram participar do estudo foram marcadas as entrevistas individuais, de acordo com a disponibilidade do participante, em local definido por comum acordo entre a pesquisadora e o participante, em horário em que pudesse ser entrevistado sem interrupções.

Antes da entrevista foi solicitada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo autorizada por meio da assinatura do participante. A entrevista foi gravada por meio de gravador/MP3/aparelho celular somente após autorização por escrito do participante, sendo ele identificado por meio de pseudônimo numérico.

Para a realização da pesquisa, obtenção dos dados e alcance dos objetivos propostos foi considerado necessário o uso de *Entrevista não-diretiva*, que para Gil (2008, p. 111) é o modelo de entrevista ideal quando o pesquisador quer conhecer as opiniões e atitudes do entrevistado em relação ao objeto de estudo, bem como os fatos e motivações que constituem seu contexto. Logo, atendeu a proposta da pesquisa que tem como objeto de estudo a “A formação de visão e o desenvolvimento de características e habilidades nos Enfermeiros Empreendedores”.

Corroborando esta visão, acrescento que o indivíduo é considerado como portador de cultura, que a entrevista não-diretiva pôde explorar a partir das verbalizações, inclusive as de conteúdo afetivo. Nelas são procurados sintomas dos modelos culturais que se manifestam na vivência dos indivíduos ou grupos considerados. Os modelos culturais são progressivamente evidenciados a partir da revelação de uso de estereótipos e da influência dos grupos aos quais os indivíduos pertencem ou referem-se em função da sua socialização (THIOLLENT, 1986).

Nessa modalidade de entrevista, optei pelo uso da entrevista aberta ou não estruturada, com temas norteadores que permitiram aos enfermeiros discorrer livremente sobre: 1) História de Vida Familiar e sua influência para a prática do Empreendedorismo; 2) Trajetória da

Formação e sua influência para a prática do Empreendedorismo; 3) A Prática Profissional como Enfermeiro e sua influência para a prática do o Empreendedorismo; 4) O meu caminhar como Empreendedor; 5) Características e habilidades do Enfermeiro Empreendedor para a concretização da Ideia (Produto/Negócio/Serviço); 6) Caminho a ser percorrido pelo Enfermeiro para concretizar uma ideia empreendedora em ação (Produto/Negócio/Serviço/Outro).

Segundo Lakatos & Marconi (2011), a entrevista não-diretiva possui vantagens e desvantagens que devem ser ponderadas. Como vantagens, o contato direto e imediato com as questões relevantes, que leva o entrevistado a um processo de reflexão sobre o tema a ser abordado, mas também a profusão de dados que devem ser reduzidos e as interferências emocionais, como desvantagens.

Esta técnica de entrevista é originária de uma técnica psicoterapêutica centrada no cliente e desenvolvida por Carl Rogers³⁹, utilizada para obter informações baseadas no discurso livre do entrevistado, possibilitando a livre expressão e significância dos atos, revelando tanto a singularidade (a percepção) quanto a historicidade, concepções e ideias (HOFFMAN e OLIVEIRA, 2009).

Devido a diversidade de áreas de atuação, produtos (produto/serviço/negócio) desenvolvidos, áreas geográficas de moradia/trabalho e formação acadêmica, foi construído um instrumento de Caracterização dos Participantes, disponibilizado para preenchimento no momento anterior a realização da entrevista. Este foi validado após a sexta entrevista sendo alterado com a inclusão de informações referentes à existência de filhos(as), netos(as) e quantitativo.

Antes da realização da entrevista e coleta dos dados, o participante foi identificado pelo pseudônimo Empreendedor, seguido de um numeral, determinado pela ordem de realização das entrevistas, como exemplo, Empreendedor 1 (E1), e seu discurso foi gravado e transcrito na íntegra, permitindo assim uma leitura fluente do depoimento.

Os riscos da pesquisa foram minimizados, exceto algum transtorno de caráter particular em responder aos questionamentos, posto que os dados que foram coletados na entrevista, só foram divulgados após o retorno do conteúdo coletado para os participantes, que os reavaliaram e deram o consentimento para divulgá-los com a utilização dos dados de modo integral, parcial ou nulo.

³⁹ Carl Ransom Rogers (08 de janeiro de 1902 - 04 de fevereiro de 1987) foi um atuante na terceira força da psicologia e desenvolvedor da Abordagem Centrada na Pessoa. Sua dedicação à construção de um método científico na psicologia foi reconhecida por prêmio, da qual também foi eleito presidente, em , tendo sido um pioneiro no estudo sistemático da clínica psicológica.

O benefício e vantagem da pesquisa para os participantes abrange a oportunidade de contribuição no desenvolvimento do conhecimento produzido pelo enfermeiro empreendedor.

Ratifica-se que estes dados ficarão sob minha guarda e serão mantidos a confidencialidade e sigilo dos mesmos durante cinco (05) anos após o término da pesquisa e só então, serão desprezados.

Seguindo o desenho metodológico de busca e seleção de possíveis participantes, o *Snow Sampling* (Técnica Bola de Neve) teve o *start* com 10 empreendedores, todavia, inicialmente foram identificados 26 empreendedores, e no total, convidados para pesquisa 38 empreendedores. Destes, cinco não aceitaram participar da pesquisa e duas foram eliminadas, pois atuam de forma empreendedora, porém não são enfermeiras, são técnicas de enfermagem.

Dos participantes que declinaram o convite, dois afirmaram não desejarem participar da pesquisa, pois não atuam mais de forma empreendedora, um possuía consultório particular onde atuava na saúde da mulher, com ênfase no pré-natal, e outro realizava atendimento domiciliar especializado em pós-natal. Dos demais convidados que declinaram, um possui um consultório particular e atua com o cuidado especializado em dermatologia, um atua como assessor de artes médicas em uma grande rede de televisão brasileira, uma atua como consultora na área de emergência, uma possui um consultório particular e atua com o cuidado especializado em estomaterapia no município de Teresópolis/RJ.

Os demais 16 enfermeiros empreendedores que foram convidados e aceitaram participar da pesquisa não foram entrevistados em função de variados entraves, principalmente a indisponibilidade de horário para realização da entrevista por questões profissionais e/ou pessoais.

Estes convidados atuam em diferentes áreas, dois com consultoria e assessoria, quatro com educação (dois com curso preparatório para concursos – sendo um no município de Macaé, uma com curso de capacitação na área de nefrologia, uma com instituição de ensino superior e de ensino técnico, uma com instituição de ensino/capacitação – no município de Duque de Caxias), cinco com assistência especializada (dois em estomaterapia, uma em dermatologia e um em terapias alternativas, uma com curso de capacitação e cuidados especializados na área da gerontologia - no município de Nilópolis e um com atendimento domiciliar – no município de São Gonçalo), duas com assessoria, consultoria e capacitação.

A atuação empreendedora e autônoma destas duas técnicas de enfermagem reforça a necessidade de revisão da Resolução COFEN nº 255 de 200, que atualiza as normas para as empresas de Enfermagem (ANEXO A). Nesta são descritas as Normas para Registro de

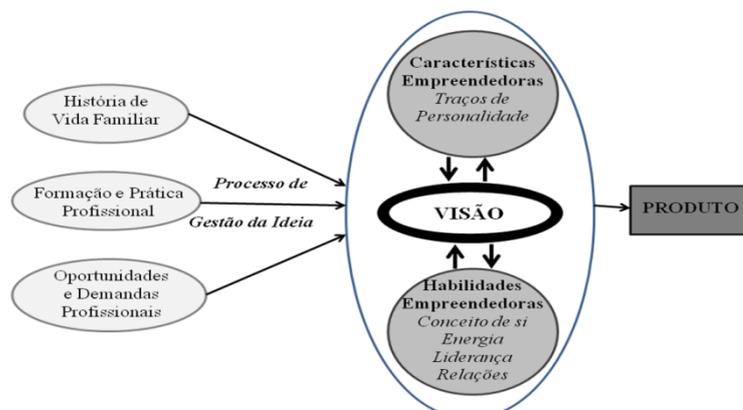
Empresas e anotações dos Dirigentes de suas atividades de Enfermagem, com vista à Responsabilidade Técnica, tendo em suas disposições gerais, artigo 1º, descrita a obrigatoriedade de registro no COREN competente, toda Empresa basicamente destinada a prestar e/ou executar atividades na área da Enfermagem, inclusive sob as formas de supervisão e de treinamento de recursos humanos, ou que, embora com atividade básica não especificamente de enfermagem, presta algum desses serviços a terceiros. E em seu parágrafo único, a vinculação aos COREN visando assegurar a realização das atividades referidas no artigo 1º, em termos compatíveis com as exigências éticas do exercício da Enfermagem.

A Resolução não contempla os profissionais que exercem atividades autônomas de enfermagem a terceiros, sem vinculação com instituições, e tal quais as empresas de enfermagem, necessitam ter suas atividades registradas no COREN competente para fiscalizar e respaldar suas ações. Ações estas, exercidas na atualidade, sem um registro próprio para enfermeiros autônomos, que empreendem individualmente.

Com o deslizar da Bola de Neve, possibilitado pela realização das entrevistas, foi possível observar um fenômeno entre os empreendedores entrevistados. Ao serem convidados a indicar um próximo possível participante, os nomes dos enfermeiros empreendedores atuantes no Estado do Rio de Janeiro foram sendo repetidos a cada entrevistado. Ou seja, os enfermeiros que empreendem no Rio de Janeiro são conhecidos entre si, formam uma rede de contatos.

Para apoiar a análise dos dados um Modelo Teórico, baseado na Teoria Visionária de Filion, foi elaborado conforme exposto no esquema a seguir:

FIGURA 3 - MODELO TEÓRICO DE ANÁLISE DOS DADOS, BASEADO NA TEORIA VISIONÁRIA DE FILION



Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Filion (1993) e Portes (2006).

Com base neste modelo foi possível desvelar a história de vida do empreendedor, tanto familiar, quanto acadêmico-profissional e o mercado de trabalho no qual esteve e está

inserido. Estes contextos estão ligados ao *Processo de Gestão da Ideia*, que configura-se em uma *Visão* do indivíduo sobre a empresa/serviço/produto. Esta visão também é alimentada e retroalimentada pelas *Características Empreendedoras* (Traços de Personalidade) e as *Habilidades* (Conceito de si, Energia, Liderança, Relações), que por sua vez, são influenciadas também pela história de vida, formação, prática e mercado de trabalho, e resulta em um *Produto*.

Os três capítulos da apresentação e análise dos resultados ficaram assim configurados: Capítulo IV “Encetadura da Apreciação dos Dados”, Capítulo V “Apreciação dos contextos vivenciados do seio familiar ao mercado de trabalho” e Capítulo VI “Lapidando a Visão Empreendedora”.

CAPÍTULO IV

ENCETADURA DA APRECIACÃO DOS DADOS

“Os dias prósperos não vem por acaso; nascem de muita fadiga e persistência” (Henry Ford).

Para a apresentação, ordenamento e análise dos dados um Modelo Teórico de Análise, fundamentado na *Teoria Visionária de Fillion*, foi construído para esta pesquisa. Este modelo permitiu identificar e acompanhar o desenvolvimento da ideia de produto/serviço/negócio (Processo de Gestão da Ideia) pelo Enfermeiro Empreendedor até a sua concretização, assim como a formação adquirida pelo mesmo para sustentação da ideia [Características Empreendedoras (Traços de Personalidade) e Habilidades (Conceito de si, Energia, Liderança, Relações)] e a influência das relações em diferentes searas, definidas como História de Vida Familiar, Formação e Prática Profissional e Oportunidades e Demandas Profissionais.

4.1. CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

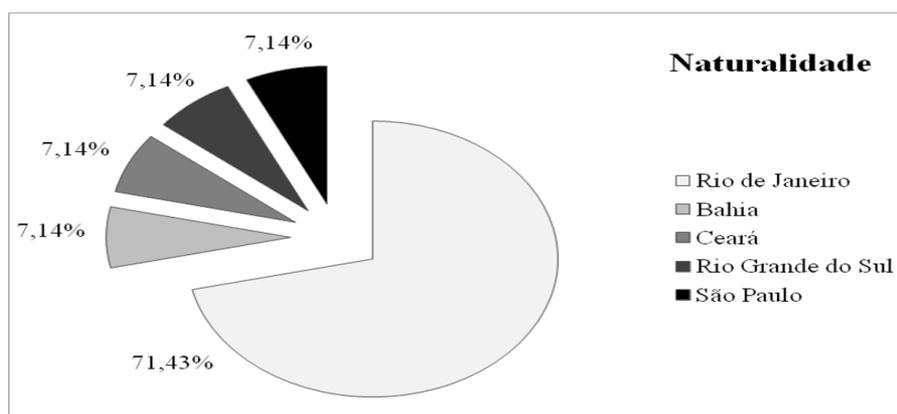
Os 14 participantes são predominantemente do sexo feminino (91,66%), apresentam faixa etária dos 33 aos 58 anos, declaram como estado civil solteiro(a) (8,33%), solteiro(a) com união estável (25%), casado(a) (25%), divorciado(a) (16,66%), divorciado(a) com união estável (16,66%), não há viúvos(as). Vinte e cinco por cento (25%) relatam não ter filhos e dos que são pais (75%), possuem um filho (8,33%), possuem dois filhos (16,66%), possuem três filhos (25%), possuem quatro filhos (8,33%), bem como três afirmam possuir netos.

QUADRO 8 - IDENTIFICAÇÃO SOCIAL DOS PARTICIPANTES.

Empreendedor	Sexo	Idade	Estado civil	Filho(s)	Quantidade
01	F	58	União estável	Sim	02
02	F	33	União estável	Não	---
03	F	52	Divorciada	Não	---
04	F	54	Casada	Sim	04
05	F	50	Divorciada	Não	---
06	F	56	Solteira	Sim	03
07	F	38	Casada	Sim	02
08	M	50	Casado	Sim	01
09	F	51	Divorciada	Sim	01
10	F	41	União estável	Sim	02
11	F	48	Casada	Sim	02
12	F	42	União estável	Sim	02
13	F	65	Solteira	Não	---
14	F	65	Divorciada	Sim	02

A maioria dos entrevistados é natural do Rio de Janeiro (83%), destes um é natural do município de Petrópolis/RJ e quatro entrevistados (34%) são nascidos em outros estados, sendo um no município de São Paulo/SP, um no município de Maragogipe/BA, um no município de Caruaru /CE e um no município de Santana do Livramento/RS.

FIGURA 4 - NATURALIDADE DOS PARTICIPANTES



No quadro 9 está descrito o município de moradia e o de trabalho dos participantes. Apenas um participante atua em município diferente do qual reside. Ao ser indagado sobre esta situação, o mesmo afirma que a área da Baixada Fluminense, na qual reside, na sua percepção não apresenta mercado/público para sua atividade empreendedora (atendimento domiciliar especializado). Os demais participantes atuam nos municípios em que residem. Parte destacou que dependendo da atividade a ser desenvolvida, como exemplo, consultoria e/ou capacitação, estas atividades podem ocorrer em todo o território nacional brasileiro.

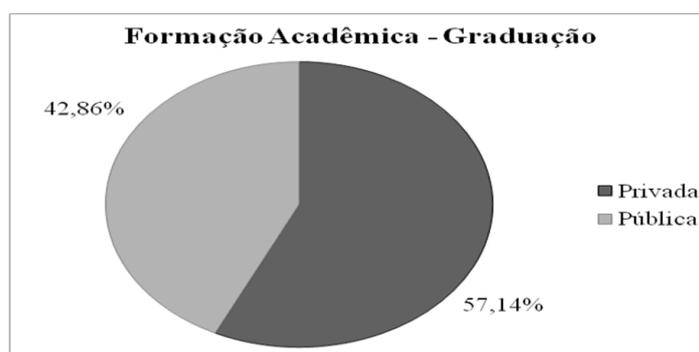
QUADRO 9 - IDENTIFICAÇÃO DEMOGRÁFICA - MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA E ATUAÇÃO LABORAL.

Empreendedor	Município (residência)	Município (atuação/trabalho)
01	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ
02	Duque de Caxias/RJ	Rio de Janeiro/RJ
03	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ
04	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ
05	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ
06	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ
07	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ
08	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ
09	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ
10	Petrópolis/RJ	Petrópolis/RJ
11	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ
12	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ
13	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ
14	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ

Todos os participantes, mesmo os com naturalidade de outros estados, não sendo o Estado do Rio de Janeiro, graduaram-se em Instituições de Ensino Superior no Estado do Rio de Janeiro.

Os participantes concluíram o curso de graduação em Enfermagem no intervalo de tempo de 1973 a 2013, tendo 67% deles realizado em instituições privadas de ensino superior e 33% em instituições públicas de ensino superior.

FIGURA 5 - FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PARTICIPANTES - GRADUAÇÃO



No quadro 10 está detalhada a formação acadêmica dos participantes. Salienta-se que 33,33% (05) afirmaram ter feito a Licenciatura em Enfermagem e 8,3% (01) ter realizado a Licenciatura em Ciências Biológicas.

Apenas 03 participantes possuem Pós-graduação na modalidade Residência, cursada em instituições públicas federais no Rio de Janeiro. Um participante não possui a Pós-graduação *Lato sensu* e dos restantes, destacam-se cinco participantes que realizaram dois cursos e/ou mais. Relativo ao MBA (*Master of Business Administration*⁴⁰), 04 participantes concluíram, sendo dois deles realizados em instituição pública de ensino superior e os demais em instituições privadas de ensino superior e um participante interrompeu o curso.

Na esfera da Pós-graduação *Stricto sensu*, oito participantes possuem o curso de mestrado, tendo seis deles cursado o mestrado acadêmico em instituições públicas de ensino superior e dois o mestrado profissional em instituições privadas de ensino superior.

Referente ao curso de doutorado, dois participantes possuem o curso realizado em instituições de ensino superior públicas. Nenhum participante possui o curso de pós-doutorado, nem mesmo em curso ou interrompido.

⁴⁰ *Master of Business Administration* é um grau acadêmico de pós-graduação destinado a administradores e executivos nas áreas de gestão de projetos.

QUADRO 10 - FORMAÇÃO ACADÊMICA DOS PARTICIPANTES - PÓS-GRADUAÇÃO.

Empreendedor	Licenciatura	Residência	Especialização	MBA	Mestrado	Doutorado	Pós-doutorado
1	Sim	---	Dermatologia (em curso)	---	---	---	---
2	---	---	Estomaterapia	---	---	---	---
3	---	Pediatria	Doenças Respiratórias Estomaterapia Educação a Distância Gerontologia e Geriatria (em curso)	Gestão de Negócios (interrompida)	Cuidados de Enfermagem	---	---
4	Sim	---	Dermatologia	CCIH e Infecção Hospitalar	Ciências da Saúde	---	---
5	---	---	Dermatologia (em curso)	---	---	---	---
6	---	---	Obstetria	---	Enfermagem Obstétrica	Enfermagem Obstétrica	---
7	---	Nefrologia	---	---	Enfermagem Médico-cirúrgico	---	---
8	Sim	Vigilância Sanitária	Pneumologia Sanitária	---	Saúde Pública	---	---
9	Sim (Ciências Biológicas)	---	Enfermagem Médico-cirúrgico Educação Profissional de Enfermagem Saúde do Trabalhador	Saúde do Trabalhador	---	---	---
10	---	---	CME e Centro Cirúrgico Estética e Cosmetologia	Cosmetologia Dermatofuncional e Estética	---	---	---
11	Sim	---	Saúde Coletiva Gerência	---	---	---	---
12	---	---	Dermatologia	---	Gestão em Saúde	---	---
13	---	---	Nefrologia Dinâmicas dos Grupos Análise Transacional (em curso)	Gestão do Conhecimento	Enfermagem em Nefrologia	---	---
14	Sim	---	Administração Hospitalar Metodologia do Ensino Superior Saúde Mental (interrompida) Terapia Intensiva (interrompida)	---	Enfermagem na Saúde do Adulto	Gerência e Educação em Enfermagem	---

Por meio do seguinte quadro (QUADRO 11), no qual estão descritas as modalidades de atuação dos participantes como empreendedores, torna-se possível verificar que dez participantes atuam em mais de um ramo de negócios, ou seja, a maioria busca interligar suas atuações em diferentes esferas pautadas em sua grande área de conhecimento. Apenas três participantes possuem apenas um ramo de negócio.

No ramo da Assistência, nove participantes atuam por meio de consultório e/ou clínica de cuidados especializados. Destes aponta-se que três são da linha da Dermatologia, dois da

linha de Estomaterapia, um da linha de Podologia, um da linha da Obstetrícia, um da linha de Estética e um da linha da Nefrologia.

No ramo da Educação, atuam três participantes com instituições de ensino, um na linha de educação preparatória para concursos nas categorias de Enfermagem nível Superior e Técnico, um na linha de capacitação para área especializada de Enfermagem nível Técnico, um na linha de atualização/reciclagem de Enfermagem nível Técnico. Dois participantes atuam na área da educação por meio de suas empresas (pessoa jurídica) na linha de capacitação e atualização e um participante exerce atividade educadora na linha de capacitação e atualização como profissional liberal autônomo.

No ramo do Comércio, três participantes operam com a venda/fornecimentos de produtos. Destaca-se que dois destes participantes vendem e/ou fornecem produtos em suas clínicas/centros de cuidados especializados, por estes produtos e suas atuações serem atreladas à outras áreas da Saúde e Bem-estar, no caso a Podologia e a Estética. Um participante vende e/ou fornece produtos médico-hospitalares em espaço físico diferente de onde realiza seu atendimento assistencial especializado.

No ramo de Inovação e Desenvolvimento de Tecnologias, somente um participante trabalha, qualificando-se como Inventor, tendo criado três produtos classificados como produtos de tecnologia dura. Um deles já possuindo patente registrada e os demais em fase de ajustes/finalização para participar do processo de patenteação⁴¹. Ressalta-se que um participante, que atua em diferentes ramos de negócios, todavia não apresenta foco no ramo de inovação, cita ter desenvolvido um produto com registro de patente, classificado como um correlato.

No ramo de Liderança Visionária, três participantes apresentam atuação como líderes e/ou agregadores de especialistas. Um deles idealizador, criador e mantenedor de sociedade de especialistas em área já reconhecida como especialização da Enfermagem, um como referência, contribuinte e fomentador de especialistas em área que busca a regulamentação do COFEN e um sendo um dos criadores e mantenedores de sociedade de especialistas em área já reconhecida como especialização da Enfermagem.

⁴¹ Patenteação é o nome do processo existente para patentear um produto/objeto. Patentear o produto significa receber uma concessão pública, conferida pelo Estado por tempo determinado, que garante ao seu titular a exclusividade ao explorar comercialmente a sua criação (INPI, 2015).

QUADRO 11 - MODALIDADES DE ATUAÇÃO COMO EMPREENDEDORES

Empreendedor	Modalidades de atuação
1	Atendimento domiciliar + Cuidados Especializados em Dermatologia
2	Atendimento domiciliar + Cuidados Especializados em Estomaterapia + Atendimento <i>Online</i> Especializados em Estomaterapia
3	Instituição de Ensino + Clínica de Cuidados Especializados em Estomaterapia + Negócios Virtuais
4	Empresa de Assessoria, Consultoria e Ensino + Clínica compartilhada de Cuidados Especializados em Dermatologia + Criação e Liderança de Sociedade de Especialistas
5	Clínica de Cuidados Especializados em Podologia
6	Clínica compartilhada de Cuidados Especializados em Obstetrícia
7	Instituição de Ensino
8	Empresa de <i>Homecare</i> e Consultoria
9	Criadora de <i>Startup</i> de desenvolvimento de tecnologias duras para área da saúde
10	Centro de Cuidados Especializados em Estética e Capacitação + Fornecimento de produtos cosméticos + Liderança em nova área para Enfermagem
11	Instituição de Ensino
12	Atendimento domiciliar + Consultório de Cuidados Especializados em Dermatologia e Capacitação + Loja de produtos médico-hospitalares
13	Rede de Clínicas de Cuidados Especializados em Nefrologia + Empresa de Assessoria, Consultoria e Ensino + Criação e Liderança de Sociedade de Especialistas
14	Atendimento domiciliar + Cuidados Especializados em Enfermagem + Empresa de Assessoria, Consultoria

Analisando o quadro seguinte (QUADRO 12) no qual está detalhado o vínculo empregatício dos participantes, é notório que parte dos enfermeiros empreendedores, além de atuarem em seus empreendimentos, mantém vínculos empregatícios em instituições de saúde, alguns no cargo de Enfermeiro e outros como Técnicos de Enfermagem. Destaca-se que nenhum atua em instituições de saúde privadas, cinco não possuem vínculos, dois possuem vínculo em instituições privadas de ensino superior.

QUADRO 12 - APRESENTAÇÃO DE VÍNCULOS EMPREGATÍCIOS.

Empreendedor	Vínculo Público	Vínculo Privado	Categoria Enfermeiro	Categoria Outra
1	Estatutário Contrato	---	---	Sim ---
2	Estatutário	---	---	Sim
3	Estatutário	---	Sim	---
4	Contrato	---	Sim	---
5	---	---	---	---
6	---	---	---	---
7	Estatutário	---	---	Sim ⁴²
8	Aposentado	---	Sim	---
9	Aposentado	---	Sim	---
10	---	Sim*	---	Sim*
11	Estatutário	---	Sim	---
12	Estatutário	---	Sim	---
13	---	---	---	---

⁴² A participante E7 possui vínculo empregatício público em uma Instituição de Ensino Superior da esfera estadual como docente no Curso de Graduação em Enfermagem. As participantes E10 e E14 possuem vínculo empregatício privado em Instituições de Ensino Superior como docentes, sendo uma no Curso de Estética e outra no Curso de Graduação em Enfermagem, respectivamente.

14	Aposentado	Sim*	Sim	Sim*
----	------------	------	-----	------

Por intermédio do quadro subsequente (QUADRO 13) é exequível classificar o tempo que o empreendedor mantém-se atuante, ofertando seus serviços ao mercado consumidor. Pode-se classificá-los em Empreendedores Iniciais, sendo Nascentes ou Novos, e Empreendedores Estabelecidos.

Os Empreendedores Iniciais Nascentes são aqueles que fazem parte da estrutura de um empreendimento, estão envolvidos na estruturação de um negócio do qual são proprietários, mas que ainda não pagou salários, pró-labores ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários por um período superior de três meses de existência.

Os Empreendedores Iniciais Novos são os donos/ administradores de um novo empreendimento que pagou salários, gerou pró-labores ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários por um prazo maior do que três meses e menor do que quarenta e dois meses (3,5 anos).

Já os Empreendedores Estabelecidos são os que atuam/administram um empreendimento considerado como consolidado, que pagou salários, gerou pró-labores ou qualquer outra forma de remuneração aos proprietários por um período maior do que quarenta e dois meses (3,5 anos).

QUADRO 13 - CLASSIFICAÇÃO DOS EMPREENDEDORES RELATIVO A TEMPO DE ATIVIDADE EMPREENDEDORA.

Empreendedor	Tempo da atividade empreendedora	Classificação
1	Aproximadamente 5 anos	Empreendedor Estabelecido
2	Aproximadamente 3 anos	Empreendedor Inicial Novo
3	Aproximadamente 16 anos	Empreendedor Estabelecido
4	Aproximadamente 14 anos	Empreendedor Estabelecido
5	Aproximadamente 4 anos	Empreendedor Estabelecido
6	Aproximadamente 23 anos	Empreendedor Estabelecido
7	Aproximadamente 10 anos	Empreendedor Estabelecido
8	Aproximadamente 15 anos	Empreendedor Estabelecido
9	Aproximadamente 5 anos	Empreendedor Estabelecido
10	Aproximadamente 5 anos	Empreendedor Estabelecido
11	Aproximadamente 1,2 ano	Empreendedor Inicial Novo
12	Aproximadamente 18 anos	Empreendedor Estabelecido
13	Aproximadamente 40 anos	Empreendedor Estabelecido
14	Aproximadamente 5 anos*	Empreendedor Estabelecido

CAPÍTULO V

APRECIACÃO DOS CONTEXTOS VIVENCIADOS DO SEIO FAMILIAR AO MERCADO DE TRABALHO

“A descendência, a língua, a educação, a religião, a mentalidade, os laços de família e o meio social influem de tal maneira sobre o trabalhador, que a escolha do tipo e do local de trabalho não dependem apenas do nível da remuneração” (Ludwig Von Mises).

5.1. A HISTÓRIA FAMILIAR E OUTRAS INFLUÊNCIAS SUSTENTANDO AS VIVÊNCIAS DO APRENDER A SER ENFERMEIRO EMPREENDEDOR

“Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele” (Provérbios 22:6).

O estudioso Filion (1993) destaca em sua teoria que os empreendedores são fruto da convivência precoce com outros empreendedores, relação esta que ocorre no seio familiar ou de amigos. Esta visualização do *ser empreendedor* influencia em sua formação no que tange a sua visão sobre o mercado de trabalho, bem como de que forma contribuir na sociedade e qual legado deixar no mundo.

Considerando este contexto é possível identificar na fala dos participantes a influencia do cenário familiar e de amizades na atualidade de seus empreendimentos. Destacando que alguns não notam a relação da atividade desenvolvida pelo familiar e/ou amigo com a sua prática vigente.

Eu sempre tive visão de empreendedora, porque quando eu era criança, eu sempre vendia alguma coisa na minha sala (de aula). Meu pai comprava bananada e muitas coisas para ter em casa, então eu levava (para a escola). Quando eu chegava lá e queriam bananada, eu vendia (E1).

Aos cinco anos de idade eu despertei para o empreendedorismo. Eu não tinha vontade de casar, ter filhos. Tinha vontade de ter o meu negócio. [...] escutando uma conversa da minha mãe com a vizinha, ouvi que ela estava procurando boldo e não achava, mas na casa de outra vizinha tinha boldo. [...] Eu pulei o muro da vizinha e colhi as folhinhas [...]. Sentei na porta da casa da minha mãe e comecei a vender. Foi a primeira vez que eu me deparei com uma oportunidade de mercado: tem demanda, tem gente que quer e tem o produto. Eu vou vender! (E3).

Acho que tem sempre algo de uma formação individual, da pessoa. Quem é a pessoa, de que família ela é, o que ela aprendeu com a mãe dela, com o

pai dela. Eu me lembro que a minha mãe dizia para os três filhos: “Ser igual é muito fácil. Quero ver ser diferente!” E se eu for pensar nos meus dois irmãos, cada um dentro da sua área, são pessoas completamente diferentes de um modelo pré-estabelecido culturalmente. Então, tem uma coisa que já é da formação e não tem jeito, ela é de base (E6).

Por meio das falas é possível notar que vivências ocorridas no seio familiar influenciaram a forma dos entrevistados enxergarem o mundo e relacionarem-se com ele. As vivências destacadas aconteceram na fase da infância, uma fase crucial para o desenvolvimento da atitude empreendedora, pois de acordo com Dolabela (1999) é na família que a criança encontra o ambiente mais hostil ao empreendedorismo e que a escola reforça isso, porque é cultural prepará-la para o emprego, para a estabilidade e não para correr riscos e empreender.

Os entrevistados apresentaram atitudes empreendedoras diante de uma situação e não sofreram represália por parte da família, alguns tiveram até incentivo para pensarem de maneira autônoma. A partir desta conjuntura, ocorreu o aprendizado do indivíduo, que foi influenciado pelo meio ambiente, conforme o conceito de Vygotsky (OLIVEIRA, 2010).

O contexto familiar influencia muito na formação, construção do *ser humano, ser cidadão, ser profissional*, todavia um participante demonstrou tendências para o empreender independentemente de vivência na seara familiar ou de amizades. Por intermédio da sua fala nota-se que o ato de empreender não foi algo observado e vivenciado na esfera familiar ou de amigos, sendo manifestado por meio de um desejo intrínseco, de maneira inata.

Assim sendo, é factível perceber que os empreendedores apresentam qualidades diferenciadas entre si que permitem uma qualificação dos mesmos por tipos. A fala caracteriza o empreendedor nato ou como Dornelas (2008) explica, o empreendedor mitológico. Aquele que o indivíduo desde jovem trabalha, adquirindo habilidades em diferentes áreas que, mais tarde são cruciais para a criação e desenvolvimento de seu negócio, tais como vendas, negociação, construção de rede de contatos, entre outros. Bem como foi observado que em casos de empreendedores natos famosos no ocidente, que estes têm pais ou avós imigrantes, tendo fortemente arraigado os valores familiares e religiosos.

Mediante esta situação destacada por Dornelas (2016) é exequível apontar que estes empreendedores podem não ter vivenciado, visualizado em suas famílias a construção de um negócio, porém tem marcado em suas histórias familiares a construção de uma grande empreitada que é o mudar de vida, de região, de país, em busca, com o sonho, com o desejo intrínseco de criar, construir uma nova vida para si e sua família. Isto foi o vivenciado pelos

imigrantes e pessoas que, dentro do próprio país, mudam de região em busca de uma vida com mais oportunidades.

Destaca-se que os Empreendedores 4, 6, 13 e 14 têm naturalidade de outro estado que não o Rio de Janeiro, seu atual estado de moradia e para o qual mudaram-se há muitos anos, tanto que suas formações acadêmicas foram em instituição privada e pública no Rio de Janeiro, respectivamente.

A fala a seguir expressa esta conjuntura:

O meu pai e a minha mãe sempre foram muito desbravadores. [...] O meu pai fez (curso) Técnico de Contabilidade, depois (graduação) em Administração, e Direito já com 50 anos. [...] Ele entrou para política, o que deu a ele uma visão diferente. Fez Administração e foi convidado para participar de um processo para Adido de Embaixada, que existia em Montevideú. [...] Nós moramos fora do Brasil muitos anos [...] Tanto minha mãe quanto o meu pai tinham isso. Sempre tiveram isso de desbravar, de fazer coisas [...] Imagina isso, uma pessoa que começou com 7 anos vendendo linguiça e pão, e depois foi diplomata ganhando em dólar. Isso para mim é um exemplo de vida. [...] Eu tenho três irmãos e nós fomos criados assim, eles nos jogavam para fazermos as coisas, vai lá e se vira, tenta. E claro que já há algo latente de determinação, personalidade, é um conjunto de questões. É você, a família, o meio ambiente, um conjunto que faz você fazer certas coisas (E14)

Este quadro remete a um ponto de suma importância que merece ser frisado. Empreender, antes de tudo, é uma *forma de ser*, uma atitude, um hábito, um meio de viver e ver a vida. Um empreendedor pode empreender em diversas áreas em sua vida sem necessariamente ter um negócio, um comércio, um produto.

Empreender é um comportamento e como tal é vivenciado na esfera familiar, de amizades, de estudos, de trabalho, de lazer. Salienta-se na fala da participante E14 a relação que ela aponta como a propulsora para o indivíduo agir, ou no caso da fala “*que faz você fazer certas coisas*”, ela cita o indivíduo e suas características, a família e o meio ambiente, tal como Vygotsky explica em seu conceito sobre aprendizado, a influência do meio sobre o indivíduo numa relação que proporciona o aprendizado sobre algo (OLIVEIRA, 2010). As falas a seguir exprimem este comportamento.

Na época eu comecei a estudar para prestar um concurso público, eu tinha a minha filha pequena. Cheguei a estudar com outros professores e a sair da minha cidade (E10).

Na verdade, todo lugar em que trabalhamos é uma empresa nossa, então a minha primeira experiência foi em um hospital público e este hospital público eu via como uma empresa minha (E4).

A minha geração é uma geração que teve um movimento muito grande pela questão do serviço público. Lutamos por um serviço público de qualidade. Nós acreditávamos na possibilidade do serviço público e então fazer carreira como Servidor Público era status (E8).

As falas proporcionam compreender que se empreende por intermédio de um comportamento e, como tal, este comportamento é vivido, praticado nas distintas esferas de vida que o indivíduo possui. No caso das falas em destaque, a esfera de vida pessoal e de vida profissional.

O comportamento iniciado e desenvolvido do *ser* empreendedor, do agir de maneira diferente em busca de uma (re) construção, do gerar, criar e inovar acontece de variados modos em diferentes situações, sendo este estímulo aplicado pelo empreendedor nas diversas áreas de sua vida, tanto pessoal quanto profissional. A fala a seguir exemplifica esta conjuntura.

[...] a minha cunhada estava grávida e ela e eu sonhamos com o bebê. Sonhei que o bebê dela dizia para mim que queria nascer em casa, [...] que eu tinha os direitos legais para fazer isso, que eu estava ali recebendo o direito espiritual, que tinha que assumir e que aquilo era a minha missão e o meu caminho. Eu fiquei muito assustada. Quando eu acordei, comentei com a minha cunhada e ela falou “Então nós vamos fazer em casa!” (E6).

O teórico Filion (1993) afirma em sua pesquisa com empreendedores de diferentes países que o ato de empreender é muitas das vezes observado, aprendido e estimulado no plano familiar, assim como quanto mais cedo ocorre este contato, mais jovem este indivíduo decidirá empreender. No âmbito da saúde e, mais especificamente na área da enfermagem, o indivíduo pode possuir este comportamento empreendedor, porém por falta de incentivo e/ou conhecimento sobre o respaldo existente para empreender, pode receber este estímulo por meio de um familiar atuante na área da saúde, formado em outra profissão.

A minha irmã, que é nutricionista, falava para mim “vamos montar uma creche para idosos”. Ela queria montar uma creche comigo (E11).

A fala ilustra o incentivo recebido para empreender por um familiar, também profissional de saúde, que tem uma formação na qual o profissional tem fácil acesso a questões relacionadas ao empreender em sua área. O profissional nutricionista pode acessar o *site* de suas entidades de classe e obter informações referentes ao empreender trabalhando como autônomo, como assessor e/ou consultor, por exemplo.

No meu núcleo familiar eu sou uma das poucas pessoas que tem esse espírito de empreendedorismo. Aliás, sempre tive (E8).

A minha família é muito voltada para o comércio. Tenho tios que tem lojas no Saara, mas eu mesmo não vendo um palito. Não consigo vender nada,

nem mesmo brigadeiro [...] eu conseguiria vender. Então, eu nunca pensei em vendas, isso nunca passou pela minha cabeça. Mas a família está ligada à questão de ter negócio próprio, de ter lojas, vendas, comércio. Mas não há ninguém na área da saúde (E7).

As falas refletem extremos vivenciados pelos empreendedores durante suas formações pessoais no âmbito familiar. Um enfermeiro empreendedor percebe-se como o único no meio familiar com este “espírito” empreendedor, enquanto outro enfermeiro empreendedor cresceu em um ambiente dominado pelas práticas comerciais, de vendas, no entanto afirma ser incapaz de “vender algo”, ressaltando ser o único da área da saúde.

A ratificação quanto a ser da área da saúde, ocorrendo um atrelamento como oposto de atividades ligadas às vendas e/ou comércio, é um fenômeno explicado pelo Professor Zugman (2011) referente aos profissionais liberais, inclusive aos da área da saúde. Estes profissionais são prestadores de serviços profissionais e responsáveis por suas práticas e carreiras, são empreendedores. Todavia, grande parte destes profissionais escolhe suas profissões por vocação, apresentando extrema lealdade aos valores altruístas e caritativos e, com isso, grande resistência a ideia de ganhar dinheiro, de obter retorno financeiro com suas práticas profissionais.

5.2. A FORMAÇÃO ACADÊMICO-PROFISSIONAL E SUAS IMPLICAÇÕES NO SER ENFERMEIRO EMPREENDEDOR

“O Holocausto mostrou que a educação deve formar cidadãos críticos e não pessoas obedientes” (Mário Pereira Gomes).

As vivências e experiências ocorridas no campo acadêmico-profissional influenciam muito o *ser* empreendedor. O indivíduo pode apresentar de maneira inata um comportamento empreendedor, de movimento, mudança e criação, como pode aprender durante sua formação acadêmica como ser um agente transformador da sua realidade, aprendendo ações que, se aplicadas com comprometimento e perseverança, tornar-se-ão hábitos fecundos em sua trajetória acadêmica e profissional.

Alicerçada na análise das falas dos enfermeiros empreendedores é factível delinear as vivências e experiências deste domínio em dois blocos, o primeiro tratando sobre o incentivo

durante a vida acadêmica como graduando e/ou pós-graduando, e o segundo sobre o tecer do *networking*⁴³ na vida profissional.

5.2.1. DESCOBERTA/INCENTIVO DO SER ENFERMEIRO EMPREENDEDOR DURANTE A VIDA ACADÊMICA

As falas posteriores revelam o incentivo ou não do empreendedorismo ao longo da vida acadêmica, na graduação e pós-graduação dos participantes.

Na realidade, a ideia surgiu já na graduação, quando uma das professoras começou a falar sobre as alternativas, sobre o leque de opções que a Enfermagem possuía. Ela começou a falar [...] sobre a parte administrativa, sobre várias possibilidades que a Enfermagem tem, até mesmo de trabalhar por conta própria. Então, aquilo me despertou uma ideia, que na época não surtiu um efeito. [...] Mas eu comecei a procurar nas revistas de enfermagem, [...] pesquisando alguns artigos e lendo. Vi que várias enfermeiras, principalmente em São Paulo, tinham seus negócios. Li um artigo sobre uma enfermeira italiana que fazia consulta domiciliar. Fora do país isso é comum. No Brasil é mais comum em São Paulo. No Rio de Janeiro não é muito visível e parece que o pessoal não tem um entendimento do que é um enfermeiro, do que é a enfermagem. As pessoas não entendem o que fazemos (E1).

Eu não tive nenhuma aula (sobre Empreendedorismo). Tem um professor (da pós-graduação), que não faz mais parte do quadro (docente), que é empreendedor também. Eu estava começando a montar (um grupo de enfermeiras de cuidado com feridas), com outras quatro enfermeiras, que fazem a pós-graduação também, fazemos juntas. Então eu criei uma página em uma rede social e falei que ia fazer cartões de visita. Elas tentaram me fazer desistir desta ideia e eu insisti dizendo que “Tem que ter o cartão de visitas. Como é que você vai dizer que você trabalha, que você é enfermeira e você não tem nada! Vai escrever num papelzinho?” Depois, aquele professor em uma aula falou: “Olha só pessoal, ferida é um trabalho que pode ser autônomo, porque eu sou autônomo. Eu trabalho com isso e sou autônomo. A primeira coisa a se fazer é ter um cartão de visitas (E1).

Foi na graduação de enfermagem que eles me abriram um leque de possibilidades e informaram que eu poderia abrir um consultório. É claro que isso é muito complicado, [...] mas está cada vez melhor e mais fácil para nós (enfermeiros) abirmos o próprio negócio. Foi um professor que falou e a gente foi buscando na internet, estudando. Eu ouvi falar muito de uma enfermeira (cita o nome) que foi um referencial para mim (E5).

Acho que a minha graduação foi muito interessante. Fui para a favela, para o presídio. Nós já começávamos o primeiro semestre indo para as escolas. Lembro que nós olhamos a escola e pensávamos “O que podemos fazer para melhorar a saúde?” Nós fizemos uma campanha para o combate a piolhos.

⁴³ Networking é uma expressão do idioma inglês que significa rede de trabalho (MINARELLI, 2010).

Foi muito legal! Então, sobre a definição de empreendedorismo, penso que ali começou uma sementinha, alguma coisa que você pode fazer diferente (E6).

As falas possibilitam verificar que o incentivo para atuar de forma autônoma, bem como para atuar de maneiras diferentes sucedeu durante a graduação e pós-graduação por ação de docentes, no caso da entrevistada E1, o docente também era empreendedor.

Esta mesma participante recebeu o incentivo para empreender na graduação e na pós-graduação. Este docente empreendedor citado tem o hábito de incentivar seus alunos a empreenderem e endossa seu incentivo com a divulgação de sua atuação autônoma e empreendedora.

As entrevistadas E1 e E5 foram incentivadas pelo mesmo docente empreendedor, ressalta-se que as entrevistadas estudaram em instituições privadas de ensino superior diferentes.

Também acho que há uma vivência pessoal e há dois modelos que, para mim, foram muito importantes. Eu conheci as parteiras, na Amazônia, em um modelo completamente diferente. Fui a passeio, não a trabalho, mas eu fui parteira, vi as condições nas quais elas trabalhavam. Vi que os partos aconteciam lindamente. E conheci do outro lado do oceano, o trabalho de Michel Odent⁴⁴, das enfermeiras, das parteiras da água, da possibilidade do parto em casa. Conhecendo eu me encantei (E6).

Este relato permite um vislumbre sobre a influência, das formas de atuação diferenciadas e diferentes de um modelo hegemônico, na vida da participante. Essa possibilidade encantou-a, ou seja, fez com que a mesma despertasse para essa forma de trabalho fora da esfera hospitalar.

As falas subsequentes possibilitam a percepção do não incentivo sobre a possibilidade de empreender na Enfermagem, existente na seara do ensino superior durante o Curso de Graduação.

Na minha época não, nem havia isso (incentivo ao empreendedorismo). A minha formação foi toda hospitalocêntrica. Nós éramos preparados para irmos para a residência (curso de residência em enfermagem) e encarar o hospital. [...] Na trajetória profissional a gente já vê [...] algumas instituições privadas de ensino superior incluem na grade curricular a disciplina de empreendedorismo, preocupadas em preparar o profissional enfermeiro para uma nova modalidade de atuação no mercado de trabalho (E8).

Não, na faculdade isso não era falado. O que era muito incentivado era para concurso público. [...] Havia aquela cultura na faculdade de fazer

⁴⁴ Obstetra francês conhecido pelos conceitos de sala de parto como casa e da utilização das piscinas de parto.

concurso público, tanto que muitas amigas minhas passaram. Nessa época, eu tinha um amigo, que [...] estagiava comigo, que tinha ideias muito boas de investimento. Ele queria realmente investir na educação de técnicos de enfermagem. Pensava muito sobre o que nós poderíamos fazer fora do hospital e ele sempre pensava em ideias inovadoras. Tanto que ele abriu um curso de pós-graduação em universidades. Ele sempre teve ideias na educação, inovadoras. Eu sempre concordava, mas naquele momento eu não pensava (ir pelo mesmo caminho). Isso foi culturalmente desenvolvido em mim durante a faculdade, mas eu queria mesmo era trabalhar em hospital. [...] Se você me perguntar quem começou a plantar a semente na minha cabeça foi esse meu amigo enfermeiro. Ele também estava terminando a faculdade na mesma época que eu. Não me recordo de algum professor, na área acadêmica, falar sobre isso (empreendedorismo) (E7).

Somos formados apenas para assistência no hospital [...] Fora do ambiente acadêmico eu nunca tive este estímulo, nunca ninguém falou (sobre empreendedorismo). Acabei conhecendo ela lá (cita o nome de uma criadora de uma instituição de ensino de nível médio em enfermagem) e ela dizia que começou com 45 anos. Hoje ela está com 87 ou 88 anos. Idosa, mas ainda vai muito ao colégio, olha de perto (E11).

As falas traduzem o meio ambiente no qual os participantes foram formados no que diz respeito ao empreendedorismo. As falas, de maneira semelhante, mostram que a formação do enfermeiro é direcionada para a atuação nas instituições hospitalares e que isso é inculcido, aprendido no meio em que se está inserido, é culturalmente difundido na academia.

Os participantes não tiveram incentivo quanto ao *ser* empreendedor durante suas graduações, destacando que suas formações foram voltadas para o ingresso no ambiente hospitalar. Os participantes em destaque foram formados em instituições de ensino superior pública (E7, E8) e privada (E11), respectivamente.

O contato com a possibilidade de empreender na enfermagem ocorreu durante suas vidas profissionais, ao conhecerem enfermeiros que já possuíam um próprio negócio e/ou pensavam na possibilidade de empreender. Ressalta-se que o Empreendedor 8 (E8), em sua fala, aponta sua consciência sobre a existência da inclusão da disciplina de empreendedorismo na grade curricular do curso de enfermagem, por duas instituições privadas de ensino superior no Rio de Janeiro.

5.2.2. CONSTRUÇÃO DE REDE DE CONTATOS/RELACIONAMENTOS (NETWORKING) NA VIDA PROFISSIONAL

O empreendedor apresenta em seu comportamento ações bem características que possibilitam a (re) construção de seu meio ambiente, dentre elas destaca-se a formação de uma rede de contatos e/ou relacionamentos que possibilitam o alcance de seus objetivos. Esta

rede de contatos é conhecida pela expressão *networking*, que significa rede de trabalho. Minarelli (2010) define o *networking* como uma atitude, uma forma de viver que valoriza a convivência em prol de todos e produz um capital social que vale mais que dinheiro em muitas situações da vida.

Eu me relaciono bem com médicos, com qualquer profissional. [...] Uma sociedade médica veio conversar comigo sobre o que eu pensava a respeito de um assunto. Disse que nós precisávamos de médicos. Enfermeiro não trabalha sem o médico e o médico não trabalha sem o enfermeiro (E4).

Durante a pós-graduação eu tive contato com os outros enfermeiros que trabalham na Estética como eu. [...] Participo de um grupo (cita um aplicativo de celular) de enfermeiros interessados na regulamentação da Estética pelo COFEN (E10).

Mediante as falas destacadas é possível observar que os enfermeiros empreendedores possuem uma rede de relacionamentos que os permite desenvolverem um movimento de expansão e agregação. Esta rede é construída e mantida por diferentes vias, sendo contatos pessoais e por meio virtual, assim como iniciada por sortidas fontes, no caso das falas, por meio de uma sociedade de especialistas e de profissionais atuantes em área multidisciplinar.

Conhecer pessoas pode acontecer em diversos cenários nos quais o empreendedor esteja, no entanto, estabelecer contatos e alimentar uma rede exige habilidade e continuidade. Minarelli (2010) enfatiza que vários são os benefícios de uma rede bem construída e adequadamente mantida, pois tudo o que as pessoas precisam é obtido por intermédio de outras pessoas. Ao praticar *networking*, o indivíduo é fornecedor e usuário, simultaneamente, das facilidades e auxílios das quais as pessoas necessitam ou dispõem. Com isso, os empreendedores que sabem arquitetar uma rede de relacionamentos usufruem de ajudas nos campos em que atuam, alcançando clientes, fornecedores, parceiros, entidades de classes, entre outros.

As falas refletem a influência e persuasão dos empreendedores, obtidas a partir da participação na rede de contatos, que tem como objetivos a expansão e reconhecimento de uma sociedade de especialistas na área da Enfermagem em escala mundial, como também a regulamentação e conhecimento de um novo campo de especialidade para a área da Enfermagem Brasileira.

Na fala a seguir, mais um exemplo da influência do *networking*.

Um médico, que trabalhou comigo muitos anos, era professor de uma universidade e marcou uma reunião com o reitor (cita nome de instituição de ensino superior privado do Rio de Janeiro) para que eu conversasse sobre

a possibilidade de abrir um curso de graduação em enfermagem. [...] Ele (reitor) perguntou se poderia pesquisar sobre a minha vida profissional. Respondi que sim e fui embora. Três meses depois ele fez contato comigo e perguntou “Vamos construir o curso de Enfermagem?” (E14).

Na fala apresentada é possível observar a influência da rede de contatos deflagrando uma ação empreendedora, no caso destacado, a construção de um Curso de Graduação em Enfermagem em uma instituição de ensino superior.

Diante dos relatos expostos pode-se perceber que é factível empreender por meio de oportunidades apresentadas pelos contatos existentes na rede formada pelo empreendedor, bem como suas ações empreendedoras podem ser empregadas na construção de seu próprio empreendimento ou na criação dentro de uma empresa já constituída.

5.3. OPORTUNIDADES E DEMANDAS PROFISSIONAIS PARA EMPREENDER

“No meio da dificuldade encontra-se a oportunidade” (Albert Einstein).

Resgatando os conceitos Empreendedorismo por oportunidade e Empreendedorismo por necessidade, apresentados no Capítulo I, durante a contextualização do objeto de estudo, é factível destacar nas falas dos participantes o tipo de empreendedorismo que os mesmos iniciaram.

Fundamentada na exploração das falas dos enfermeiros empreendedores é realizável o delineamento das vivências e experiências deste domínio em dois blocos, o primeiro abordando sobre as oportunidades surgidas por meio do *networking* durante a vida profissional, e o segundo sobre as demandas potenciais para o desenvolvimento do *ser* enfermeiro empreendedor e as percepções dos enfermeiros empreendedores sobre a atividade empreendedora.

5.3.1. OPORTUNIDADES ORIUNDAS DAS REDES DE CONTATO E/OU RELACIONAMENTOS PROFISSIONAIS

Possuir e alimentar uma rede de contatos é uma das ferramentas usadas pelos enfermeiros empreendedores desenvolvida em sua vida acadêmica e/ou profissional. Esta ferramenta apresenta benefícios diversos no progresso do *ser* empreendedor. Os relatos

subjacentes demonstram oportunidades apresentadas para empreender por ação de pessoas incluídas na rede de contatos.

Alguns laboratórios começaram a me convidar para fazer consultorias. Isto foi uma necessidade muito grande. Eu não vendo os produtos, mas eu organizo a parte educacional dos laboratórios (E4).

Quando eu cheguei no Ceará, trabalhei com venda de materiais médico-hospitalares. Já trabalhava há 10 anos com vendas de materiais e cheguei lá empregada. Conheci uma pessoa, que é minha amiga até hoje, que me perguntou se eu não gostaria de ser prestadora de serviços de uma empresa de curativos (E3).

Agora tem uma coisa que é fundamental. Depois que fui a um congresso em Paris, eu pensei “Tenho que fazer um congresso deste no Brasil”. E aí, em 2002, eu comecei a organizar congressos. [...] Eu falava isso para as alunas quando dava aulas “não dá para você ser apenas enfermeira obstetra, você tem que fazer movimento” (E6).

Por intermédio dos relatos é exequível notar que as oportunidades para atuação foram apresentadas por contatos pertencentes ao *networking*. O enfermeiro por sempre ser responsável por um grupo de profissionais – a equipe de enfermagem – de igual forma é o responsável pelo setor no qual atua e torna-se o elo de contato entre diferentes indivíduos, pacientes/clientes, acompanhantes/familiares, funcionários - profissionais da enfermagem, de outras categorias da saúde e de outras áreas, como a parte administrativa. Isto possibilita-lhe a construção de redes de contato amplas e diversificadas, que se bem trabalhadas, lhe propicia oportunidades variadas de criação e inovação.

Uma frase muito empregada quando aborda-se o *networking* é :“Quem é visto, é lembrado”. A fala seguinte exemplifica esta situação.

Em 1976, ninguém falava em home care, isto estava começando nos Estados Unidos. Nós fomos para o (cita o nome de um hospital público federal) muito novos, recém-formados, fazendo residência. Médicos e enfermeiras recém-formados foram atuar no CTI e aprendemos muito juntos, criamos um laço afetivo, que se mantém até hoje, quase 40 anos depois. Eles como médicos começaram a ter uma clientela e ela precisava de cuidados intensivos nos hospitais, nas clínicas, porque na época não tínhamos o suporte e o quadro de enfermeiros que temos hoje. Então, começamos a atender esses pacientes particularmente. Eu e outra enfermeira montamos, como uma empresa de atendimento residencial-hospitalar de enfermagem (E14).

A situação exposta pela participante E14 retrata bem as oportunidades para empreender que surgem por intermédio das relações alimentadas pelas redes de contato. A possibilidade de empreender oferecendo um serviço mediante uma nova demanda de mercado existia, no entanto, foi identificada pelos profissionais recém-formados, destaque dado na fala

pela participante “*Nós fomos para o hospital [...] muito novos, recém-formados. [...] aprendemos muito juntos, criamos um laço afetivo*”. Tanto os médicos mais jovens sentiram a necessidade de cuidados intensivos em seus pacientes, serviço esse inexistente no cenário da época, quanto as enfermeiras recém-formadas refletiram sobre a situação e acreditaram ser possível labutar oferecendo estes serviços.

Foca-se igualmente para o seguinte quadro, os médicos que inicialmente indicaram aos seus pacientes as enfermeiras com as quais atuavam. A instituição hospitalar onde tal situação ocorreu possuía outras enfermeiras que já atuavam há mais tempo, não eram recém-formadas, eram mais experientes nas rotinas de trabalho, no entanto não foram convidadas para participar da nova empreitada. Isto possivelmente aconteceu por não haver um entrelaçamento, um vínculo efetivo de parceria, divisão de objetivos comuns, compartilhamento de ideias. Esta comunhão é vital para criação e manutenção das redes de contato e concretização de empreitadas. O relato seguinte proporciona um entendimento sobre os recursos humanos da instituição hospitalar.

Eu não sei de onde surgiu isso, mas eu decidi montar um colegiado. O colegiado existia na academia, não se falava de colegiado na assistência, na gestão, também não se fala de gerência participativa naquela época. Foi em 1979, eu assumi a direção do hospital e montei um colegiado. Eram 23 chefias e nós fomos gradativamente mudando as chefias para gente um pouco mais jovem, com ideias inovadoras. Em 1979, nós ainda tínhamos uma enfermagem muito conservadora (E14).

Vale frisar um dado interessante, as participantes E13 e E14 foram formadas na década de 1970, com diferença de três anos entre suas conclusões de curso, pela mesma instituição de ensino superior público. Ao exprimirem suas visões sobre a enfermagem da época há convergência, assim como mesmo trabalhando em cenários diferentes enquanto recém-formadas, suas experiências com outras enfermeiras foram similares. Reflete-se que, talvez, a diferencial nos acontecimentos tenha-se dado pela diferença nos cargos ocupados.

A participante E14 ao ocupar um cargo de direção possivelmente teve mais respaldo e ferramentas para gradualmente transformar o cenário e suas relações.

Passsei por situações difíceis por causa de outros enfermeiros. Lembro uma vez que eu estava trabalhando no (cita o nome de um hospital público federal) à noite e os meus pés estavam edemaciados. Eu estava doente e não sabia. Passou por mim um médico que havia trabalhado comigo na (cita o nome de um hospital privado), ele veio falar comigo e fez uma brincadeira, retribui falando que estava edema agudo de pé. A supervisora ouviu e eu fui chamada a atenção. Recebi uma advertência porque eu não podia ter chamado o médico pelo nome e sim de doutor. Era um tempo arcaico. Lembro também de uma situação que eu entrei no elevador para levar um

paciente para fazer uma radiografia, que era no andar de baixo. Estava lotado, eu entrei e falei bom dia. Fui advertida pois não tinha dado um “bom dia especial” para a diretora que estava no elevador.[...] As pessoas que gerenciavam eram ultrapassadas. Recebi duas advertências por situações que nada tinham haver com a minha profissão ou o meu comportamento (E14).

A fala retrata um contexto de endurecimento a respeito da enfermagem e seu papel nas relações existentes nas relações de trabalho. Esta visão encruada, conquanto, acontecia nas relações de trabalho entre as enfermeiras. No relato inicial da participante E14, a relação entre os médicos e enfermeiras era equilátero, de igual forma a fala exposta acima, sugere uma relação de igualdade entre o médico e a enfermeira.

O comportamento ultrapassado, que é apresentado nas falas, é produto do meio, ou seja, da influência da cultura na construção de uma visão sobre o papel de determinado ator social – no caso a enfermeira. Enfermeiras construídas com base nessa visão constroem e sustentam uma rede de contatos, pela própria necessidade de interação que o meio impõe, porém não são capazes de identificar oportunidades para empreender e/ou inovar em seus serviços, considerando que optam por manter, por meio de seus comportamentos, as ações já definidas como próprias da enfermagem.

5.3.2. DEMANDAS PROFÍCUAS PARA O SER ENFERMEIRO EMPREENDEDOR E AS PERCEPÇÕES DOS ENFERMEIROS EMPREENDEDORES SOBRE A ATIVIDADE EMPREENDEDORA

A atividade empreendedora pode ser iniciada por diferentes motivos, pela identificação de uma demanda por um produto ou serviço, pelo sonho de empreender em vez de ser funcionário de terceiros, entre outros (ENDEAVOR, 2013). Os enfermeiros empreendedores durante seu percurso profissional depararam-se em determinada ocasião com uma ideia, uma sugestão, algumas feitas por um amigo, como expressam as falas a seguir.

Eu comentei com um amigo, que muitos alunos me ligavam perguntando se eu dava cursos de reciclagem. Eu não gosto de usar este termo reciclagem, mas os alunos usam esta referência. Então ele falou “Porque você não dá o curso?” Respondi que não tinha o espaço. Então, ele falou que para isso se dava um jeito. E isto foi amadurecendo em mim (E11).

Você não quer testar os seus curativos (cita o nome da empresa)? As pessoas começaram a perguntar muito se eu não fazia atendimento particular até que minha amiga enfermeira indagou como eu poderia ajudar estas pessoas, já que eu tinha o ‘know-how’. Respondi que nós poderíamos abrir um

consultório. Eu ficava num dia e ela no outro, e eu ainda ensinaria tudo a ela (E3).

Em 2001, encontrei com uma enfermeira empreendedora, que faz uns artesanatos lindos, belíssimos e veio me parabenizar por eu ser empreendedora. Disse que os negócios não andavam bem. Ela falou que iria abrir um concurso para o (cita o nome do hospital público estadual em que trabalhava) e que muitas pessoas estavam procurando um curso preparatório. Perguntou-me por que eu não montava esse curso preparatório (E3).

Uma amiga minha, que é fisioterapeuta, perguntou para mim se eu não tinha vontade de trabalhar por conta própria. Respondi que era um sonho de consumo abrir o meu consultório e não ficar afiliada ao hospital. [...] Então, ela perguntou para mim por que eu não entrava para a área da Estética [...] e disse quanto ganhava (trabalhando na área de estética). [...] Não sou de julgar sem conhecer antes, então pensei em conhecer a área (E10).

As falas expõem a ideia para um novo empreendimento sugerido por um amigo, sendo este empreendimento a criação de um negócio e o aprofundamento em uma área pouco conhecida pela profissão, no caso em destaque a área da estética, para atuação como autônoma. A ideia sugerida para o início do novo negócio foi baseada na observação de demanda, mercado consumidor em busca do determinado serviço.

As falas retratam as situações de mercado potencial para sustentação do negócio na área da educação, por meio de curso preparatório para concursos públicos para enfermeiros, curso de reciclagem para técnicos de enfermagem em busca de recolocação profissional e/ou sem experiência, bem como na área da assistência, com a abertura de um consultório de atendimentos especializado em feridas e outro especializado em procedimentos estéticos.

A ação empreendedora pautada em demanda de mercado detectada desencadeia no empreendedor o *processo de pensar*, descrito por Filion (1993, p. 60), sendo este processo atrelado a uma visão que fornece estrutura para a reflexão e a ação. Por conseguinte, este empreendedor começa um caminho de aprendizado que exige dele uma aquisição de habilidades, não somente para análise, mas imaginação e comunicação, com intuito de assimilar informações úteis.

Estas informações possibilitarão ao mesmo a gênese de uma visão de negócio fazendo com que mediante ela este empreendedor deixe de ser um simples empreendedor construindo um empreendimento para ser um líder, que concebe a formação de uma equipe em direção a um objetivo (FILION, 1993).

Esta evolução que acontece com os empreendedores ao notarem que para concretizar sua visão de negócio e/ou expandi-lo precisam do apoio de uma equipe é possível de ser notado nas seguintes falas.

Eu tenho um pouco de receio de colocar uma pessoa que não trabalha do meu jeito, com o meu perfil. É o meu nome, entende? [...] É isso, um parceiro que fecha comigo seria o ideal, iria me ajudar. Mas vou fazer uma experiência agora com uma amiga, eu confio nela, já conversamos. Estou com 25 alunos, não tenho como dar conta, não tenho braços, nem pernas, nem espaço (E11).

A participante E3 foi citada por dois diferentes momentos em que teve uma ideia de negócio apresentada por amigos. Na primeira situação, a mesma já expressa em sua fala que embarcará nesta nova empreitada da abertura do consultório particular caso a amiga aceite ser sua parceira de trabalho. Na segunda situação, a formação de uma escola preparatória para concursos públicos, apresentada na próxima fala, é exequível observar o momento em que foi imperativo expandir o negócio e, com isso, criar uma equipe.

(a amiga empreendedora sugere a abertura de um curso preparatório). Eu pensei 'Nossa, é mesmo'. Eu já estava com outra sócia e fui até a Barra (da Tijuca) me reunir. Falei 'Gente, eu não sei nada disso! Não sei montar um cronograma'. [...] Uma residente me ajudou, ela fazia curso preparatório e mostrou a apostila dela. Montei um cronograma, as apostilas, dava aula de tudo. O curso foi um sucesso! [...] Comecei com duas salas, já tive nove. Hoje tenho seis salas, reduzi o número de salas. Especializei-me e trabalho com curso preparatório, de extensão e atualização. Iniciei uma pós-graduação pela (fala o nome da sua empresa) em 2008 (E3).

Esta fala permite verificar que a empreendedora diante de uma possibilidade de negócio busca informações úteis, como assevera por Filion (1993) sobre as ações empreendedoras estimuladas pelo *processo de pensar* de acordo com uma visão.

Continuando a investigação sobre conhecimentos referentes ao empreendedorismo por intermédio da fala, a participante (E3) destaca que seu curso foi um sucesso. Esta meta atingida por meio de suas ações é explanada por Filion (1993, p. 60) ao determinar as vantagens resultantes da visão, das quais destaca-se, “Induz o empreendedor a canalizar recursos em uma direção única. Eventualmente, a visão poderá materializa-se no formato de missão e de objetivos a serem atingidos”.

A participante E3 ao decidir abrir um novo negócio depois da sugestão de uma amiga, também empreendedora, deflagrou um movimento de busca de informações úteis sobre este tipo de negócio, materiais utilizados, ponto comercial ideal, público-alvo, objetivo. Dessarte estabeleceu como meta para seu curso preparatório instrumentar seus alunos enfermeiros para aprovação no concurso público para determinado hospital estadual. A definição de um

objetivo claro por meio de sua visão de negócio foi vantajosa possibilitando a canalização de seus recursos e, conseqüentemente, o alcance de sua meta.

O processo de pensar por meio de uma visão tem a contribuição de fatores, como a liderança, a energia e as percepções, sendo estas condicionadas pelos valores de cada indivíduo (FILION, 1993, p. 52) A estes fatores está enlaçado o *Conceito de si* e seus valores que influenciam o prisma pelo qual o indivíduo enxerga o mundo, bem como suas atitudes, humor e intenções. O doutor (Ibid., 1993, p. 56) frisa que é interessante compreender o conceito de si dos empreendedores pois, “o que é relevante não é o que de fato há no mundo real, e sim o que o empreendedor pensa que há ali”.

O teórico (Ibid., 1993, p. 56) afirma que “um empreendedor não pode decidir facilmente se deseja ser alguma coisa, sem antes saber o que significa ser essa coisa”. Para que ele possa desenvolver sua visão sobre algo, o exercício de compreensão da sua própria história, seus valores, seu passado familiar, seus desejos, sua experiência profissional, sua educação informal (leitura, viagens, filmes, entre outros), suas crenças, seu sistema de relações, entre demais (FILION, 1993, p. 56).

Os depoimentos a seguir figuram a percepção dos participantes sobre a atividade empreendedora.

Tem uma hora que você cansa de ser empregado. Então também me cansei um pouco. [...] Eu acho que todo mundo tem um alvo na vida e eu acho que todos temos que ir atrás dele, para não ser um profissional frustrado pensando que poderia ter feito e não fez (E11).

Eu vejo assim, um grande amor pelo que eu faço, no caso, ter um grande amor pela educação. Eu acho que a gente só vai melhorar a saúde, a enfermagem com o incentivo na educação. E não adianta ter o sonho e não agir. Se eu quero fazer parte desta mudança o primeiro passo é o amor pelo que se faz, identificar o que realmente motiva, o que realmente dá aquele gás para a gente (E7).

A gente acaba vendo outras oportunidades, independente de crise ou não. [...] É a criação dentro da crise (E3).

Começou uma nova dinâmica de fazer atendimentos domiciliares, lembrando as ações de promoção e prevenção em saúde, e eu comecei a ter também contato com pacientes acamados, que necessitavam de cuidados. Enfim, aquilo ali provavelmente poderia ser uma área extremamente promissora. [...] O que me dá mais gratificação é a possibilidade de estar gerando empregos. Isso é o que eu acho fundamental (E8).

Eu percebi uma lacuna no mercado muito grande [...] e resolvi abrir a primeira pós-graduação aqui no Rio de Janeiro (E4).

Ponderando sobre as falas nota-se que a percepção dos participantes sobre a atividade empreendedora está apoiada em sua visão, não somente sobre o mercado possível para atuação, mas sobre um desejo de realização, de sua auto-realização como profissional.

Os participantes E11 e E7 salientam o desejo de ter um alvo na vida e o seu cumprimento, bem como o desejo de realização costurado a motivação e o amor por desempenhar um papel, transformar realidades, fazer parte de algo maior que si. Embrenhando neste percurso, o participante E8 frisa o sentimento de cumprimento, de gratificação, ao gerar empregos para os profissionais da enfermagem.

De acordo com os conceitos expostos, pode-se estabelecer sobre *o (ato) empreender* que o mesmo é um comportamento gerado por fatores intrínsecos do indivíduo (traços de personalidade) e extrínsecos (meio familiar e/ou laboral, entre outros) que produz algo, um bem, podendo ser material ou não.

Os professores Pompeu e Camarotto (2016) refletem sobre o empreendedor:

O ato de empreender é tão antigo quanto a civilização humana. Assim como as mudanças econômicas, sociais, políticas e de poder são fruto do trabalho humano, o empreendedorismo também é (POMPEU e CAMAROTTO, 2016, p. 04).

Complementando este pensamento, Drucker (2008 *apud* Patrício e Candido, 2016, p. 14) ratifica que “empreender é todo ato humano que extrapola as preocupações ‘existenciais’, ou seja, sempre que nos preocupamos com assuntos que fogem à razão filosófica e caímos no âmbito social, estamos empreendendo algo”.

Este contexto possibilita a reflexão acerca do ímpeto inato do ser humano de agir, de empreender, estando unida à aspiração de se autorrealizar. O professor Abraham Maslow⁴⁵ desenvolveu a Pirâmide de Necessidades de Maslow, na qual organiza hierarquicamente as necessidades humanas, estando a autorrealização no topo. Ele afirma que um ser humano deve atender uma parte suficiente da necessidade, para assim, transpor para outra hierarquicamente maior.

O *headhunter*⁴⁶ Wong (2009, p. 16) explica que a pessoa ao atingir o topo da Pirâmide de Maslow, o campo da autorrealização, ela deixa de preocupar-se somente com si, tendo uma visão do todo e voltando seus pensamentos e ações mais para o coletivo e a sociedade.

⁴⁵ Abraham Harold Maslow (01 de abril de 1908, Nova Iorque — 08 de junho de 1970, Califórnia) foi um psicólogo americano, conhecido pela proposta Hierarquia de Necessidades de Maslow (WONG, 2009).

⁴⁶ *Headhunter* é um termo em inglês que significa “caçador de cabeças”. Ele seleciona os melhores profissionais do mercado em áreas executivas, aliando as necessidades da empresa com a qualificação do profissional. Ele se torna um mediador entre empresa e profissional (WONG, 2009).

Foram apresentadas percepções potencialmente positivas e auspiciosas sobre a atividade empreendedora, porém existem concepções inversas, pessimistas sobre a mesma. Estas são expostas nas falas seguintes.

(Respondendo a pergunta sobre a possibilidade de ampliar o negócio) Não dá, é incompatível. Isso é uma coisa importante, é preciso tomar esse cuidado. Porque senão eu vou ser empreendedor porque eu vou ganhar dinheiro, vou ser capitalista. E não é isso. [...] Inclusive porque você não vai ficar rico. Um empreendedor de enfermagem não fica rico. Você pode ganhar bem, mas não vai ficar rico. [...] O empreendedor é o cara que tem a agência das ambulâncias, ele contrata home care, ele explora o trabalho do outro enfermeiro que vai na casa. Ele é o chefe, o “enfermeso” que está ganhando muito dinheiro porque ele virou empreendedor. Isso não é enfermagem. Eu acho que isso é uma coisa que eu gostaria de me afastar (ser reconhecida como empreendedora), não dá para crescer, não dá para ganhar mais do que eu ganho. [...] Não tem condições como todos os médicos têm. Eu acho que tem um limite, que eu não acho mal ter (E6).

Se eu tivesse a oportunidade, até mesmo a condição financeira, eu gostaria de ter um espaço meu, de trabalhar sem ter que depender de outro vínculo, de outro hospital. Mas isto é meio complicado, porque além de você ter que ter condições financeiras e a burocracia toda, você tem que ter conhecimento também (refere-se ao networking). [...] Eu vou chegar lá e dizer ‘Eu sou estomaterapeuta e tenho uma clínica’? O médico nunca me viu e para ele ter confiança em mim, eu vou lá demarcar a estomia do paciente dele, fazer uma consulta pré-operatória, acompanhar no pós-operatório, vou ensinar a botar a bolsa, e tudo mais. Ele (o médico) teria que assistir para ter confiança em mim, para me indicar. Eu penso nisto (ter esta parceria). Isso, para mim, já é uma barreira. Eu vou ter que ter um médico ali comigo, que me conheça e me indique. No meu vínculo hoje de trabalho, eu não trabalho com isso (E2).

As participantes E6 e E2 expõem suas concepções sobre a atividade empreendedora como enfermeiras, enfatizando as barreiras que as mesmas observam em suas respectivas áreas, a enfermagem obstétrica e a estomaterapia.

Aprofunda-se o ponderamento sobre a concepção exposta pela participante E6, o qual o empreendedor é o capitalista, logo o enfermeiro empreendedor é o empresário que explora o trabalho de outros enfermeiros.

Guillory⁴⁷ (2000, p. 161-2) descreve as diferenças existentes entre as corporações do ocidente e oriente no que concerne aos valores essenciais e como eles se relacionam com as operações de negócio, grifando que o individualismo, a conquista e o empreendimento são valores alimentados pelos indivíduos ocidentais. Com isso, o interesse por si mesmo, a motivação por meio da conquista, muitas das vezes igualando-se a valorização de si mesmo, e

⁴⁷ É presidente e fundador da Innovations Consulting Internacional Inc., uma conhecida empresa de consultoria norte-americana que reinventou a si mesma de acordo com as respostas de seus clientes e do mercado. Doutor, físico-químico de renome mundial, é conferencista internacional (GUILLORY, 2000).

a construção de um empreendimento para obter gratificação individual estão presentes como essência da cultura dos indivíduos atuantes na seara corporativa/comercial dos países ocidentais em geral.

A percepção negativa sobre o enfermeiro que empreende é alimentada pela visão cultural ocidental sobre os homens de negócio. No entanto, esta situação não aplica-se integralmente na área da enfermagem. Dolabela (2004) ressalta que:

Há formas de empreendedorismo que concentram renda, conhecimento e poder. Essas formas não são adequadas ao Brasil. [...] o empreendedorismo como um instrumento muito forte não só de desenvolvimento de geração de riqueza, mas também como um fenômeno social e cultural. [...] um instrumento de combate à miséria (DOLABELA, 2004, p. 128).

Os pesquisadores Morais, Haddad, Rossaneis e Silva (2013) explanam sobre o porquê empreender na enfermagem:

A Enfermagem tem várias razões e oportunidades para ter o seu próprio empreendimento. Primeiro, por ser uma profissão que tem uma compreensão das necessidades do ser humano de forma integral e contextualizada. Segundo, porque a enfermagem tem potencial e oportunidades para explorar novos espaços sociais, não necessitando submeter-se aos espaços tradicionais de cuidados, em que prevalece a noção de doença. E ainda, o estímulo ao empreendedorismo é de inevitável relevância por possibilitar a conquista de novos campos e impulsionar o crescimento econômico do país (MORAIS, HADDAD, ROSSANEIS e SILVA, 2013, p. 41).

Esmiuçando o relato da participante E2 observa-se que a percepção pessimista acerca do empreendedorismo na enfermagem ocorre pelo despreparo para empreender. Os autores Clemente e Faria (2014, p. 208) focam que “a falta de conhecimento do mercado e de informação real sobre o negócio pode ser crucial para a sobrevivência empresarial em um mercado cada dia mais competitivo”. Ao qual acrescentam dados do SEBRAE (2013) sobre os fatores limitantes para empreender no Brasil, sendo salientado “a excessiva carga tributária, o alto nível de burocracia, dificuldades em obter linhas de financiamento com taxas de juros acessíveis, falta de conhecimento técnico e experiência no mercado que atua”.

O empreendedor para empreender com êxito necessita mais do que suas características inatas. Ele precisa construir seu sonho, transformar sua visão em realidade, e para que tal se concretize é essencial o desenvolvimento de ações, que podem ser mais facilmente realizadas a partir de suas atitudes baseadas em seus traços de personalidade. No entanto, o preparo é fundamental, sendo este obtido por intermédio de informações obtidas em uma variedade de fontes, rede de contatos, cursos, concorrentes, entidades, entre demais.

A capacitação de um empreendedor apresenta muitas facetas, entre elas as dificuldades, as desvantagens factuais, as quais destaca-se o sacrifício pessoal e a sobrecarga

de responsabilidades. Estas são elucidadas por Maximiano (2006), que destaca o sacrifício pessoal como a primeira desvantagem para ser empreendedor, pois:

É comum, no início de um novo negócio, o empreendedor trabalhar longas horas e sete dias por semana, restando pouco tempo para família, diversão e reflexão pessoal. Isto frequentemente resulta no prejuízo das relações familiares e em alto nível de tensão. O empreendedor deve perguntar-se o quanto está disposto a sacrificar para tornar seu empreendimento um sucesso (MAXIMIANO, 2006 *apud* POLLI, 2014, p. 60).

Esta circunstância é proferida pela participante E2, conforme mostra a fala abaixo:

Eu concluí a pós-graduação em Estomaterapia e aí depois há uma grande dificuldade de você arrumar um emprego. Primeiro porque eu já tenho um emprego de 40 horas semanais [...] e isto dificultou conciliar os meus horários com outro emprego. Batiam os horários, [...] então eu não poderia. Então fiz alguns estágios, alguns contatos [...]. Na verdade eu me acomodei (E2).

As falas revelam as dificuldades enfrentadas pelo indivíduo que decide empreender. O empreendedor, por vezes, é associado às imagens de riqueza, luxo e facilidades nos negócios, no entanto é uma visão distorcida da realidade. O empreendedor pode, através de muita dedicação ao trabalho, alcançar sucesso, fama e estabilidade financeira, mas estes vêm como fruto de um movimento, que possui benefícios e perdas.

CAPÍTULO VI

LAPIDANDO A VISÃO EMPREENDEDORA

Para consolidar a visão sobre o *produto* (produto/serviço/negócio), com o desenvolvimento do processo de gestão da ideia, o empreendedor agrega características intrínsecas, ou seja, traços de personalidade às habilidades desenvolvidas pelo mesmo, no intuito de gerenciar a organização em construção, bem como de conquistar o público consumidor.

Baseada na análise das falas dos enfermeiros empreendedores é possível organizar as vivências e experiências deste domínio em dois blocos, o primeiro abordando acerca das características (traços de personalidade) empreendedoras e o segundo sobre as habilidades granjeadas para a construção de seus empreendimentos.

6.1. CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS DOS ENFERMEIROS

“Cada sonho que você deixa para trás é um pedaço do seu futuro que deixa de existir” (Steve Jobs).

As qualidades apresentadas pelos empreendedores neste âmbito referem-se às peculiaridades, especificidades de personalidade⁴⁸ que demonstram a forma de pensar, agir, comportar de um indivíduo. Dentre elas, são elencadas por Ferreira *et al* (2013), observador, planejador, autoconfiante, articulador estratégico, aos quais acrescento, corajoso, persistente, proativo e determinado.

O ato de empreender está intrinsecamente relacionado a uma atitude, uma forma de agir perante as situações que a vida, o ambiente que circunda o indivíduo, apresenta. Sua forma de agir demonstra um comportamento e este, por sua vez, possibilita o desencadeamento de um processo – o processo empreendedor.

O estudo sobre as características do comportamento empreendedor é um dos campos de pesquisa sobre o empreendedorismo. De acordo com as características predominantes em

⁴⁸ Personalidade é a totalidade das características emocionais e comportamentais que são particulares de uma pessoa específica e que permanecem de certa maneira estáveis e previsíveis ao longo do tempo. Os traços de personalidade são padrões duradouros de percepção, relacionamento e pensamento acerca do ambiente e de si que são exibidos em uma grande variedade de contextos sociais e pessoais (TOWNSEND, 2014, p. 724-5).

sua forma de agir, o empreendedor pode ser classificado; vários autores apresentam nomenclaturas dividindo o empreendedor por tipos.

As falas a seguir permitem observar a forma de agir dos enfermeiros empreendedores entrevistados.

Eu acho que tem haver com o jeito que eu sempre vi a vida. Nunca pensei em trabalhar em um lugar onde a minha criatividade não permanecesse de uma forma livre (E4).

Já é da minha natureza mesmo. Eu sempre quis trabalhar por conta própria, sou ambiciosa, não acho que isso seja uma coisa ruim. Ruim é ambição patológica, desejar as coisas dos outros. Agora desejar e correr atrás, trabalhar para conseguir, é totalmente saudável. [...] Eu sempre fui assim, muito crítica. Faz parte de mim. [...] O que eu quero (o pensamento de trabalhar com autonomia e como autônomo) [...] é levar isso para o enfermeiro [...] Esta visão, em minha opinião, é o que o enfermeiro tem que ter. Esta coisa mais focada no empreendedorismo mesmo, essa parte gerencial. Não vou ficar me prendendo a essas coisas, por que o dia que não der certo eu volto para o hospital (E10).

Eu fui para outros ramos, mas nunca larguei a Enfermagem por ser a minha grande paixão. [...] Eu tive uma cantina dentro de uma academia, um restaurante, uma confecção, eu vendi fruta na praia, eu tive de tudo. Eu montava e vendia bijuterias, eu vendia cestas de café da manhã, toda astrológica, toda zen, com anjo, bruxinha, mapa astral. Eu fui criando um monte de coisas paralelas à Enfermagem (E3).

As falas dos participantes possibilitam a identificação de características a partir de seus comportamentos como enfermeiros empreendedores. A entrevistada E4 apresenta como característica marcante a autonomia durante a execução de suas atividades, a entrevistada E10 exhibe a autonomia e a adaptabilidade frente às instabilidades existentes em seu meio laboral, a entrevistada E3 expõe a visão de oportunidades de negócios possíveis de serem praticados paralelamente a atuação como enfermeira.

Roubaram meu carro, eu estava separada, com pouco dinheiro, mas o negócio de Paris estava na minha cabeça (Foi convidada para participar de um congresso por Michel Odent). Então, tinha algo acontecendo. Foi assim, quando o seguro pagou o dinheiro eu pensei “Vou comprar um carro velho e vou para Paris”. Acho que é isso, acho que tem investimento próprio na profissão. Não dá para ficar parado. Vá à luta! As pessoas falaram para mim “Você é louca!” Se eu não tivesse ido não seria quem eu sou. Eu acho que tem o investir (E6).

Achar que é capaz de fazer algo diferente, ter vontade. Acho que a ousadia e certa coragem têm que ter, mesmo que minimamente. Talvez mais liberdade para poder pensar, não achar que já está tudo decidido. [...] Em especial quando a gente fala de enfermagem obstétrica, a habilidade técnica. Tem que ter uma habilidade nas relações. [...] Na minha vida, talvez seja isso mais difícil, o adaptar-se, a flexibilidade. [...] Conseguir ter esta fluidez em todos os níveis, inclusive no financeiro. [...] Esta

instabilidade financeira é pesada. Você tem que ter um desapego disso, encarar tudo. Não tem [...] férias, 13º salário (E6).

Eu vejo assim, um grande amor pelo que eu faço, no caso tenho um grande amor pela educação. Acho que nós só vamos melhorar a saúde, a enfermagem, com o incentivo na educação. E não adianta ter o sonho e não agir. Se eu quero fazer parte desta mudança o primeiro passo é o amor pelo que se faz, identificar o que realmente te motiva, o que realmente dá aquele gás para a gente [...] Além disso, perseverança, [...] porque quando você tem uma meta você tem que perseverar. Além disso, se assessorar [...] com pessoas que têm uma visão parecida com a sua. [...] Eu acho que tem que ter ambição e [...] eu tenho pouca. [...] Eu não tenho muita ambição financeira, eu tenho mais uma ambição educacional. A ambição financeira minha outra colega tem. É por isso que eu falo nesta questão de se assessorar [...]. Complementamo-nos. Então nós conseguimos fazer uma parceria muito boa, mas o amor pela educação é comum e a perseverança também (E7).

Dando continuidade à análise das falas dos participantes no intuito de identificar as características a partir de seus comportamentos como enfermeiros empreendedores, é exequível observar na entrevistada E6 o arriscar, correr riscos calculados, bem como o investimento em si, a adaptabilidade diante das circunstâncias apresentadas e a competência para desempenhar suas atividades. Na entrevistada E7 observa-se a paixão pelo trabalho desenvolvido, assim como a perseverança e a realização de parcerias que complementam áreas na qual o empreendedor possui menos dominância.

Analisando as expressões dos participantes sobre o que é necessário para empreender, iniciar uma atividade empreendedora, observa-se que há uma convergência no que tange as características pessoais, seus traços de personalidade. Os entrevistados apresentam tanto em suas falas quanto na descrição de suas ações características como a coragem, a paixão, a persistência, a flexibilidade, o desejo de independência.

Diferentes autores são uníssonos ao abordar as características do empreendedor e seu comportamento, destacando sua determinação e dinamicidade, sua dedicação, seu otimismo e paixão pelo que faz, sua independência e construção do próprio destino, seu conhecimento e desejo de aprender (DORNELAS, 2016; CLEMENTE e FARIA, 2014; CANDIDO, 2016; RONCON e MUNHOZ, 2009; POLLI, 2014; FERREIRA, ROZENDO, SANTOS, PINTO, COSTA e PORTO, 2013).

As características, os traços de personalidade apresentados pelos empreendedores possibilitam, por exemplo, o ingresso na jornada empreendedora por meio de um negócio, no entanto, possuir características não garante a continuidade da empreitada. Empreender exige coragem e persistência, porém também requer planejamento e assumir riscos. O planejamento

viabiliza a descoberta de alternativas e cálculo dos riscos, assim propicia a redução dos riscos ou seu controle.

Alguns empreendedores iniciam seus negócios, mas não dão continuidade por variados fatores. Autores sobre o empreendedorismo abordam a mortalidade dos empreendimentos, salientando que “De acordo com o SEBRAE, o Brasil é um dos países mais empreendedores do mundo, mas apresenta taxas significativas de mortalidade de empresas” (CLEMENTE e FARIA, 2014, p. 200). Esta mesma pesquisa aponta que mais da metade das empresas fundadas no Brasil fechou as portas após quatro anos de atividade, das 694 mil empresas que foram criadas no ano de 2009, somente 47,5% ainda estavam ativas no ano de 2013, assim como depois do primeiro ano de funcionamento 158 mil empresas encerraram suas atividades (IBGE, 2013).

A pesquisa ainda frisa que a capacidade de sobrevivência das empresas brasileiras está relacionada ao seu ramo de atuação e porte da companhia. De forma que as empresas que têm mais funcionários tendem a ter uma taxa mais alta de sobrevivência, pois segundo a pesquisa fechar uma empresa com quantitativo alto de funcionários é custoso para o empresário, isso possivelmente impulsiona o mesmo a persistir mais para manter o negócio em funcionamento. E que os empreendimentos que persistem abertos após este período de alta mortalidade das empresas são aqueles com atividades relacionadas ao setor da saúde humana, serviços sociais e transações imobiliárias (IBGE, 2013).

Os relatos seguintes permitem o vislumbre da situação vivida pela empreendedora ao encerrar suas atividades empreendedoras.

Eu montei a empresa de enfermagem, que nos chamávamos de enfermagem particular. Num segmento como o home care, mas na época ainda não existia. Trabalhávamos em grupo e tinha uma escala de quem iria cuidar de qual paciente, mas não era nada oficial, formalizado. Pensamos em oficializar quando começou a crescer muito o volume dos pacientes e, por termos que por muitas pessoas para trabalhar. Eu me amedrontei e não quis continuar. Eu fiquei assustada, tive medo. Estava crescendo muito o serviço e tive medo de ser responsável por tantas pessoas, em tantos lugares diferentes... Enfim, ser responsável por tantos cuidados (E14).

Eu saí da (cita o nome do laboratório multinacional) e montei uma consultoria, chamava-se CATE – Consultoria e Assessoria Técnica em Enfermagem. Trabalhei bastante pela CATE, fazendo exatamente este trabalho técnico-científico para várias empresas e fabricantes hospitalares. Fiz vários trabalhos e o volume começou a aumentar muito, eu não conseguia fazer sozinha. Eu não tive mais pernas para seguir com a consultoria, era muito procurada. Enfim, acabei com a consultoria. Decidi fechar a empresa, mas foi bastante enriquecedor (E14).

A participante E14 enfatiza na primeira situação que o medo de assumir uma grande responsabilidade, em função do volume aumentado de funcionários, foi o desencadeador de sua desistência em continuar prestando os serviços de cuidados em saúde. Interpretando o relato é possível entender que o medo em continuar o serviço e formalizar o negócio era também relacionado às ações que deveriam ser empregadas para constituição e continuidade, como exemplos, o tempo de dedicação, que deveria ser usado na gênese da equipe e formação específica para atender os fundamentos do novo negócio (missão, valores, diferenciais, entre demais).

Na segunda situação o que provocou o fechamento do empreendimento foi a impossibilidade de atender ao volume dos trabalhos que eram solicitados. Aprofundando o exame das circunstâncias, a falta de uma equipe de trabalho foi a base do problema. O empreendedor, no início da constituição de seu produto (produto/negócio/serviço), geralmente, é o executor de todas as ações exigidas, no entanto, a tendência é o crescimento do empreendimento e faz-se vital a formação de uma equipe de trabalho.

Sobre esta conjuntura, Licciardi e Bartolomeo (2016) descrevem o empreendedor individual, aquele que exerce atividade de trabalho como profissional liberal e usualmente abre uma empresa sozinho:

O empreendedor que visa estruturar seu próprio negócio, em geral, é aquele que tem uma ideia ou uma habilidade e quer que ela se transforme em um negócio duradouro e lucrativo. [...] Estabelece metas sempre crescentes (ambição). Analisa e planeja, prevendo situações futuras (visão de longo prazo). Envolve-se em todos os detalhes e assume muitas atribuições (centralização) (LICCIARDI e BARTOLOMEO, 2016, p. 27).

Dependendo da sua visão acerca do produto que deseja criar, o empreendedor por iniciar sozinho e, com o crescimento do empreendimento pode buscar apoio de outras pessoas, sendo parceiros, sócios ou prestadores de serviço.

Outro relato permite a observação de mais um contexto de desestímulo em relação ao empreender.

Eu concluí a pós-graduação em Estomaterapia e houve uma grande dificuldade de arrumar um emprego. Primeiro porque eu já tenho um emprego aqui (cita o nome de instituição de saúde pública federal), e isto já dificultou meus horários, se eu fosse ter outro emprego fora. [...] Fiz alguns estágios, alguns contatos, mas nesta área sempre um indica o outro, aquela coisa de ter que ter um conhecimento a mais, infelizmente. Se eu tivesse a oportunidade, até mesmo a condição financeira, eu gostaria de ter um espaço meu, de trabalhar sem ter que depender de outro vínculo, de outro hospital. Mas para isto é meio complicado. Porque além de você ter que ter condições financeiras, a burocracia toda, você tem que ter o conhecimento

também dos hospitais. Por que imagina “Quem é a Fulana?” Eu vou chegar lá e dizer “Eu sou estomaterapeuta e tenho uma clínica.” O médico nunca me viu na vida. Então, para ele ter uma confiança em mim e [...] de repente me indicar. Eu já penso nisto. Ter esta parceria Isso para mim já é uma barreira, neste sentido (E2).

A participante E2 expõe as dificuldades para empreender em sua área de especialização, a Estomaterapia. Mas, vale apontar, que essas dificuldades são potenciais, ou seja, são situações possíveis de acontecer, considerando que ela não executou essas atividades com o intuito de iniciar a construção de seu produto (produto/serviço/negócio). Em outras palavras, ela atingiu a visão do produto por intermédio do processo de gestão da ideia, todavia, a condensação da visão não garante o produto. O empreendedor necessita desenvolver habilidades que serão o alicerce para concretização do produto, estando estas fomentadas pelas características do indivíduo. No exemplo exposto, a participante apresenta desmotivação e baixo potencial de enfrentamento de obstáculos.

Polli (2014) destaca como uma das vantagens de ser empreendedor o desafio, sendo este para o empreendedor uma fonte de entusiasmo ao iniciar um negócio. Ele ressalta que a oportunidade de desenvolver a ideia em um negócio recompensador produz um profundo sentimento de realização.

O autor (Ibid, 2014, p. 59) explana também que “O empreendedor sabe que o sucesso depende principalmente de sua iniciativa e que o sucesso ou fracasso, em grande parte, é fruto de seu nível de esforço”. Acrescenta-se que uma das principais características do empreendedor sinalizadas por Polli (2014) é a persistência, por meio da qual o empreendedor agirá repetidamente ou mudará de estratégia com a finalidade de enfrentar um desafio ou superar um obstáculo.

Uma situação carece ser explorada sobre a participante E2, no que tange suas ações na área da estomaterapia. Ressalta-se na seguinte fala.

(Após falar sobre as dificuldades para inserir-se no mercado de trabalho como estomaterapeuta) Então, como eu tenho (cita uma conta em uma rede social), me veio uma ideia “vou fazer uma página sobre a Estomaterapia, para tentar ajudar as pessoas. Peço para alguns amigos irem curtindo, divulgar. E a partir daí, se alguém se interessar, entra em contato comigo e eu vou à casa da pessoa. Vamos ver no que vai dar.” [...] Hoje já tem 165 curtidas na página e é por ela que eu me comunico com alguns pacientes, retiro dúvidas, mas a maioria é até de outros estados. [...] E algumas pessoas daqui (refere-se ao Rio de Janeiro) às vezes entram em contato, até para perguntar “Eu vou operar e preciso de alguém.” Então, se precisar eu vou. Cobro a consulta, às vezes, eu oriento a pessoa pelo próprio (cita a conta na rede social) mesmo, pela própria mensagem. [...] Eu não sei como

as pessoas me procuram. Porque às vezes elas curtem a página para poder me mandar uma mensagem. Abro e as mensagens geralmente são de dúvidas. [...] Então a maioria me procura assim. [...] Quando são de outros estados eu entro no site da (cita sociedade de especialistas) e pego os contatos dos profissionais que são de São Paulo e encaminho para a pessoa. Respondo que tem essas clínicas em São Paulo e ela pode entrar em contato, ligar (E2).

Lendo atentamente a fala destacada é exequível compreender que a participante E2 atua na área da Estomaterapia por meio de uma página virtual em rede social, na qual fornece orientações em saúde e específicas. No recorte da fala “*vou fazer uma página sobre a Estomaterapia, para tentar ajudar as pessoas*” é claro o objetivo de auxílio e orientação a um público específico, de forma que este é possível de ser alcançado, em função do domínio/conhecimento da participante neste campo.

A participante expandiu seu objetivo de orientação em estomaterapia em decorrência da procura por pessoas de outros estados, acrescentando além da orientação específica em estomias, informações e contatos de profissionais especializados e reconhecidos pela sociedade agregadora de especialistas da área em questão, mais próximos da localidade da pessoa visitante de sua página virtual na rede social.

A participante E2 não se considera uma empreendedora, afirma que já pensou em empreender, porém diante de alguns obstáculos desestimulou-se. No entanto, a mesma empreende, mas não como empreendedora individual que é a visão que tem sobre o empreendedorismo. Suas ações empreendedoras estão inseridas no campo do empreendedorismo social, isto é, ela é uma empreendedora social.

Dornelas (2008) define o empreendedor social:

O empreendedor social tem como missão de vida construir um mundo melhor para as pessoas. Envolve-se em causas humanitárias com comprometimento singular. [...] Suas características são similares às dos demais empreendedores, mas a diferença é que se realizam vendo seus projetos trazerem resultados para os outros e não para si próprios. [...] têm um papel social extremamente importante, já que, por meio de suas ações e das organizações que criam, preenchem lacunas deixadas pelo poder público. De todos os tipos de empreendedores é o único que não busca desenvolver um patrimônio financeiro, ou seja, não tem como um de seus objetivos ganhar dinheiro. Prefere compartilhar seus recursos e contribuir para o desenvolvimento das pessoas (DORNELAS, 2008, p. 13).

Os professores Faria, Brandão e Gomes (2015, p. 22) acrescentam que o empreendedor social “promove a melhoria da qualidade de vida dos habitantes”. Esta é parte do trabalho da empreendedora 2, considerando que a estomaterapia trabalha com um público específico, que apresenta necessidades singulares e possui registrados somente 57 especialistas titulados, reconhecidos pela sociedade em todo o Brasil (SOBEST, 2016).

Ao serem perguntados sobre as características necessárias para empreender foi unânime entre os participantes a característica coragem, seguida de domínio da área de atuação, conhecimento técnico-científico no campo em que construíram um produto (produto/negócio/serviço). Observa-se nas falas seguintes, como ilustração.

Coragem, outra palavra, disposição. Porque você renuncia muitas coisas. Coragem é aquilo “Eu vou à luta!” Não se acovardar, não ter preguiça, porque às vezes, por exemplo, eu estou em casa e na quinta e no sábado tem que ir para o curso (de aperfeiçoamento profissional criado por ela). E eu poderia muito bem ficar em casa, ficar reclamando da vida. Mas, é a coragem para você colocar a cara. E nós nos dispomos, temos que saber fazer. E assim, o que me dá essa coragem é que eu tenho uma segurança, que eu sei fazer (E11).

O principal é a coragem. A coragem e o foco. Uma coragem planejada, em minha opinião. [...] Tem que ter muita coragem e estudar. Você tem que estudar o campo que você vai trabalhar, o sujeito que você vai trabalhar. Tem que investir em cursos de atualização. [...] Você tem que ter respaldo para falar e orientar o seu cliente. É foco, coragem (E10).

(fala sobre seu despertar para o empreendedorismo) Eu não tive medo de nada [...] não tive medo de correr atrás, eu não tive vergonha. [...] A situação de ser empreendedor está aí, não ter medo, não ter preconceito com si próprio. Ter coragem. Para mim a coragem nada mais é do que você vencer o medo, e medo todos teremos. Que é o corajoso? Aquele que teve a capacidade de vencer o medo (E3).

Alguns empreendedores têm como principal característica a inovação, são classificados como empreendedores inovadores. O relato seguinte mostra este exemplo.

Eu sou inovação. Eu vou a determinado local, percebo as dificuldades da saúde, dos cuidados [...] e observo os produtos, a maneira de trabalhar. Percebo que aqueles produtos, material permanente ou de consumo, que existem maneiras de você melhorar a qualidade do cuidado. Mas sempre pensando em melhorar a saúde. O que a enfermagem pode oferecer para o paciente? O que melhorar no âmbito do cuidado? Esses questionamentos na minha cabeça geram muitos produtos e processos. [...] Eu queria transformar o cenário da saúde. [...] Eu comecei a refletir o que eu queria na minha vida. [...] Estando na academia você se afasta do cenário do cuidado, que te consome bastante, pela carga horária, pela sobrecarga de trabalho, então a pessoa fica muito automatizada. Tudo o que a pessoa faz é muito mecânico. Você não consegue pensar, consegue executar aquilo você aprendeu. Então eu queria mais, mesmo com os meus 47 anos, na época. Porque eu acho que a Enfermagem merece o melhor. Então eu tive essa ideia (refere-se ao cuidado banho no leito), pois desde a minha graduação eu acho esse cuidado renegado, banalizado pelo próprio enfermeiro que cuida. [...] Eu pensei “Todo mundo reclama disso, mas ninguém faz nada para mudar”. Então eu comecei a participar de pesquisas e ir a congresso

para tentar achar algo de novo, ver o que já existia. Vi que existiam coisas muito fora da realidade, do que o enfermeiro se propõe cientificamente (E9).

[...] Quando você inova algum processo, algum produto, a notícia repercute. [...] Eu sou diretora de inovação na minha empresa. [...] Ser inovador é ser criativo, ter o desejo de mudar algo e fazê-lo. [...] Eu quero concorrer com o que não tem. [...] Eu fui fazer a demonstração de um protótipo da cadeira (novo produto criado) no hospital. Ela chamou tanto a atenção que chamaram de “cadeira espacial”. [...] O momento que eu mais gosto é o de desenvolver, raciocinar que poderia ser feito assim, de outra forma. Quando você quer transformar, você tem que pensar muito. [...] Eu quis trazer a melhoria para o cuidado. Não quero ser só empresária. [...] Hoje eu entendo que é um dom de Deus, que abriu minha visão para criação (fazendo referência a criatividade ser algo muito pessoal). [...] Tento buscar soluções para situações que considero importantes. [...] É uma empresa startup feita por uma enfermeira, cujo objetivo é agregar outros enfermeiros, a academia dentro dela, para poder difundir esses valores, esses pensamento, para poder fazer um mundo melhor na área da saúde (E9).

A participante E9 tem como característica majoritária a inovação, sendo ela o fundamento para o trabalho que desenvolve e o estimulador de sua jornada empreendedora. Para concretizar sua visão, seu sonho, seu desejo de transformar e melhorar o meio que a circunda por meio de seus produtos, a participante precisou iniciar um movimento de busca e apropriação de conhecimentos diversos para consolidação de algo único, considerando que sua empresa é única no mercado com esta constituição, ser fundada por uma enfermeira, desenvolver produtos de tecnologia-dura e possuir entre sua missão e valores a aproximação com a academia e potenciais enfermeiros empreendedores e inovadores.

Dentro do elenco de entrevistados desta pesquisa, a participante E9 destaca-se como a única com a característica inovação como principal deflagradora para o empreender. Todavia, outras duas participantes apresentam a inovação e criatividade como características secundárias.

As falas a seguir refletem a presença da inovação e criatividade em suas trajetórias.

Eu trabalhei no controle de infecção hospitalar por algum tempo e vi que tinham muitas coisas para serem feitas naquela instituição. O controle de infecção hospitalar ainda era algo muito novo aqui no Rio de Janeiro, principalmente no Brasil. [...] Não se tinha nem curso de pós-graduação. [...] Eu trabalhava no hospital público e ele tinha muitos problemas. Eu sendo a responsável pelo controle de infecção hospitalar comecei a pensar como poderia mudar algumas coisas, saindo da mesmice, mas que eu pudesse envolver as pessoas que tivessem como pacientes e profissionais a trabalhar junto comigo. [...] Na hora da visita, uma das coisas que me

incomodavam muito era quando eu chegava aos quartos e via o familiar sentado na cama do paciente, a lixeira cheia. Eu via formiguinhas passando pelas camas. [...] Porque eu simplesmente, como enfermeira, passando pela pessoa, pelo profissional ou pelo paciente e pelo parente dele, o acompanhante, se eu tentasse explicar algumas coisas do quanto aquilo fazia mal, eu não iria atingir muito. O hospital era muito grande e eu teria que passar por todo mundo, então, eu tive a ideia de fazer o áudio e colocar no hospital na hora que as pessoas entrassem. [...] Contratei um grupo para fazer figuras para colocar justamente nas portas e nas paredes, figuras que representavam baratas e ratos, mas não de uma forma feia, mas uma barata, por exemplo, mostrando um escudo, um rato se defendendo, de maneira lúdica. [...] O áudio era transmitido nos quartos, que tinham alto-falantes, então enquanto tivesse gente visitando, o alto-falante estava rodando. Eu levei isso para o hospital, falei com o diretor e ele adorou a ideia. Isso ganhou prêmio inclusive (E4).

[...] depois disto eu fiz uma série de campanhas nesse hospital. Então, no dia do controle de infecção hospitalar, eu coloquei uma fantasia de borracha para representar a pseudomonas. Eu passava em todos os quartos mostrando o que a pseudomonas fazia. Ela era horrorosa, tinha cílios enormes. Era algo que, para nós nos protegermos, nós precisávamos lavar as mãos. Era para poder mostrar a importância da lavagem das mãos (E4).

Quando eu trabalhava no consultório de feridas em Teresópolis, atendia muitos pacientes com úlceras e usava papaína que apresenta um ótimo resultado. No entanto, para o público leigo, manipular a papaína é difícil, tem que ter um recipiente especial, diluir na concentração certa para cada caso, isso é muito difícil para um paciente, uma pessoa leiga fazer. [...] eu tinha pacientes em que tinha que desenhar sol, lua no frasco para saber quando usar, porque não sabiam ler. Então pensei em criar algo mais fácil para o público. Trabalhei no mestrado com uma nova formulação da papaína, e cheguei a um produto simples, tal qual uma pomada, para aplicação direta na ferida. [...] Depois de anos consegui a patente do produto, agora procuro uma empresa para fabricar e comercializar (E3).

Outra característica apresentada pelos empreendedores é a liderança, da mesma forma que encontra-se presente a visão. Dornelas (2016) explana que a visão e a liderança são características marcantes nos empreendedores de sucesso. Ele as descreve da seguinte maneira:

São visionários: têm visão de como será o futuro para seu negócio e sua vida, e o mais importante: têm a habilidade de implementar seus sonhos. **São líderes e formadores de equipes:** os empreendedores têm um senso de liderança incomum. São respeitados e adorados por seus funcionários, pois sabem valorizá-los, estimulá-los e recompensá-los, formando um time em torno de si. Sabem que, para obter êxito e sucesso, dependem de uma equipe de profissionais competentes. Sabem ainda recrutar os melhores profissionais para assessorá-los nos campos em que não detêm total conhecimento (DORNELAS, 2016, págs. 24-5).

Nos relatos subjacentes das participantes E4, E10 e E13, é factível a observação da liderança vinculada à visão.

A (cita o nome da sociedade que criou) por meio do meu conhecimento faz parte de diversas sociedades médicas. Diversas sociedades médicas buscam a (cita o nome da sociedade que criou) para fazer parceria. [...] (Cita o nome de seis sociedades médicas da qual faz parte) Eu me sinto uma agente de mudança. [...] A sociedade é sem fins lucrativos, você doa conhecimento. [...] Faço porque é meu legado. [...] (cita o nome da sociedade que criou) que me consome bastante pela questão de estar fora do Brasil, ela também está em outros países, tem diversos projetos. As primeiras diretrizes do Brasil em Enfermagem em Feridas (com o apoio do Conselho Profissional Federal) somos nós que estamos fazendo. Elaborar uma diretriz é muito difícil (E4).

Quando eu comecei a entrar na área da Estética, comecei a pesquisar quantos enfermeiros havia trabalhando com estética. Era uma área nova para mim, não sabia que tinha tanta gente trabalhando assim. Na minha primeira pós-graduação eu conheci oito enfermeiros que trabalhavam na área. [...] Comecei a pesquisar se havia um movimento na enfermagem para regulamentar a área. Então, descobri a (cita o nome de duas sociedades de especialistas). [...] Já havia feito vários contatos com (cita o conselho federal e estadual) por telefone e e-mail. Porque quando você faz pós-graduação você conhece colegas de são de outras profissões conseguindo coisas, conseguindo espaço. [...] Quando formos para o conselho para fazer a regulamentação, para elaborar tudo que podemos ou não fazer, tem que por um enfermeiro que tenha propriedade para falar sobre isso. [...] Pretendo levar para o conselho a reflexão sobre como o biomédico e o farmacêutico conseguiram a regulamentação e podem exercer, e nós não (E10).

No Brasil todo tinha apenas quatro enfermeiras que trabalhavam com nefrologia. A minha professora morou vários anos nos Estados Unidos trabalhando como enfermeira, e lá que ela viu chegar a primeira máquina de diálise e trouxe o conhecimento dela para o Brasil. Nós trabalhamos alguns anos juntas (E13).

As empreendedoras E4, E10 e E13 podem ser classificadas como Líderes Visionárias, pois apresentam em suas trajetórias ações empreendedoras iniciadas pelo desejo de conquistar novos campos, remodelar áreas, liderar profissionais com desejo semelhante para estabelecer novos modelos para a Enfermagem. Respectivamente, são pessoas reconhecidas e influentes em seus campos de atuação, sendo a área da Enfermagem Dermatológica (ênfase em feridas), Enfermagem Esteta e Enfermagem em Nefrologia. Elas unem a visão de expandir o campo da Enfermagem à liderança, para fazer movimento, construir alianças e parcerias, articular-se politicamente para expor seus conhecimentos de causa.

Pode-se determinar que, de acordo com a característica predominante no empreendedor que sua visão sobre o produto (produto/negócio/serviço) é imaginada mentalmente, assim como o propósito do empreendimento que será construído. Fazendo uma analogia, facilmente é identificado que a participante E9, por exemplo, uma empreendedora inovadora, tenha como seu negócio uma empresa de inovação em saúde.

Outro exemplo pode ser visto na empreendedora E7, que tem um grande amor pela educação. Logo, seu empreendimento é uma instituição de ensino que busca capacitar, com foco na parte prática, em área conhecida pelo excesso de maquinário de tecnologia dura. Mais uma amostra é possível de ser vista na empreendedora E6, que possui uma empresa voltada para a área de obstetrícia, tendo entre seus serviços o parto domiciliar, o parto natural. Ela tem a percepção do seu trabalho como uma missão, na qual assegura a autonomia da mulher sobre si mesma no momento do parto.

As características (traços de personalidade) presentes nos enfermeiros empreendedores sustentam suas ações empreendedoras. Estas possibilitam o movimento desencadeado pelo mesmo na concretização de sua visão que resultará no empreendimento, no produto (produto/negócio/serviço).

6.2. HABILIDADES EMPREENDEDORAS DOS ENFERMEIROS

As habilidades, as competências aprendidas e aprimoradas pelos empreendedores neste âmbito foram desenvolvidas com o propósito de realizar com efetividade atividades gerenciais necessárias para a construção e consolidação da organização, criada para fornecer o *produto* (produto/serviço/negócio). Entre elas, são destacadas por Dornelas (2005), visão, dedicação, conhecimento, responsabilidade, liderança. Filion (1993), explica que os empreendedores durante o processo de pensar usando uma visão, aliam quatro elementos que apóiam a visão, cada um deles, influenciando os demais e vice-versa. Estes elementos estão inseridos nas habilidades desenvolvidas pelo empreendedor sendo o conceito de si, a energia, a liderança e as relações estabelecidas.

O autor Dornelas (2016) versa sobre as habilidades requeridas de um empreendedor, classificando-as em três áreas, sendo técnicas, gerenciais e características pessoais. Entre habilidades da área técnica são ressaltadas “saber escrever, saber ouvir as pessoas e captar informações, ser um bom orador, ser organizado, saber liderar e trabalhar em equipe e possuir

*know-how*⁴⁹ técnico na área de atuação” (Ibid, 2016, p. 31). Já das habilidades gerenciais são realçadas aquelas que envolvem “criação, desenvolvimento e gerenciamento de uma nova empresa: marketing, administração, finanças, operacional, produção, tomada de decisão, controle das ações da empresa e ser um bom negociador” (Ibid, 2016, p. 31).

As falas seguintes exprimem o elemento Conceito de si:

Eu falei: “Vamos montar um negócio! A gente pode montar um curso. Um curso preparatório. A gente pode trabalhar em um curso técnico” (E1).

Na crise nós acabamos vendo outras oportunidades. [...] Na crise das duas uma: ou você é criativo, inventivo ou pessimista, mas se você for um pouquinho que seja você afunda e fecha as portas (E3).

Quando eu acabei a faculdade, já sabia que não queria trabalhar em hospital. [...] Eu saí decidida de que queria mexer nesse campo, já sabia que era o campo da Obstetrícia (E6).

Talvez eu possa dizer que abrir para o contexto internacional tenha sido um dos grandes pilares da minha história. Porque quando eu voltei desse congresso internacional, eu voltei me sentindo o máximo. Eu pensava ‘Eu não sou nada, mas o cara lá acha que eu sou incrível, porque eu faço parto em casa, no Rio de Janeiro. Eu sou muito especial’. [...] Então, tudo isso foi o meu empoderamento. Foi chegar para o médico com que eu trabalhava durante muitos anos e, após setecentos e poucos partos, falar “Vou fazer o parto dela em casa porque eu sonhei”. E ele olhar para mim e falar “Você está maluca!” Respondi: “Estou, mas eu nasci para isso”. Se eu for pensar no meu empoderamento foi uma sequência de que eu podia, eu tinha devoção, eu tinha conhecimento, eu tinha um apoio efetivo (E6).

É novo [...] a médica dizer “Eu trabalho com a minha enfermeira”. Isso daí [...] é uma novidade e elas entendem que o meu trabalho é importante. Que não terão resultados sem o meu trabalho [...] (E6).

Durante 15 anos no mercado de trabalho nós temos uma credibilidade, considerando o número de pessoas de quem eu já cuidei e que já se beneficiaram com os serviços de enfermagem no domicílio (E8).

Até me considero. Não sei se eu sou teimoso ou se eu sou um empreendedor. Eu tenho essa necessidade de gerar empregos e ver as pessoas trabalhando. [...] Me vejo como empreendedor. Talvez eu não saiba ganhar tanto. Eu não tenho essa ganância capitalista. Prefiro ter muito e cobrar pouco a ter pouco ganhando muito. São questões minhas de pensamento, de filosofia de vida. [...] Acho que ser empreendedor no Brasil, principalmente hoje, é ser insistente. Nós estamos passando por um período que não se passava há muitos anos (E8).

Oportunidades. [...] Se você for bom você vai se destacar (E11).

⁴⁹ Expressão do idioma inglês que significa conhecimento, o “saber fazer”.

A leitura das falas possibilita a observação sobre o conceito de si dos participantes, ou seja, o prisma pelo qual eles enxergam a si mesmo e o mundo. Há consenso na ideia de que sentem-se capazes, em condições de realizar algo.

Filion (1993) explica que o conceito de si é a base na qual o empreendedor desenvolve o processo de gênese da visão, a partir da visão que ele tem do mundo e de sua própria imagem, o conceito que tem de si mesmo, com isso o empreendedor desencadeia um processo em que projeta sua visão, seu sonho numa imagem, sendo esta a que o empreendedor e o seu empreendimento irão prosseguir no futuro.

O conceito de si inclui os valores, as atitudes, o humor, as intenções do indivíduo, estando atreladas a criação de imagens, modelos e demais maneiras de representação da realidade, portanto não é fixo, sendo frequentemente recriado, reformulado, a partir do contexto em que o empreendedor atua ou decide atuar (FILION, 1993).

É salientado por Filion (1993, p. 56) que “Evidentemente, um empreendedor não pode decidir facilmente se deseja ser alguma coisa, sem antes saber o que significa ser essa coisa”. Logo, uma das principais atividades no processo de criação da visão é descobrir os elementos que influenciam a imagem, ou seja, a forma de olhar o mundo real. Para tal o indivíduo empreendedor deve procurar entender sua própria história, os valores que carrega consigo, os modelos aprendidos em seu passado familiar, suas vivências e experiências profissionais, suas crenças, sua educação, entre outros que compuseram o *ser* único que ele é (Ibid, 1993).

Descobrir quem ele é, o que ele acredita, o que ele deseja e sonha, de que maneira ele deseja atuar e contribuir na sociedade, como quer transformar sua realidade e a de outros, qual legado que deixar no mundo, são elementos fundamentais que, depois de bem definidos, são usados pelo empreendedor no processo de formação de visão, ou seja, da consolidação do seu futuro empreendimento em uma imagem futura. Imagem esta que, para tornar-se realidade, seu presente em determinado momento, exigirá do empreendedor habilidades e constante movimento, sendo realizados pelo seguinte elemento Energia.

Depois de definido “quem eu sou e o que eu sonho (visão)” o empreendedor implementa ações para concretizar sua imagem, torná-la realidade por meio da criação de seu empreendimento.

Os relatos seguintes refletem sobre a energia empregada pelos participantes:

Eu acordo todo dia às 03:30 horas da manhã para dar conta do meus compromissos, que são inúmeros. Mesmo cansada sinto-me satisfeita, gosto do que eu faço. [...] Viajo muito, dou palestras e aulas pelo Brasil todo e também no exterior (E2).

Eu faço no máximo quatro ou cinco acompanhamentos. Não dá para fazer muito mais do que isso, mesmo sendo alguns hospitalares. [...] Não é fácil a minha vida. A minha disponibilidade é total, a qualquer hora do dia e da noite. Eu saio, largo tudo. Não sei como vai ser hoje o meu dia. De verdade eu não sei. Posso sair daqui, agora, para fazer um parto. [...] Existe uma dedicação geral (E6).

Considerando que é uma empresa grande, eu consigo administrar bem, mas é cansativo (E8).

A última pós-graduação que eu fiz foi em São Paulo. Eu saía de Petrópolis de ônibus por volta das 23:00 horas e chegava em São Paulo às 5:30 horas da manhã. Depois eu pegava outro ônibus para Campinas, para estar lá às 8:30 horas da manhã. A aula começava às 9:00 horas e ia direto até as 18:00 horas. Era no final de semana inteiro e tinha que dormir em hotel. No domingo eu pegava um avião para o Rio de Janeiro e depois um ônibus para Petrópolis, para estar na 2ª feira de manhã cedo trabalhando. [...] Não foi fácil. Eu fiz um curso aqui, outro ali. Hoje em dia eu já perdi as contas de quantos certificados eu tenho de estética. Eu participo, pelo menos, de dois congressos por ano (E10).

Analisando as falas observa-se que os empreendedores dedicam muitas horas, diariamente, aos seus empreendimentos. Os momentos de dedicação contemplam tanto as atividades desencadeadas para construção de seus produtos (produto/negócio/serviço), quanto para manutenção do mesmo.

Reflexões a respeito da dedicação ao negócio, apresentada pelos empreendedores, são realizados por estudiosos da área empreendedorismo. De acordo com Polli (2014) uma das principais características do comportamento empreendedor é:

Comprometimento: o empreendedor faz sacrifícios pessoais ou despense esforços extraordinários para completar uma tarefa. Colabora com os subordinados ou até mesmo assume o lugar deles para terminar um trabalho. Esmera-se para manter os clientes satisfeitos (POLLI, 2014, p. 54).

Complementa-se este pensamento com o de Dornelas (2016), sobre uma das características dos empreendedores de sucesso:

São dedicados: dedicam-se 24 horas por dia, 7 dias por semana ao seu negócio. Comprometem o relacionamento com amigos, com a família e até mesmo com a própria saúde. São trabalhadores exemplares, encontrando energia para continuar, mesmo quando se deparam com problemas. São incansáveis e loucos pelo trabalho (DORNELAS, 2016, p. 24).

A energia despendida pelo empreendedor pode variar de acordo com o momento em que seu processo de gestão da ideia encontra-se, variando a dedicação empregada em determinadas ações. No início do negócio, geralmente o empreendedor está sozinho e, com isso, realiza todas as atividades existentes e necessárias para o andamento do empreendimento.

Filion (1993, p. 58) frisa uma interessante situação sobre o quantitativo de horas dedicado ao empreendimento, “[...] alguns empreendedores que trabalham arduamente não parecem ter êxito. Tal fato leva a sugerir que não há relação direta entre o número de horas trabalhadas e o sucesso obtido por um empresário. Não basta trabalhar por longas horas”.

Esta afirmação permite o exame de habilidades do empreendedor, pois mesmo que haja uma característica sustentando tal habilidade, no caso como exemplo, a persistência sustentando o empenho, não é garantia de sucesso. A energia é direcionada pelo empreendedor desde a construção de visão do produto (produto/negócio/serviço), que é determinada pelo movimento de processo de gestão da ideia, e é alimentada pelo conceito de si (valores, sonhos, entre outros). Os valores do empreendedor influenciam diretamente no emprego da energia, ou seja, o conceito de si do empreendedor influencia na definição pelo mesmo do quanto irá investir em sua vida profissional.

Sobre este investimento de tempo e energia na vida profissional e, conseqüentemente, no empreendimento, Maximiano (2006 *apud* Polli, 2014) descreve como desvantagens existentes ao ser um empreendedor:

Sacrifício pessoal: É comum, no início de um novo negócio, o empreendedor trabalhar longas horas e sete dias por semana, restando pouco tempo para família, diversão e reflexão pessoal. Isto frequentemente resulta no prejuízo das relações familiares e em alto nível de tensão. **Sobrecarga de responsabilidades:** O empreendedor tem uma carga de trabalho e responsabilidades diferente da dos empregados assalariados. [...] O empreendedor está sozinho “no topo”. Não há ninguém no empreendimento que tenha, como ele, apostado todas as fichas (MAXIMIANO, 2006 *apud* POLLI, 2014, p. 59).

A dedicação a uma rotina de longas horas contínuas, não garante o êxito do empreendedor, sendo preciso o emprego da energia para trabalhar intensamente na construção da visão do produto e de todas as ações necessárias para sua concretização. A energia “é o tempo alocado em atividades profissionais e a intensidade com que elas são executadas” (FILION, 1993, p. 57-8). Há relação entre o conceito de si do empreendedor com a energia que deverá ser despendida, estando esta relação aberta à influência das relações familiares do empreendedor, de forma que deve refletir sobre o quanto está disposto a sacrificar para tornar seu empreendimento real e um sucesso.

A maioria dos participantes desta pesquisa é do sexo feminino, dado este relacionado a própria constituição sócio-histórico-cultural de sua profissão – a enfermagem ainda é uma profissão majoritariamente feminina (COFEN, 2011). Ao serem questionados sobre o ser enfermeiro e ser empreendedor e o tempo de dedicação ao negócio, visões opostas emergiram

sobre a influência da família na constituição de seus empreendimentos. Ressalta-se nas falas seguintes.

Eu já fui casada duas vezes, mas não tenho filhos. Eu até teria se eu tivesse uma condição de trabalho tão intensa. Se tivesse filhos não trabalharia tanto quanto trabalho. [...] Trabalho muito, sete dias por semana. Moro próxima da praia e se fui 10 minutos nela nesses últimos anos foi muito. Ouvi numa reportagem que empreende mais quem não tem filhos (E3).

Para ter o que tenho hoje tive que ralar muito. Para estar aqui alguém teve que ficar com os meus filhos. Agora tenho como dar uma 'respirada melhor', o mais velho esta com 20 anos e a caçula com 13 anos. Continuo preocupada com eles, mas já não dependem de mim para beber, comer, vestir e dormir. É uma luta. Não é fácil não. [...] A gente quer outras coisas, essa sempre foi uma preocupação. Meus filhos estão pequenos, mas daqui a pouco eles vão crescer e eu vou estar com 30, 40, 50 anos. Hoje em dia as pessoas com 50, 60 anos são produtivas, com qualidade de vida. Vou ficar fazendo o que em casa? Dando trabalho para os meus filhos? Eu que tenho que dar assistência para eles, e não o inverso. [...] Eu penso que tenho que investir agora para nos meus 50, 60 anos continuar na ativa, mas numa carga compatível com a minha idade, o corpo cansa (E10).

As falas expostas refletem visões divergentes sobre a possibilidade de empreender e o tempo de dedicação ao negócio relacionando-se com os familiares. Para aprofundar a compreensão acerca da divergência resgata-se parte da fala da participante E3 “*Eu não tinha vontade de casar, ter filhos. Tinha vontade de ter o meu negócio*”. De forma precoce, pois a participante afirma que já possuía essa ideia aos cinco anos de idade, ela já interiorizava que a vontade de ter o seu próprio negócio só existiria em detrimento da não vontade de constituir família. Sua dedicação deveria ser apenas em uma das áreas, familiar ou profissional. A crença nessa imagem foi produzida, concretizada e alimentada, de maneira tal que influenciou em seu conceito de si.

Outro ponto de relevância para investigação sobre a relação existente entre a decisão da energia que será empregada pelo empreendedor e o vínculo familiar, considerado uma perda quando opta-se por iniciar uma empreitada, pode ser observada na leitura e interpretação da caracterização das participantes E4 e E6. Ambas as participantes possuem filhos, quatro e três, respectivamente, como acrescentaram no instrumento de caracterização possuir um neto. Pela análise de suas trajetórias profissionais é notável que sua dedicação ao seu negócio é intensa, de modo que a energia empregada é vigorosa, todavia em seus relatos ser mãe e ser avó, ter um papel no âmbito familiar não foi uma influência negativa, desestimulante para empreender. Os recortes das falas apontam esta reflexão.

Eu acordo todo dia às 03:30 horas da manhã para dar conta do meus compromissos, que são inúmeros (E4).

A minha disponibilidade é total, a qualquer hora do dia e da noite. Eu saio, largo tudo. Não sei como vai ser hoje o meu dia. De verdade eu não sei. Posso sair daqui, agora, para fazer um parto (E6).

A família tem um papel muito importante na decisão de empreender, seja na decisão de gênese de um negócio ou mesmo na determinação de empreitadas, tais como a realização de estudos, ações essas que exigirão a aplicação de energia pelo empreendedor. Exemplo deste cenário pode ser percebido no relato a seguir.

Eu consegui até uma pessoa para orientar o meu pós-doutorado fora do Brasil, mas eu estou questionando o que isso vai me trazer, além de satisfação pessoal. Eu tenho dois filhos, três netos e gosto muito de ficar em família, passar tempo com eles. Depois da morte do meu irmão há três anos [...] você vê que não pode perder tempo (E14).

Conforme explica Filion (1993) os quatro elementos Conceito de si, Energia, Liderança e Relações estão interligados e influenciam um ao outro. O Conceito de si influencia diretamente a Energia, e esta alimenta e é retroalimentada pelo mesmo. O Conceito de si influencia e é influenciado também pelo próximo elemento Liderança.

Diferentes autores apresentam concórdia no que tange a liderança como uma habilidade presente nos empreendedores, sendo esta ligada à montagem e gestão de equipes para o desenvolvimento de seu produto (produto/negócio/serviço) (DORNELAS, 2016; POLLI, 2014; CLEMENTE e FARIA, 2014; LICCIARDI e BARTOLOMEO, 2016).

Filion (1993, p. 58) explica que “A habilidade para desenvolver uma visão parece conferir liderança, e esta, para o empreendedor, depende do desenvolvimento da visão”. As falas seguintes expõem este pensamento.

Eu comecei [...] a ler, estudar, pesquisar [...] e comecei a pensar que a partir dali abriria um campo para o empreendedorismo, para que eu trabalhasse e oferecesse campo de trabalho também para outras colegas minhas que são da mesma faixa etária. Eu tenho 58 anos [...] Tem pouco tempo que uma colega foi retirada do grupo por não saber se portar. Ela atendia ao telefone de qualquer maneira, chegava à casa do cliente e pedia cafezinho. Alguns clientes ligaram para mim reclamando que ela chegava toda suada, não lavava as mãos antes de iniciar os procedimentos. [...] Iria prejudicar a visão (por parte dos clientes) do grupo (E1).

Hoje, na prática, tenho uma equipe que é formada por seis médicos obstetras, seis enfermeiros obstetras e três pediatras. É uma equipe grande. Eu posso dizer para você que nós realmente trabalhamos sem hierarquia. [...] durante sete anos eu dei um curso de atualização com o Michel Odent, que era o curso de ecologia do parto. Então, na verdade, todo mundo que trabalha na minha equipe passou pelo curso, tanto as médicas como as enfermeiras (E6).

Hoje nós temos 31 funcionários técnicos de enfermagem, temos 03 enfermeiros, 10 médicos atuando, que captam os pacientes, e da parte

administrativa 03 pessoas. Não é uma empresa grande, ela é pequena, mas está indo com quase 50 funcionários. Nós trabalhamos o capital humano com conhecimento. [...] A enfermagem hoje dentro da nefrologia é muito valorizada porque é a única área que a enfermagem tem autonomia total. Dentro da clínica é a enfermagem que decide tudo. Claro que tem toda a equipe, o médico, a nutrição, o psicólogo, todos trabalhando em conjunto, mas nós temos 99% de autonomia para decidir (E13).

Lembro que quando fechei o primeiro contrato foi muito complicado, porque apresentar uma nova modalidade de assistência de enfermagem para os profissionais da área foi muito complicado e quase perdi por inabilidade do profissional de não sabe respeitar as estruturas familiares formadas. [...] Tem que entender que você está dentro da casa dos outros para cuidar de um ente querido, mas existe toda uma dinâmica à qual você também tem que se adequar. Ao mesmo tempo deve manter-se neutro a essa dinâmica familiar sem interferir muito, a não ser que isso venha a causar danos ao paciente. Aí sim, há necessidade de o enfermeiro entrar em ação para poder intervir [...] (E8).

As falas possibilitam a observação de que os empreendedores são líderes das equipes que criaram, bem como trabalharam de forma tal que seus liderados desenvolvam competências/habilidades que eles consideram importantes para seus negócios.

Filion (1993, p. 58) disserta “Muita coisa pode ser mencionada, mas, no que diz respeito aos empreendedores, a liderança parece ir surgindo numa evolução gradual, que requer a aquisição de uma habilidade particular, num setor particular de atividade”. Esta afirmação permite uma reflexão sobre os participantes, visto que as empreendedoras E4, E6, E10 e E13 são líderes em suas áreas de atuação, Enfermagem em Dermatologia, Enfermagem Obstétrica, Enfermagem Esteta e Enfermagem em Nefrologia, nesta ordem. Além de construir seus empreendimentos, participaram da formação das equipes atuantes no negócio, de igual maneira, puderam direcionar e determinar este aperfeiçoamento dos profissionais, pois são referências nestas áreas, têm domínio do conhecimento nestes campos, atuando como líderes e formadoras de conhecimento.

Os relatos em destaque apontam estes papéis desempenhados pelas empreendedoras.

[...] Além disso, tem a sociedade (cita o nome) que é uma sociedade que existe desde 2003 (Fundada por ela). Hoje ela é uma sociedade que tem parcerias no mundo inteiro, por meio dela eu também fiquei muito conhecida, dou aulas fora do Brasil, dou muitos cursos [...] Sou presidente de uma Sociedade Ibero Latina, fará dez anos em 2017. Nós fundamos a sociedade na Espanha, faço parte de um grupo de uma rede importantíssima de feridas da Organização Pan-americana de Saúde. Estou no Ministério da Saúde, faço parte de diversas câmaras técnicas, dou muitas palestras (E4).

[...] por quatro anos eu fui da câmara técnica do COREN-RJ, nós aprovamos as diretrizes mínimas do parto domiciliar, que já estão sendo estudadas para serem ampliadas para o Brasil inteiro. Porque nós não tínhamos nenhuma referência nesse sentido (E6).

O que eu quero se realmente for naquela oficina do COFEN é levar isso para o enfermeiro. [...] Consegui criar com os profissionais de estética um vínculo de amizade, além do profissional, muito grande. Então, eles me têm como uma referência, qualquer dúvida que eles tem, enviam uma mensagem por (cita nome de um aplicativo para celular). Para mim isso é legal, porque você vê o enfermeiro conquistando um espaço, que nada tem a ver com o espaço dele, academicamente falando, e conquista essa admiração, esse respeito de profissionais que não são da enfermagem. Fisioterapeuta, biomédico me liga, eu também ligo para outros. [...] Agora assim, o mais interessante é que eu consegui um nome dentro de uma área que a maioria dos enfermeiros ainda não tem, e não tem por isso ou aquilo, mas porque desconhece que pode ter. Eu também não conhecia. [...] Não conheço nenhum enfermeiro que dá aula para pós-graduação (na área da Estética), que tenha bagagem. Porque é uma coisa nova, como a Obstetrícia e a Neonatologia já foi um dia. Hoje você tem enfermeiros aptos para dar aula de obstetrícia tranquilamente. A Estética ainda está lutando por isso (E10).

[...] Começamos a fazer encontros de nefrologia porque ninguém sabia nada, trocávamos experiências, geralmente experiências práticas. Então começamos a apresentar trabalhos. Juntamos um grupo e questionamos a possibilidade de montar uma especialização. “Por que nós não transformamos este grupo numa sociedade para fins científicos?” [...] Saiu Sociedade Brasileira de Enfermagem em Nefrologia [...] O grupo era do Brasil todo, de pessoas que já trabalhavam com nefrologia ou que queriam trabalhar. [...] Criamos um livro, os nefromodos. [...] Era um sistema de capacitação. [...] As pessoas que completavam os 12 nefromodos, que completavam os 12 questionários, eles já ganhavam a classificação para fazer a prova de título no congresso. Isso fez o maior sucesso porque não havia cursos de especialização em nefrologia (E13).

Sobre a liderança dos empreendedores, autores divergem se a mesma seria uma característica (traço de personalidade) ou uma habilidade/competência desenvolvida. Dornelas (2016) destaca como uma das características dos empreendedores de sucesso:

São líderes e formadores de equipes – os empreendedores têm um senso de liderança incomum e são respeitados e adorados por seus funcionários, pois sabem valorizá-los, estimulá-los e recompensá-los, formando um time em torno de si. Sabem que, para obter êxito e sucesso, dependem de uma equipe de profissionais competentes. Sabem ainda recrutar as melhores cabeças para assessorá-los nos campos nos quais não detêm o melhor conhecimento (Dornelas, 2016, p. 25).

No entanto, os pesquisadores Licciardi e Bartolomeo (2016, p. 30) defendem que a liderança nos empreendedores é “Habilidade para unificar os esforços grupais, com o propósito de atingir ou superar os objetivos organizacionais, estabelecendo um clima motivador, formando parcerias e estimulando o desenvolvimento da equipe”.

Ambas as visões acordam que, independentemente de ser característica ou habilidade, a liderança está presente nos empreendedores e um dos seus intuitos ao liderar é agregar profissionais competentes para construção de algo. No caso dos empreendedores, a construção de sua visão.

Filion (1993, p. 59) levanta uma dúvida em relação à liderança nos empreendedores “Sua necessidade de liderança o teria induzido ao desenvolvimento da visão ou sua visão o teria transformado num líder?” Em outras palavras, o desejo de liderar teria influenciado na gênese da visão do produto (produto/negócio/serviço) ou sua visão do produto o teria imposto a necessidade de aprender a liderar?

Os relatos das empreendedoras permitem o entendimento de que todas participaram de um processo de movimento, nas circunstâncias descritas, movimento para contribuição na criação de valores para suas áreas de dedicação laboral, tanto na constituição de sociedades científicas quanto na de seus empreendimentos.

A liderança tem um papel de importância para o desenvolvimento da visão tendo origem do impacto sobre o nível da visão e da extensão daquilo que o empreendedor pretende realizar. As falas seguintes refletem a relação entre a liderança e a visão, da imagem do empreendimento e a necessidade de liderar para alcançá-la.

Eu resolvi abrir a minha primeira empresa de enfermagem que foi um home care em saúde. Um home care prestando assistência de enfermagem no domicílio, principalmente a pacientes de baixa e média complexidade. Nós ainda não tínhamos em prática o programa de assistência domiciliar de internação domiciliar para pacientes de alta complexidade. Isso é mais recente. Eu pensei “Acho que é um gancho para podermos juntar os serviços de enfermagem, de forma extremamente satisfatória e de qualidade, para uma população que requer, tem a necessidade de cuidados e que temporariamente se tornam extremamente dependentes dos serviços de outros”. Logo é preciso que esta população tenha um serviço de qualidade, ao invés de estar contratando uma pessoa qualquer para cuidar deles. Foi aí que eu abri este primeiro home care, que além de ser um home care é uma empresa de consultoria na área da saúde também (E8).

[...] Essa clientela precisava de cuidados intensivos nos hospitais, nas clínicas porque na época não tínhamos o suporte e o quadro de enfermeiros que temos hoje. Então começamos a atender esses pacientes particularmente. Eu e outra enfermeira montamos como uma empresa de atendimento residencial-hospitalar de enfermagem, que nos chamávamos de enfermagem particular, num segmento como o home care, mas na época ainda não existia. Trabalhávamos em grupo e tinha uma escala de quem iria cuidar de qual paciente (E14).

Nos empreendedores o elemento Liderança influencia e é influenciado pelo Conceito de si e este, por sua vez, relaciona-se diretamente com a Energia empregada. Sobre o liderar não há unanimidade se sua presença nos empreendedores é fruto de característica (traço de personalidade) ou habilidade desenvolvida. Vale lembrar que, mesmo sendo tratada como um traço de personalidade (característica), o mesmo é desenvolvido desde a tenra idade sofrendo influência do âmbito familiar. Ou seja, o empreendedor aprende a ser líder por meio da

influência do meio ambiente, conforme aponta Vygotsky, seja familiar ou profissional, no qual tem uma visão de negócio e precisa liderar para unir talentos e concretizar seu empreendimento. O próximo elemento é considerado por Filion (1993) como o mais poderoso para a evolução da visão nos empreendedores, elemento Relações.

Filion (1993, p. 59) cita Jean-Jacques Rosseau⁵⁰ e sua definição “O homem como um produto social”. Afirmar que o homem é um produto social é compreender que seu aprendizado está ligado as relações com o meio que o circunda, visão defendida por Vygotsky. O teórico (Ibid, 1993) reflete acerca dos empreendedores, alicerçado nesta ótica:

Eles são originalmente produtos dos sistemas de relações da família, que depois desenvolvem uma rede de relacionamentos empresariais, de modo que as pessoas nela envolvidas se tornam produtos sociais de que o empreendedor precisa, à medida que venham realizar sua visão (FILION, 1993, p. 59).

As relações são a base de formação do homem, por meio delas que o indivíduo aprende a *ser* humano. Igualmente, é por intermédio das relações que o empreendedor consegue desenvolver-se, pois, desde o esboço da visão, que surge a partir de uma ideia, todo o processo de gestão da ideia que resultará em um produto (produto/negócio/serviço) sofrerá influência de diferentes áreas, sendo a História de Vida Familiar e as Vivências Profissionais (que atuam na construção do Conceito de Si, definem a Energia que será empregada e contribuem para o exercício da Liderança) e a interpretação das Demandas e Oportunidades apresentadas no meio em que encontra-se inserido. Todos esses processos somente são possíveis por causa das relações interpessoais do empreendedor.

As falas a seguir expõem as relações primárias vividas pelos empreendedores.

Fiquei atrás de uma colega enfermeira para ser minha sócia. Porque para abrir uma empresa tem que ter no mínimo dois sócios, não pode ser só a pessoa. E na época muitas pessoas queriam, mas eu percebi que ninguém tinha coragem. Muita gente tinha medo, até porque você tem um investimento inicial. Você tem que pagar a abertura da firma, do contador, as pessoas ficavam com medo de fazer um investimento e não saber se daria certo. Acabou que eu abri com a minha irmã que é administradora e, na época, fazia pós-graduação em Administração Hospitalar. Eu abri a empresa com a minha irmã (E12).

Eu tive um incentivo muito grande por parte da minha família e, diante das circunstâncias que se apresentaram para mim, eles me deram apoio financeiro para que pudesse continuar com o desenvolvimento de produtos para saúde. Então, o primeiro marco é a minha família, o segundo marco foi procurar um centro de pesquisa tecnológica, que foi a FAPERJ, que me incentivou nesta trajetória de ser realmente uma pesquisadora (quando

perguntada se há algum familiar com negócio próprio) *Meu marido é advogado, tem o próprio escritório de advocacia, é autônomo (E9).*

Meu irmão me ajudou. Ele que é meu sócio, me ajudou a comprar o mobiliário, materiais, tudo parcelado. Ele que comprou a cadeira e me deu. Dois clientes me ajudaram, emprestaram dinheiro. Eles sabiam como eu trabalhava, a clientela que eu tinha (E5).

As falas propiciam a apreciação da rede de ligações, de relacionamentos dos empreendedores, na questão, as relações familiares, que são estabelecidas por Filion (1993) como *relações primárias*. Em suas trajetórias para constituição de seus empreendimentos eles obtiveram formas apoio por parte de familiares. O teórico (Ibid, 1993) destaca que a família é um sistema básico de relações de um empreendedor e, indubitavelmente ela influenciará na visão inicial que o mesmo venha a ter.

Uma situação que merece apontamento encontra-se no relato da participante E5, sobre as pessoas que a apoiaram no início do empreendimento. Observa-se no recorte da fala “*Dois clientes me ajudaram, emprestaram dinheiro*”.

A relação com clientes é estabelecida por Filion (1993) como uma *relação secundária*, considerando que esta é construída com conhecidos, envolve o estabelecimento da relação em redor de uma atividade bem definida. Perante este contexto é exequível a compreensão de que ocorreu uma evolução, um aprofundamento na rede de relações da empreendedora. O autor (Ibid, 1993) esclarece que as relações secundárias, posteriormente, podem tornar-se relações primárias, fato visível na fala da participante E5. Esta relação propiciou a abertura do empreendimento, inicialmente construído na visão da empreendedora.

Diante de uma circunstância oriunda do domínio Oportunidade, Demanda Profissional, o processo de gestão da ideia foi deflagrado sustentando a formação de visão. Esta foi modelada a partir das características e habilidades da empreendedora, a qual evidencia-se o elemento relações, este sofreu um aprofundamento e alteração de seu nível.

Filion (1993) elucida que o empreendedor que tem uma visão bem desenvolvida estabelece um sistema de relações bem articulado e criterioso, uma vez que o mesmo influenciará diretamente no contínuo aprimoramento da visão e, esta alimentação e retroalimentação, por sua vez, exercerão influência nas habilidades do empreendedor.

Com a existência de influência nas habilidades do empreendedor, e estas sendo desenvolvidas pelo mesmo com o intuito de apoiar a modelação da visão, nota-se que o empreendedor aprende a se relacionar. Como os relacionamentos apresentam três níveis de profundidade, que são alcançadas pelo empreendedor ao longo da gênese e manutenção de seu produto (produto/serviço/negócio) e envolvem variados atores e âmbitos, compreende-se

que o aprendizado se dá nas interações do empreendedor com o meio que o circunda e no qual o mesmo busca inserir-se na busca de mais componentes para criação e sustentação de sua visão. Este aprendizado está em consonância com o prisma de Vygotsky.

Dando prosseguimento ao exame dos relatos acerca das relações secundárias.

Na época eu estava fazendo campanha para uma deputada federal, que era feminista, e conheci um obstetra. Ele convidou-me para trabalharmos juntos. Perguntei o que eu iria fazer. Ele respondeu que eu faria tudo o que ele não fazia, para começar eu iria à casa da mulher, onde ele nunca podia ir. Foi muito legal! (E6).

Foi a Enfermagem que abriu a minha visão para ter um consultório. Tive um professor que tinha um consultório (E5).

Comecei a trabalhar numa clínica de diálise onde já existia o curso com as enfermeiras que trabalhavam no local. Existia um curso de hemodiálise para técnicos de enfermagem. [...] essas enfermeiras pararam de fazer esse curso devido à carga horária delas, elas interromperam. Então, eu e outra amiga, que também dava aula nesse curso, resolvemos retomar o curso abrindo nossa empresa (E7).

Quando me formei, eu trabalhava numa clínica privada e comecei a trabalhar com feridas pós-operatórias. Os pacientes começaram a perguntar se eu fazia curativos em casa, daí surgiu aquilo “Eu não faço, mas posso fazer!”. Desde que me formei sempre pensei em fazer atendimentos domiciliares. Eu já tinha visto na minha cabeça que era uma forma autônoma do enfermeiro trabalhar. Então, fui amadurecendo esta ideia, ainda fazendo faculdade. Depois que me formei, decidi fazer (E12).

Na época eu não sabia nada da fama dele (um médico que trabalhava no mesmo hospital em que a entrevistada fazia estágio curricular) começamos a conversar, mas como conterrâneos Um dia ele chegou com outra médica que era residente na clínica e falou para mim “Nós viemos fazer um convite a você. Nós vamos sair daqui porque o espaço está pequeno, iremos para outro local. Eu gostaria que você trabalhasse conosco. Nós vemos o seu trabalho e gostaríamos muito que trabalhasse com a gente” (E13).

Os relatos expostos, ao serem analisados, facultam o entendimento de que a visão do produto (produto/negócio/serviço) que é alicerçada pelo processo de gestão da ideia, sendo este o movimento deflagrado por intermédio dos contextos em que o empreendedor está imerso (História de Vida Familiar, Formação e Prática Profissional e Oportunidades e Demandas Profissionais). A visão esta ligada as relações que o empreendedor aprende a criar.

Os relatos salientam as relações que tiveram origem nos contextos Formação e Prática Profissional e Oportunidades e Demandas Profissionais, logo estabelecidas por Filion (1993) como cenários de gênese de relações secundárias. Entretanto, o relato da participante E7 explicita que a pessoa que foi sua parceira na construção do empreendimento foi conhecida no cenário profissional, mas tornou-se sua amiga. Novamente percebe-se o aprofundamento das

relações, de secundária para primária, como um sustentáculo para a formação do empreendimento, resultante da visão do empreendedor.

Os pesquisadores Licciardi e Bartolomeo (2016, p. 30) apontam uma das habilidades dos empreendedores como sendo o relacionamento interpessoal, ao qual conceituam como “Habilidade de interagir com as pessoas de forma empática, inclusive diante de situações conflitantes, demonstrando atitudes positivas, comportamentos maduros e não combativos”.

Dornelas (2016, p. 29) corrobora ao afirmar que os empreendedores “Desenvolvem excelente relacionamento no trabalho com colegas, parceiros, fornecedores e muitos outros”. Logo, diante das óticas apresentadas é possível correlacionar com o pensamento que é asseverado por Filion (1993):

O pensar em termos de uma visão dota o empreendedor com um esquema de aprendizado capaz de lhe dar uma estrutura de referência que o auxilie para melhor articular seu desenvolvimento. Primeiramente, esse processo exige que o indivíduo adquira habilidades [...] Não deve ser apenas apto para ouvir, mas deve realmente desejar fazê-lo, uma vez que a visão em função da qual estiver pensando oferecerá um ponto de referência, ao redor do qual, o empreendedor, deverá assimilar informações. O mesmo dito quanto ao ato de falar: deve estar interessado em dizer o que pensa, pois deseja que seu sistema de relações reaja e se envolva, além de estimular e apoiar em seu desenvolvimento (FILION, 1993, p. 60).

Posto isso, é factível enxergar esse movimento realizado pelos empreendedores, nos relatos já destacados. Os indivíduos citados pelos empreendedores foram parceiros na construção do produto (produto/serviço/negócio), eram elementos das relações secundárias e reagiram ao desejo dos empreendedores em realizar suas visões, de certa maneira, contribuíram e estimularam o desenvolvimento dos empreendedores.

O estabelecimento de relações secundárias proporciona o aprendizado, conforme explicado por Vygotsky. O homem constrói seu aprendizado ao longo de sua história social por meio da relação com o meio físico (entenda-se como cenário) e social (entenda-se como interação com os indivíduos).

Dando continuidade a investigação das relações edificadas pelos empreendedores, as falas seguintes refletem as relações terciárias.

Fui a uma palestra (cita o nome de uma instituição de ensino superior privado do Rio de Janeiro) e lá estava uma enfermeira pioneira em São Paulo nesses cuidados (de feridas). [...] E aí, eu aproveitei. [...] Eu pensei “Bom, eu posso a partir deste ponto começar a trabalhar isso”. Aquilo surgiu e eu comecei a ver nas revistas de enfermagem e, até mesmo, pesquisando alguns artigos, lendo. Li um artigo de uma enfermeira na Itália que trabalhava com atendimento domiciliar. E comecei a ver que várias enfermeiras atuavam assim, principalmente em São Paulo. Fora do país isso é comum. Falando no Brasil é mais comum em São Paulo, no Rio de Janeiro não é muito visível (E1).

Eu fiz alguns cursos de gestão e toda a minha área está voltada para gestão em saúde. [...] Eu acho que isso ajudou bastante, mas eu sinto necessidade de fazer um MBA, que acho que vai me responder mais teoricamente. Mas foi mais uma vivência mesmo na prática. [...] Consultei o SEBRAE para aprender como se abria um home care (E8).

Acho que foi em 2000, quando tivemos uma grande conferência da organização, em Fortaleza, onde eu conheci pessoalmente Michel Odent. Ali também foi uma grande mudança para mim. [...] E ele acabou, no final do congresso, dizendo que eu deveria ir para Paris, no Congresso de Parto. [...] (E6).

Conheci uma educadora física, ela já era professora de estética há muito tempo. Ela veio dar um curso de capacitação em estética [...] na minha cidade. Era um curso de dois finais de semana, muito caro. Eu fui fazer para conhecer e me encantei. [...] Fizemos amizade e somos amigas até hoje. De vez em quando nós fazemos cursos livres. Ela ministra o curso e eu coordeno (E10).

Quem fez o curso dá o nosso telefone direto. Quem não fez o curso, liga para a clínica de diálise onde nós trabalhávamos, porque na verdade criou fama por ser um curso ligado à clínica onde nós trabalhávamos. Então os interessados procuram a clínica, perguntando por nós. A clínica dá o nosso telefone. Nós ainda não vemos uma busca ativa pelo site (E7).

Na leitura das falas entende-se que os empreendedores estabeleceram relações com propósitos bem definidos, nas circunstâncias destacadas, cursos, eventos científicos (palestra, congresso), consulta a entidade fomentadora. Esta conjuntura ressalta a conceituação de relações terciárias do empreendedor definida por Filion (1993), em que elas são arquitetadas com objetivos bem claros, para atender uma necessidade existente diante de uma área de interesse.

Sua meta primordial é adquirir informações, ideia e conceitos, para que o empreendedor consiga burilar sua visão do produto (produto/negócio/serviço). Este movimento faculta ao empreendedor, antes de lançar-se na construção do empreendimento, a reflexão sobre as variadas alternativas existentes na seara no qual pensa em inserir-se (FILION, 1993).

Merece ser destacado o contexto vivido pela participante E10, no que diz respeito às relações formuladas pelo empreendedor em sua caminhada da visão à construção do produto. No início da fala a empreendedora explica que buscou um curso na área da estética, sua área de interesse (relação terciária), depois criou um vínculo amizade com a professora que o ministrou (relação primária), amizade que permanecesse no presente da empreendedora, e, por conseguinte, mantêm uma ligação de trabalho em que as mesmas oferecem cursos na área da estética (relação secundária).

Esta conjuntura mostra a dinâmica existente, no que tange as relações formuladas pelo empreendedor, na condensação de sua visão de produto (produto/negócio/serviço), lembrando que a visão igualmente influencia no estabelecimento das relações em todos os seus níveis. Esta ligação da visão alimenta e é retroalimentada pelas características (traços de personalidade) e habilidades (Conceito de si, Energia e Liderança) do empreendedor, dando ênfase a habilidade Relações.

Por fim, o estabelecimento de relações, sendo uma habilidade, é aprendido pelo empreendedor, de forma que alguns, em função de seus traços de personalidade conseguem êxito com mais facilidade. A fala da participante E6 corrobora esta reflexão.

De alguma maneira, eu falo isso para as alunas quando dava aulas “não dá para você ser apenas enfermeira obstetra, você tem que fazer o movimento”. Eu acho que esta coisa do movimento também foi algo que me deu alcance. Eu tenho certa facilidade, eu falo bem, eu corro atrás. Por ser uma referência, eu acabei dando muitas entrevistas, no jornal, na televisão. Então as coisas começam, acaba sendo um pouco por aí. Você começa tendo clientes, começa a montar, começa a trabalhar (E6).

Sobre este ponto, Filion (1993, p. 61) aborda:

O empreendedor necessita, ainda, de habilidades para se comunicar e estabelecer relações interpessoais. A educação para o empreendedor deve auxiliar o indivíduo, no seu desenvolvimento, pelo reforço de suas características diferenciadas (FILION, 1993, p. 61).

Em suma, o empreendedor aprende, em variadas fontes por intermédio das relações que estabelece, e assim consegue desenvolver sua visão. À medida que sua visão está mais articulada e condensada, a construção das relações intensifica-se, para possibilitar o aprendizado dos saberes necessários para concretização da visão em empreendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Acredite na força de seus sonhos, Deus é justo e não colocaria em seu coração um desejo impossível de ser realizado” (Paulo Coelho).

Constata-se no presente estudo que há diferentes aspectos que ativam e motivam o empreendedorismo nos indivíduos, havendo destaque inicial dos participantes à influência dos membros da família e das amigas na formação preliminar e na visão da ideia empreendedora.

No que concerne à graduação em enfermagem e à qualificação profissional, a maioria dos participantes indicou que o empreendedorismo foi pouco abordado e incentivado na formação inicial do enfermeiro. Ainda assim, houve relatos de influências nessa seara. Quanto à pós-graduação, a maioria apresenta movimento em prol de uma formação mais qualificada, dedicando-se ao desenvolvimento de cursos de extensão e de pós-graduação lato e stricto sensu, apontando incentivos nestes cenários de formação.

Também foi destacada pelos participantes a necessidade de tecer um *networking* na vida profissional, pois isto favorecerá oportunidades, que são destacadas nas falas dos participantes. As redes de apoio, contextualizadas desde a vida familiar à vida profissional, permitem a interação social e a experiência, promovendo desta forma o desenvolvimento dos participantes e o aprendizado, não necessariamente nesta ordem ou independentes e dissociados.

Este desenvolvimento individual permite aos participantes refletir sobre as demandas potenciais para o desenvolvimento do *ser* enfermeiro empreendedor e as percepções sobre a atividade empreendedora, influenciando o ímpeto inato do ser humano de agir, de empreender, estando unido a aspiração de se autorrealizar.

Para consolidar a visão sobre o empreendimento, com o desenvolvimento do processo de gestão da ideia, os entrevistados demonstraram a influência de determinadas características intrínsecas adquiridas ao longo de sua trajetória de vida pessoal e profissional, dentre as quais traços de personalidade, que influenciam a forma de pensar, de agir e de se comportar, tornando-os observadores, planejadores, autoconfiantes, articuladores estratégicos, corajosos, persistentes, proativos e determinados.

As habilidades e competências aprendidas pelos participantes na trajetória pessoal e profissional até idealizar e concretizar o empreendimento podem ser traduzidas em visão, dedicação, conhecimento, responsabilidade e liderança.

Neste sentido, considerando todas as informações expostas e analisadas neste estudo, com base na trajetória dos enfermeiros empreendedores, foi possível concluir que o Empreendedorismo na área da Enfermagem existe e apresenta singularidades. Estas encontram-se principalmente nos Enfermeiros Empreendedores, que apresentam características e habilidades similares ao conceito de empreendedor que é defendido pelos estudiosos da área.

Todavia, a singularidade dos Enfermeiros Empreendedores está no pensamento e nos valores que os norteiam. Estes valores mostram-se essenciais na construção de sua visão sobre o produto (produto/negócio/serviço) e estão atrelados a sua formação como enfermeiro. Estes empreendedores são corajosos e competentes, característica e habilidade principais, e têm como valores impactar positivamente a qualidade de vida de seus clientes (pacientes e profissionais de enfermagem).

Aspira-se que o estudo contribua no fomento da inclusão da palavra empreendedorismo como um Descritor em Ciências da Saúde (DeCS), sendo possivelmente uma forma de agregar pesquisas sobre o tema nas bases de dados científicas.

Sinaliza-se também a importância do registro das empresas de enfermagem, no banco de dados dos Conselhos Regionais de Enfermagem. Este registro e controle dos dados potencialmente auxiliariam em estudos sobre os empreendimentos no campo da Enfermagem.

Sugere-se ainda o incentivo de registro dos especialistas no banco de dados dos Conselhos Regionais de Enfermagem, para facilitar a identificação dos enfermeiros que atuam como autônomos (fazendo consultoria e/ou assessoria), sendo uma maneira de divulgar esta possibilidade de atuação para os atuais e futuros profissionais e elevar o padrão da profissão.

Por fim, recomendam-se estudos que se dediquem a investigar a temática empreendedorismo na enfermagem, de forma elucidar lacunas de conhecimento e favorecer a divulgação e disseminação de trajetórias pessoais dos profissionais, empreendimentos de enfermagem, produtos, entre outras informações relevantes para o ensino, para a pesquisa, gerência para a prática profissional, enfim, para a ciência da enfermagem.

REFERÊNCIAS

1. ALCÂNTARA, G. **A enfermagem moderna como categoria profissional: obstáculos à sua expansão na sociedade brasileira.** Ribeirão Preto, 1963. Tese (Provimento de Cátedra) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
2. ALMEIDA, M C P; ROCHA, J S Y. **O saber da Enfermagem e sua Dimensão Prática.** São Paulo: Cortez, 1986.
3. ANDRADE, Andréia de Carvalho; CAGNACCI, Carolina Vieira; SANNA, Maria Cristina. **Conteúdo de empreendedorismo nos cursos de graduação em enfermagem: panorama da cidade de São Paulo – Brasil.** Referência Revista Científica da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde – Enfermagem. III Série Suplemento, Actas e Comunicações da XI Conferência Iberoamericana de Educação em Enfermagem. 2011. P. 467. Disponível em: < http://www.esenfc.pt/event/event/abstracts/exportAbstractPDF.php?id_abstract=3832&id_event=64> Acesso em: 13 de dezembro de 2015.
4. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTOMATERAPIA – SOBEST. **Membros Titulados,** 2016. Disponível em: <<http://www.sobest.org.br/membros>> Acesso em: 05 agosto 2016.
5. BACKES, Dirce Stein; ERDMANN, A. L. Formação do enfermeiro pelo olhar do empreendedorismo social. **Rev Gaúcha Enfermagem,** Porto Alegre, v. 30, n.2, p.242-248, 2009.
6. BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M Bargatin. Educação Ambiental Comunitária: uma experiência com a Técnica de Pesquisa *SnowBall* (Bola de Neve). **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** V. 27, julho a dezembro de 2011. Disponível em: < <https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3193/1855>>. Acesso em: 12 de maio de 2015.
7. BAUMAN, Z. **Vida líquida.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2009.
8. BIANCO, Maria Helena Borgato Cappo. **Construção da Autonomia do enfermeiro no cotidiano: um estudo etnográfico sob o referencial teórico Agnes Heller.** 164 folhas. 1999. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo Bauru. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/36171491_Construcao_da_autonomia_do_enfermeiro_no_cotidiano_um_estudo_etnografico_sob_o_referencial_teorico_de_Agnes_Heller>. Acesso em: 22 de julho de 2016.
9. BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Conceitos Técnicos,** 2001. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br/medicamentos/conceito.htm#1.4>> Acesso em: 14 de maio de 2016.

10. _____. Casa Civil. Lei nº 6.404./2006, de 15 de dezembro de 1976. Dispõe sobre as Sociedades por Ações. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6404consol.htm> Acesso em: 16 de agosto de 2015.
11. _____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. CNE/ME. Parecer CNE/CEB nº 13/2010, de 4 de agosto de 2010. Consulta acerca da inclusão do Empreendedorismo como disciplina no currículo do Ensino Fundamental, do Ensino Médio, da Educação Profissional e da Educação Superior. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13006&Itemid=866> Acesso em: 13 de abril de 2015.
12. _____. Lei Complementar nº 123/2006, de 14 de dezembro de 2006. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp123.htm> Acesso em: 16 de agosto de 2016.
13. _____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC. Elementos Estruturantes de uma Política Nacional de Empreendedorismo e Negócios. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1364215966.pdf> Acesso em: 10 de outubro de 2015.
14. _____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. CNS/MS. Resolução nº 466/2012, 12 de dezembro de 2012. Aprovar as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em: 13 de setembro de 2015.
15. _____. Ministério da Saúde – MS. Secretaria de Políticas de Saúde. Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://> > Acesso em: 09 de agosto de 2015.
16. _____. Ministério da Saúde – MS. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde. Brasília, 2011. 2ª ed. 3ª reimpressão. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/agenda_nacional_prioridades_2ed_3imp.pdf> Acesso em: 09 de agosto de 2015.
17. _____. Ministério da Saúde - MS. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. ABC do SUS – Doutrinas e Princípios. Brasília, 1990. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:fevIqLpSCIEJ:portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/files.do%3Fevento%3Ddownload%26urlArqPlc%3Dabc_do_sus_doutrinas_e_principios.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 13 de setembro de 2016.

18. BUENO, Flora Marta Giglio; QUEIROZ, Marcos de Souza. O enfermeiro e a construção da autonomia no processo de cuidar. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 59, n. 2, mar/abr 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0034-71672006000200019&script=sci_arttext> Acesso em: 02 de agosto de 2016.
19. BUENO. Flora Marta Giglio. **A Construção da Autonomia Profissional: o trabalho do Enfermeiro no contexto hospitalar**. 2002. 227 folhas. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas, Campinas.
20. CANDIDO, Claudio Roberto. O que é empreender. In: PATRÍCIO, Patrícia Sales; CANDIDO, Claudio Roberto (Orgs). **Empreendedorismo: uma perspectiva multidisciplinar**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
21. CARVALHO A C. **Orientação e Ensino de Estudantes de Enfermagem no Campo Clínico**. São Paulo, 1972, 126p. Tese de Doutorado. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.
22. CASTORIADIS, Cornelius. **Sobre O Político de Platão**. Tradução de Luciana Moreira Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2004.
23. CAVALCANTE, Nilmar Alves. Enfermeira cria maca para banho em pacientes. [25 de outubro de 2012]. COREN-MS Online. Disponível em: <http://ms.corens.portalcofen.gov.br/enfermeira-cria-maca-para-banhos-em-pacientes_1503.html> Acesso em: 08 de setembro de 2016.
24. CHRISTENSEN, Holly. Projeto Fios Mágicos: Enfermeira cria perucas com penteados de princesa para crianças com câncer. [11 de novembro de 2011]. Jornal Extra Globo Online. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/mundo/enfermeira-cria-perucas-com-penteados-de-princesas-para-criancas-com-cancer-18014693.html#ixzz4JXBbQmdq>> Acesso em: 08 de setembro de 2016.
25. CLEMENTE, Armando; FARIA, Marília de Sant'anna. Empreendedorismo e inovação em uma era de mudanças significativas. In: SANTOS JÚNIOR, Hugo. (Org.) **Da graduação para o mercado de trabalho: caminhos para o sucesso**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2014.
26. COLLIÈRE, Marie-Françoise - **Promover a vida: da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem**. 3ª ed. Lisboa: Lidel, 1999.
27. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Comissão de Business Intelligence Produto 2: Análise de dados dos profissionais de enfermagem existentes nos Conselhos

Regionais, Março de 2011 – Versão 1.0 <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/pesquisaprofissionais.pdf> Acesso em: 05 de agosto de 2016.

28. _____. Aprova a Reformulação do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Resolução n 311 de 08 de fevereiro de 2007. Brasília, 2007. Disponível em: <http://novo.portalcofen.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/resolucao_311_anexo.pdf> Acesso em: 22 de setembro de 2014.

29. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Resolução nº 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 7 nov. 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>> Acesso em: 13 de setembro de 2015.

30. COUTINHO, Vania Lima. Interação enfermeira-cliente e utilização de papaína associada ao silicato de magnésio: uma tecnologia de cuidado de feridas. Rio de Janeiro; s.n; fev. 2004. xv, 117 p. ilus, tab, graf. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=443865&indexSearch=ID>> Acesso em: 08 de setembro de 2016.

31. DOLABELA. Fernando Chagas. **Oficina do Empreendedor**. São Paulo: Editora Sextante, 2011.

32. DOLABELA. Fernando Chagas. **O Segredo de Luiza**. 35. ed. rev. e atual (2010) – São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

33. DOLABELA. Fernando Chagas. **O Segredo de Luiza**. 14 ed. (2009) – São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

34. DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios**. 4. ed. rev. e atual. – São Paulo: Elsevier, 2005.

35. DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios**. 5. ed. – São Paulo: Elsevier, 2016.

36. DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**. São Paulo: Campus, 2008.

37. DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo na prática**. São Paulo: Elsevier, 2008.

38. DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor**. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 1994. In: PATRÍCIO, Patrícia Sales; CANDIDO, Claudio Roberto (Orgs). **Empreendedorismo: uma perspectiva multidisciplinar**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

39. ENDEAVOR BRASIL. **Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras – Relatório Final**, 2012. Disponível em: <<http://info.endeavor.org.br/relatorio-empresendedorismo-universidades-2012>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2015.
40. ENDEAVOR BRASIL. **Relatório Empreendedores Brasileiros: Perfis e Percepções**, 2013. Disponível em: <<http://info.endeavor.org.br/relatorio-empresendedores-brasileiros-perfis>> Acesso em: 20 de julho de 2015.
41. ENEDINO, OSMAR FELIPE. Enfermeiro da Unimed Jabotical cria protótipo que beneficia pacientes. [20 de junho de 2016]. Unimed Fesp Online. Disponível em: <<http://www.unimedfesp.coop.br/enfermeiro-da-unimed-jaboticabal-cria-prot%C3%B3tipo-que-garante-maior-qualidade-de-vida-aos-pacientes>> Acesso em: 08 de setembro de 2016.
42. ERDMANN, Alacoque Lorenzini et al. A visibilidade da Profissão de Enfermeiro: Reconhecendo Conquistas e lacunas. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 62, n.4, p.637-643, ago 2009. Disponível a partir <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000400025&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de março de 2015.
43. FUNDAÇÃO DE APOIO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – FAPERJ. Notas Semana de 6 a 12 de dezembro de 2012. **Arquivo de Notícias**. Maca higienizadora é premiada em evento internacional. 2012. Disponível em: <<http://www.faperj.br/?id=2351.2.5>>. Acesso em: 08 de setembro de 2016.
44. FERNANDES, J D. O Sentido político, ideológico e econômico da expansão das Escolas de Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**. V.1, n.1, p. 62-72, 1983.
45. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.
46. FERREIRA, Gímerson Erick, ROZENDO, Célia Alves, SANTOS, Regina Maria dos, PINTO, Eduardo Araújo, COSTA, Antônio Carlos Silva, PORTO, Adrize Rutz. Características Empreendedoras do Futuro Enfermeiro. **Cogitare Enferm.** Out/Dez; 18(4):688-94, 2013.
47. FILION, Louis Jacques. A “visão” projetada sobre o futuro de seus negócios é o fator principal de sucesso de empreendedores bem-sucedidos. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, 33(6):50-61. Nov./Dez. 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v33n6/a06v33n6>> Acesso em: 01 de mai de 2015.
48. FORTES, A F A. **Há falhas por parte de todos os atores: visão do enfermeiro assistencial sobre o estágio curricular supervisionado** [dissertação]. Belo Horizonte (MG): Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001

49. FREITAS, Cláudia Helena Soares de Moraes. Dilemas no exercício profissional da Odontologia: a autonomia em questão. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. Bocatú, v. 11, n. 21, jan/abr 2007. Disponível em: <>
50. FUSZARD B. **Innovative teaching strategies in nursing**. Rockville: Aspen Publishers; 1989.
51. GADOTTI, Moacyr. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.
52. GALLEGUILLOS TGB, OLIVEIRA MAC. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. **Rev Esc Enferm USP**. 2001;35(1):80-7.
53. GERMANO, R M. **Educação e ideologia da enfermagem no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1993.
54. GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
55. GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
56. GOMES, Almiralva Ferraz. O Empreendedorismo como alavanca para o desenvolvimento local. **Revista Eletrônica de Administração**, 2005, v. 4, n.2. Disponível em: <> Acesso em: 12 de fevereiro de 2015.
57. GUILLORY, William A. **A Empresa Viva**. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.
58. HOFFMAN, M.V. e OLIVEIRA, I.C.S. Entrevista não-diretiva: uma possibilidade de abordagem em grupo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, 2009, nov-dez: 62(6): 923:7.
59. HUMEREZ, Dorisdaia Carvalho de. **Visibilidade Social da Enfermagem: Reconhecendo as conquistas e lacunas**. 11º Encontro do Conselho Regional de Enfermagem do Piauí (ENCREPI) (Palestra) 2012. Disponível em: Acesso em: 08 de janeiro de 2015.
60. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Demografia das Empresas 2009-2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/09/de-6945-mil-empresas-que-nasceram-em-2009-475-continuaram-em-2013.html>> Acesso em: 28 de agosto de 2016.
61. INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL. Perguntas frequentes – Patente. Publicado em 28 de abril de 2015. Disponível em:

<<http://www.inpi.gov.br/servicos/perguntas-frequentes-paginas-internas/perguntas-frequentes-patente#patente>> Acesso em: 14 de maio de 2016.

62. ITO, Elaine Emi. **O Estágio Curricular segundo a percepção dos enfermeiros assistenciais de um hospital de ensino**. 2005. 103 folhas. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

63. JOURNAL OF ADVANCED PRACTICE NURSING. **Nurse Practitioners as Entrepreneurs: Constrained or Liberated?**, Califórnia, 15.4.2014. Disponível em: <<<http://www.asrn.org/journal-advanced-practice-nursing/271-nurse-practitioners-as-entrepreneurs-constrained-or-liberated.html>> Acesso em: 22 de agosto de 2015.

64. KAO, R. W. Y., KAO, R. R. **Entrepreneurism**. London: Imperial College Press; 2002.

65. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6. ed. Rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2011.

66. LEOPARDI, M T. **Processo de trabalho em saúde: organização e subjetividade**. Florianópolis: Papa-Livros, 1991.

67. LICCIARDI, Norma; BARTOLOMEO, Ricardo Di. Perfil Empreendedor: novo estilo de liderança. In: PATRÍCIO, Patrícia Sales; CANDIDO, Claudio Roberto (Orgs). **Empreendedorismo: uma perspectiva multidisciplinar**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

68. LIMA, M A D S. Ensino de enfermagem: retrospectiva, situação atual e perspectiva. **Rev Bras Enferm**, 1994; 47(3):270-7.

69. MAXIMIANO. A. C. A. **Administração para empreendedores: fundamentos da criação e da gestão de novos negócios**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006. In: POLLI, Marco Fábio. **Inovação Tecnológica**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2014.

70. MARTINELLI, Alberto. “Entrepreneurship and Management”. In SMELSER, Neil and SWEDBERG, Richard (editors). *The Handbook of Economic Sociology*. Princeton: Princeton University Press. 1994.

71. MELO, Natália Máximo e. **SEBRAE e Empreendedorismo: origem e desenvolvimento**. 2008. 156 folhas. Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2008.

72. MENDES, M M R. **O ensino de graduação em Enfermagem no Brasil, entre 1972 e 1994 – mudanças de paradigma curricular?** 1996, 311 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1996.

73. MINARELLI, José Augusto. **Superdicas de Networking para sua vida pessoal e profissional**. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
74. MINAYO, Maria Cecília de Sousa; et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 32 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
75. MORAIS, J. A., HADDAD, M. C. L., ROSSANEIS, M. A., Silva, L. G. C. Práticas de enfermagem empreendedoras e autônomas. **Cogitare Enferm.** 2013;18(04):695-701
76. NAUDERER, TM, LIMA, MADS. Imagem da enfermeira: revisão de literatura. Rev. Brás. Enferm., Brasília, 2005 jan-fev; 58(1):74-7. Disponível a partir <>. Acesso em: 20 de março de 2015.
77. NETO, Helmuth Strobel. **Empreendedorismo, o Processo Visionário: Inovação e Criatividade**. 2003. 76 folhas. Monografia – Graduação em Economia, Faculdade de Ciências Econômicas, UFBA, Salvador, 2003. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10651>> Acesso em: 29 de março de 2015.
78. CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DO ESPIRITO SANTO – COREN-ES. Vídeo: Enfermeira cria dicionário em pomerano para ajudar na comunicação com pacientes. [09 de março de 2016] TV Gazeta – G1 Espírito Santo Online. Disponível em: <<http://simnoticias.com.br/site/index.php/noticias-geral/item/26351-video-enfermeira-cria-dicionario-em-pomerano-para-ajudar-na-comunicacao-com-pacientes>> Acesso em: 08 de setembro de 2016.
79. NUNES, Débora Cristina dos Santos; VILLARINHO, Paula Rocha Louzada. **Sistematização da Assistência de Enfermagem: dificuldades e estratégias para implantação**. 2009. 86 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso – Enfermagem, UNESA, Rio de Janeiro, 2009.
80. OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky Aprendizado e Desenvolvimento. Um Processo Sócio-histórico**. São Paulo: Editora Scipione, 2010.
81. OLIVEIRA. Nixon Nascimento de. **Empreendedorismo: uma forma de vida**. Publicado em 19 de outubro de 2011. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/producao-academica/empreendedorismo-uma-forma-de-vida/4489/>> Acesso em: 14 de julho de 2016.
82. PAIVA, M S et al. **Enfermagem brasileira: contribuição da ABEn**. Brasília, ABEn Nacional, 1999.

83. PAIXÃO, W. **Páginas de história da enfermagem**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1951.
84. PATRÍCIO, Patrícia Sales; CANDIDO, Claudio Roberto [Organizadores]. **Empreendedorismo: uma perspectiva multidisciplinar**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
85. PEREIRA, Ilson Luiz. Inovação e modelagem criativa de negócios. In: PATRÍCIO, Patrícia Sales; CANDIDO, Claudio Roberto (Orgs). **Empreendedorismo: uma perspectiva multidisciplinar**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
86. POLAKIEWICZ, Rafael Rodriguez; DAHER, Donizete Vago; SILVA, Neila Faber da; SILVA, Nelson Faber da; JÚNIOR, Josemar Ferreira; FERREIRA, Mariana Estevão. Potencialidades e Vulnerabilidades do Enfermeiro Empreendedor: uma revisão integrativa. **Persp. Online: bio. & saúde**, Campo dos Goytacazes, 11 (3), 53-79, 2013. Disponível em: <> Acesso em: 10 de agosto de 2015.
87. POLLI, Marco Fábio. **Inovação Tecnológica**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2014.
88. POMPEU, Carlos Alexandre; CAMAROTTO, Marcio. Empreendedorismo: uma viagem através dos tempos. In: PATRÍCIO, Patrícia Sales; CANDIDO, Claudio Roberto (Orgs). **Empreendedorismo: uma perspectiva multidisciplinar**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
89. PORTES, Márcio Rosa. **O Processo Visionário e o Desenvolvimento de Características e Habilidades Empreendedoras: O caso Lapidart Ltda**. 2006. 126 folhas. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) – Faculdades Integradas Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo – MG. Disponível em: <<https://blu176.mail.live.com/mail/ViewOfficePreview.aspx?messageid=mgh9mFDNn05BGOWAAjfeMzTA2&folderid=f11Ft5bgV4QUOUwbePfui1pg2&attindex=1&cp=-1&attdepth=1&n=45040386>> Acesso em: 29 de março de 2015.
90. PORTO, Fernando. **Os Ritos Institucionais e a Imagem Pública da Enfermeira na Imprensa Ilustrada: O Poder Simbólico no *click* fotográfico (1919-1925)**. 2007. 189 folhas. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
91. PORTUGAL. Biblioteca Nacional de Lisboa. **O livro de Marco Paulo. O livro de Nicolao Veneto. Carta de Jerônimo de Santo Estevam**. Publicações reimpressões II, 1922. Disponível em: <<https://archive.org/details/marcopauloolivro00polo>> Acesso em: 14 de julho de 2016.

92. RASCHE, Alexandra Schmitt. **A práxis do Enfermeiro no planejamento e avaliação das ações na Saúde Escolar**. 2012. 188 folhas. Doutorado em Enfermagem, UFRJ/EEAN, Rio de Janeiro, 2012.
93. REDE BRASIL ATUAL. **Saúde pública sofre também com a falta de profissionais de enfermagem**. Publicado por Cida de Oliveira em 01 ago 2013. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/saude/2013/08/saude-publica-sofre-tambem-com-a-falta-de-enfermeiros-9091.html>> Acesso em: 14 de julho de 2016.
94. RIZZOTTO, M L F, (Re) vendo a questão da origem da enfermagem profissional no Brasil: a escola de enfermagem profissional e o mito da vinculação com a saúde pública [dissertação] São Paulo: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1995
95. RONCON, Paulo Fernando; MUNHOZ, Sarah. Estudantes de enfermagem tem perfil empreendedor? Rev. bras. enfer., Brasilia 2009 set-out; 62(5): 695-700. Disponível em:<[ww.abennacional.org.br/home/download/perfilempreendedor.pdf](http://www.abennacional.org.br/home/download/perfilempreendedor.pdf)> Acesso em: 13 de agosto de 2015.
96. SAUTHIER, J. e BARREIRA, I A. As Enfermeiras Norte-Americanas e o Ensino da Enfermagem na Capital do Brasil: 1921-1931. EEAN/UFRJ. Rio de Janeiro, 1999.
97. SEBRAE. **Sondagem sobre Empreendedorismo Digital**. Série Estudos e Pesquisas. Brasília: 2012. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/615330c0d4a052ab19d47bb47076b8d3/\\$File/4305.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/615330c0d4a052ab19d47bb47076b8d3/$File/4305.pdf)> Acesso em: 08 de fevereiro de 2016.
98. SILVA, Carlos Alberto Marques *et al.* **Evolução das Motivações Pessoais e Factores Motivadores do Empreendedorismo dos Estudantes da ESEnfC – anos 2009 e 2011**. Referência Revista Científica da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde – Enfermagem. III Série Suplemento, Actas e Comunicações da XI Conferência Iberoamericana de Educação em Enfermagem. 2011. P. 177 Disponível em: <http://www.esenfc.pt/event/event/abstracts/exportAbstractPDF.php?id_abstract=3832&id_event=64> Acesso em: 13 de dezembro de 2015.
99. SILVA, Gizelda Monteiro. **Instrumentos e práticas avaliativas dos Estágios de Enfermagem em Instituições Hospitalares: perspectivas de Coordenadores e Docentes**. 2011. 233 folhas. Doutorado em Educação, USP, São Paulo, 2011.
100. SINDICATO DOS NUTRICIONISTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Autônomo x Profissional Liberal. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.sindicatonutricionistas.com.br/2010/site/autonomo.asp>> Acesso em: 16 de agosto de 2015.

101. SOUZA, Leandro de. Sebrae lança publicação para profissionais liberais. **Agência Sebrae Notícias (online)**. Brasília, 25 abr 2012. Disponível em: <<http://www.agenciasebrae.com.br/noticia/13411349/ultimas-noticias/sebrae-lanca-publicacao-para-profissionais-liberais/>> Acesso em: 09 de setembro de 2015.
102. SPAGNOL, Carla Aparecida. **Empreendedorismo na formação do enfermeiro: uma necessidade**. 2011. 14º CBCENF – A dimensão social da Enfermagem: para além dos setores público e privado. Disponível em: <> Acesso em 13 de agosto de 2015.
103. THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 4. Ed. São Paulo: Polis, 1986.
104. TIDD, J.; BESSANT, J.; PAVITT, K. **Gestão da inovação**. Porto Alegre: Bookman, 2008. In: PATRÍCIO, Patrícia Sales; CANDIDO, Claudio Roberto (Orgs). **Empreendedorismo: uma perspectiva multidisciplinar**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.
105. TOWNSEND, Mary C. **Enfermagem Psiquiátrica: Conceitos de Cuidados na Prática Baseada em Evidências**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014.
106. UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Empregabilidade e Trabalho dos Enfermeiros no Brasil Relatório Final**. Nov 2006. Disponível em: <http://www.obsnetims.org.br/uploaded/30_4_2013__0_Relatorio_Pesquisa_Empregabilidade.pdf> Acesso em: 24 de novembro de 2015.
107. VALENTE, S M P. Do currículo às diretrizes curriculares. *Olho mágico*, 1999; 5(20):6-7.
108. WONG, Robert. **Superdicas para Conquistar um Ótimo Emprego**. 1. Ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
109. WORLD HEALTH ASSOCIATION. Division of Mental Health. **Qualitative Research for Health Programmes**. Geneva: WHA, 1994.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Resolução nº 466/12 – Conselho Nacional de Saúde

Sr(a) foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “**Características e habilidades dos enfermeiros empreendedores adquiridas por meio do aprendizado na formação e na prática profissional**”, que tem como **objetivos**: 1. Descrever os aspectos que contribuem para a formação de visão no Enfermeiro Empreendedor e suas implicações para a prática empreendedora; 2. Analisar as características e habilidades dos Enfermeiros Empreendedores adquiridas por meio do aprendizado na formação e na prática profissional. Este é um estudo baseado em uma abordagem qualitativa, utilizando como método de análise um modelo baseado na Teoria Visionária de Filion.

A pesquisa terá duração de 02 ano(s), com o término previsto para julho de 2016. Suas respostas serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os **dados coletados** serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você poderá **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o(s) pesquisador (a) ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob a forma de entrevista individual não-diretiva. A entrevista será gravada em aparelho eletrônico para posterior transcrição que será guardada por **cinco (05)** anos e incinerada após esse período. Sr (a) não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras**.

Participante da Pesquisa: _____
(Assinatura)

Os riscos da pesquisa serão minimizados, exceto algum transtorno de caráter particular (constrangimento e/ou desconforto) em responder aos questionamentos e/ou alguma observação por parte da pesquisadora. Caso ocorra, a entrevista será pausada, a gravação interrompida e será dado a você o tempo que julgar necessário para expor livremente seus pensamentos e/ou emoções, podendo, mediante sua decisão, a entrevista ser retomada, encerrada e/ou remarcada. Os dados que forem coletados na entrevista, só serão divulgados após o retorno do conteúdo coletado para que você o reavalie e dê seu aceite em divulgá-los.

O **benefício** relacionado à sua participação será o de aumentar o conhecimento científico para a área de Enfermagem na temática Empreendedorismo.

Sr (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o celular/e-mail do pesquisador responsável, e demais membros da equipe, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradecemos!

Paula Rocha Louzada Villarinho
Mestranda
Cel: (21) 99303-0897
E-mail: Paula.louzada@outlook.com

Comitê de Ética e Pesquisa EEAN/HESFA/UFRJ – Tel: (21) 2293 8148 – Ramal: 228
E-mail:
Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275 – Cidade Nova

“O Comitê de Ética é o setor responsável pela permissão da pesquisa e avaliação dos seus aspectos éticos. Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique-se com o Comitê de Ética da Escola pelo telefone supracitado.”

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento. Recebi uma via assinada deste formulário de consentimento.

_____, ____ de _____ de 2016.

Participante da Pesquisa: _____
(Assinatura)

APÊNDICE B - INSTRUMENTO DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM

EMPREENDEDOR: _____

ESFERA I – IDENTIFICAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

1. Sexo: M F
2. Ano de nascimento: 19_____
3. Estado civil: Solteiro(a) Casado(a) Viúvo(a) Divorciado(a)
União estável Outro
4. Filhos: NÃO SIM Quantos? _____
5. Netos: NÃO SIM Quantos? _____
6. Nacionalidade: Brasileira Estrangeira País: _____
7. Naturalidade: _____
8. Município em que reside: _____
9. Município em que atua/trabalha: _____

ESFERA II – FORMAÇÃO ACADÊMICA

GRADUAÇÃO

1. Nome da Instituição: _____
2. Estado em que graduou-se: _____ (sigla do estado)
3. Instituição de Ensino Superior: Pública Privada

4. Ano de conclusão: _____

LICENCIATURA

1. Possui Licenciatura em Enfermagem?

2. SIM Concluída em (ano de conclusão): _____ Em curso NÃO

3. Nome da Instituição: _____

4. Estado em que graduou-se: _____ (sigla do estado)

5. Instituição de Ensino Superior: Pública Privada

PÓS-GRADUAÇÃO

1. Possui curso de Pós-graduação?

SIM NÃO

Pós-graduação	Área	Instituição	Concluída
<p>1. <u>Residência</u> <input type="checkbox"/></p> <p>SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/></p>		<input type="checkbox"/> Pública <input type="checkbox"/> Privada	<input type="checkbox"/> Sim Ano _____ <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Em curso
<p>2. <u>Especialização</u> <input type="checkbox"/></p> <p>SIM <input type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/></p>		<input type="checkbox"/> Pública <input type="checkbox"/> Privada	<input type="checkbox"/> Sim Ano _____ <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Em curso
<p>3. <u>MBA</u> <input type="checkbox"/></p>		<input type="checkbox"/> Pública	<input type="checkbox"/> Sim

<p>SIM NÃO</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>		<p>Privada</p> <p><input type="checkbox"/></p>	<p>Ano _____</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p>Não</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p>Em curso</p>
<p>4. <u>Mestrado</u> <input type="checkbox"/></p> <p>SIM NÃO</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>		<p><input type="checkbox"/></p> <p>Pública</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p>Privada</p>	<p><input type="checkbox"/></p> <p>Sim</p> <p>Ano _____</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p>Não</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p>Em curso</p>
<p>5. <u>Doutorado</u> <input type="checkbox"/></p> <p>SIM NÃO</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>		<p><input type="checkbox"/></p> <p>Pública</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p>Privada</p>	<p><input type="checkbox"/></p> <p>Sim</p> <p>Ano _____</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p>Não</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p>Em curso</p>
<p>6. <u>Pós-doutorado</u> <input type="checkbox"/></p> <p>SIM NÃO</p> <p><input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/></p>		<p><input type="checkbox"/></p> <p>Pública</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p>Privada</p>	<p><input type="checkbox"/></p> <p>Sim</p> <p>Ano _____</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p>Não</p> <p><input type="checkbox"/></p> <p>Em curso</p>

APÊNDICE C - TEMAS PARA ENTREVISTA NÃO-DIRETIVA



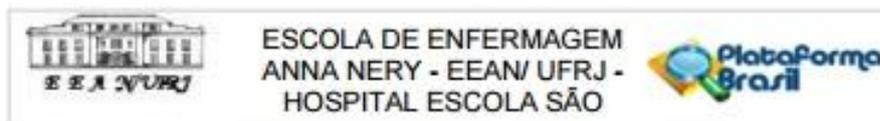
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM**

Temas a serem trabalhados com os participantes:

- 1) História de Vida Familiar e o Empreendedorismo
- 2) Trajetória da Formação e o Empreendedorismo
- 3) Prática Profissional e o Empreendedorismo
- 4) A Gestão da Ideia (Produto e/ou Serviço)
- 5) O caminhar para a concretização da Ideia (Produto e/ou Serviço)
- 6) A operacionalização da Ideia – A realidade atual

ANEXOS

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: As características e habilidades do Enfermeiro Empreendedor

Pesquisador: Paula Rocha Louzada Villarinho

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 50964715.3.0000.5238

Instituição Proponente: Escola de Enfermagem Anna Nery

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.354.708

Apresentação do Projeto:

Projeto de Dissertação de Mestrado Acadêmico. O tema é o empreendedorismo do Enfermeiro no Brasil. Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, com objetivo exploratório-descritivo, cuja captação dos participantes se dará por meio da técnica de amostragem "Snow Sampling" (Bola de Neve) e entrevista não diretiva individual, com um start de 10 enfermeiros empreendedores que atuam no município do Rio de Janeiro.

Objetivo da Pesquisa:

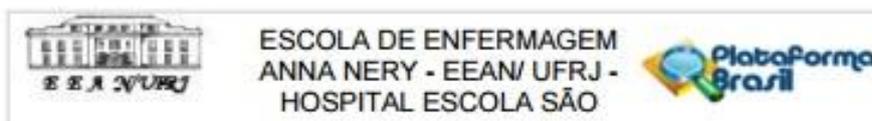
1. Descrever o processo de formação de visão no Enfermeiro Empreendedor; 2. Analisar as características e habilidades empreendedoras do Enfermeiro; 3. Discutir a prática do Enfermeiro Empreendedor a partir da Teoria Visionária.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Os riscos da pesquisa serão minimizados, exceto algum transtorno de caráter particular (constrangimento e/ou desconforto) em responder aos questionamentos e/ou alguma observação por parte da pesquisadora. Caso ocorra, a entrevista será pausada, a gravação interrompida e será dado a você o tempo que julgar necessário para expor livremente seus pensamentos e/ou emoções, podendo, mediante sua decisão, a entrevista ser retomada, encerrada e/ou remarcada".

Benefícios: "O benefício relacionado à sua participação será o de aumentar o conhecimento

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275
 Bairro: Cidade Nova CEP: 20.211-110
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)2293-8148 E-mail: cep@eean@ufrj.br



Continuação do Parecer: 1.364.708

científico para a área de Enfermagem na temática Empreendedorismo*.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é de caráter relevante para o melhor entendimento do perfil do profissional empreendedor no campo da Enfermagem.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1) Folha de Rosto para pesquisa envolvendo seres humanos: adequada
- 2) Projeto de Pesquisa: adequado
- 3) Orçamento financeiro e fontes de financiamento: adequado
- 4) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido: adequado
- 5) Cronograma: adequado
- 6) Anuência da Instituição cenário: adequado
- 7) Instrumentos de coleta de dados: adequado

Recomendações:

Inserir o logo da EEAN e o endereço do CEP no TCLE;
Finalizar o projeto na Plataforma Brasil após sua conclusão.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da EEAN/HESFA atendendo o previsto na Resolução 466/12 do CNS/MS APROVOU o referido projeto na reunião ocorrida em 15 de dezembro de 2015. Caso o(a) pesquisador(a) altere a pesquisa é necessário que o projeto retorne ao Sistema Plataforma Brasil para uma futura avaliação e emissão de novo parecer. Lembramos que o(a) pesquisador(a) deverá encaminhar o relatório da pesquisa após a sua conclusão, como um compromisso junto a esta instituição e o Sistema Plataforma Brasil.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_658743.pdf	12/12/2015 12:28:24		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Mestrado_Alterado_CEP.docx	12/12/2015 12:27:07	Paula Rocha Louzada Villarinho	Aceito

Endereço: Rua Afonso Cavalcanti, 275
Bairro: Cidade Nova CEP: 20.211-110
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2263-8148 E-mail: cipeanhesfa@gmail.com



ESCOLA DE ENFERMAGEM
ANNA NERY - EEAN/ UFRJ -
HOSPITAL ESCOLA SÃO



Continuação do Parecer: 1.354.708

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_cep_doc.docx	12/12/2015 12:23:41	Paula Rocha Louzada Villarinho	Aceito
Outros	carta.jpg	13/11/2015 22:40:41	Paula Rocha Louzada Villarinho	Aceito
Folha de Rosto	CEP_Paula.pdf	13/11/2015 00:26:21	Paula Rocha Louzada Villarinho	Aceito
Outros	entrevista_nao_diretiva.docx	12/11/2015 23:42:25	Paula Rocha Louzada Villarinho	Aceito
Cronograma	cronograma_cep_doc.docx	12/11/2015 23:41:17	Paula Rocha Louzada Villarinho	Aceito
Cronograma	orcamento_financeiro_cep.docx	12/11/2015 23:40:50	Paula Rocha Louzada Villarinho	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 13 de Dezembro de 2015

Assinado por:
Maria Angélica de Almeida Peres
(Coordenador)

**ANEXO B – RESOLUÇÃO COFEN Nº255/2001 – REVOGOU A RESOLUÇÃO
233/2000**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM**

Atualiza normas para o registro de empresas

O Conselho Federal de Enfermagem – COFEN, no uso de suas atribuições legais e regimentais,

CONSIDERANDO o disposto no art. 1º da Lei nº 6.839, de 30 de outubro de 1980;

CONSIDERANDO a deliberação do Plenário em sua 296ª Reunião Ordinária;

Resolve:

Art. 1º – Aprovar as Normas, que com esta baixam, sobre registro, no Sistema COFEN/CORENs, das empresas em atividade na área da Enfermagem e sobre a anotação dos dirigentes de suas atividades de enfermagem, com vista à Responsabilidade Técnica.

Art. 2º – Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, em especial, a Resolução COFEN-233/2000.

Rio de Janeiro, 12 de julho de 2001.

Gilberto Linhares Teixeira
(COREN-RJ Nº 2.380)
Presidente

João Aureliano Amorim de Sena
(COREN-RN Nº 9.176)
Primeiro Secretário

Normas para Registro de Empresas e anotações dos Dirigentes de suas atividades de Enfermagem, com vista à Responsabilidade Técnica.

CAPÍTULO 1

Disposições Gerais

Art. 1º – Em virtude do disposto no art. 1º da Lei nº 6.839, de 30 de outubro de 1980, está obrigada ao registro no COREN competente, toda Empresa basicamente destinada a prestar e/ou executar atividades na área da Enfermagem, inclusive sob as formas de supervisão e de treinamento de recursos humanos, ou que, embora com atividade básica não especificamente de enfermagem, presta algum desses serviços a terceiros.

Parágrafo único – A vinculação aos CORENs visa assegurar a realização das atividades referidas neste artigo em termos compatíveis com as exigências éticas do exercício da Enfermagem.

Art. 2º – Para efeito da presente Norma, está incluído no conceito de “Empresa” todo empreendimento de enfermagem realizado em instituição de saúde, hospitalar ou não, em estabelecimento ou organização afim.

Parágrafo único – Estão compreendidos neste conceito:

- a) no setor público: as instituições de saúde pertencentes à administração direta ou indireta federal, estadual, municipal, onde são desenvolvidas ou realizadas atividades de enfermagem;
- b) no setor privado: os empreendimentos organizados segundo as leis civis ou comerciais como sociedade civil, sociedade mercantil ou firma individual ou, ainda, como departamento, divisão, serviço, setor ou unidade da empresa para atuação na área da Enfermagem, bem como os empreendimentos em fase final de organização nessa área que, em virtude de normas locais, necessitem de registro no COREN para regularização junto ao Cartório de Registro Civil, das Pessoa Jurídicas ou a Junta Comercial.

Art. 3º – Os Órgãos da Administração Pública referidos na alínea “a” do parágrafo único do art. 2º, conquanto dispensados do recolhimento de anuidade, taxas e emolumentos, estão sujeitos às presentes Normas no que se refere aos fins previstos no parágrafo único do art. 1º, observadas as demais disposições, no que lhes forem pertinentes.

Art. 4º – A realização de atividade de enfermagem, sem o prévio registro da empresa no COREN competente, acarretará à mesma as sanções legais, previstas na legislação vigente.

CAPÍTULO II

Classificação das empresas

Art. 5º – Consoante a qualificação da atividade das empresas, ficam estas assim classificadas:

Classe A: empresas cujas atividades básicas são desenvolvidas ou realizadas mediante ações de enfermagem ligadas à promoção, proteção, recuperação e/ou reabilitação da saúde, conforme discriminação a seguir:

- A.1 – atividades de supervisão;
- A.2 – atividades de prestação e/ou execução de serviços;
- A.3 – atividades de treinamento de recursos humanos.

Classe B: empresas cujas atividades básicas não se incluem entre as especificamente de enfermagem, mas que desenvolvem ou realizam atividades de enfermagem mediante ações ligadas à promoção, proteção, recuperação e/ou reabilitação da saúde de terceiros, como segue:

- B.1 – atividades de supervisão;
- B.2 – atividades de prestação e/ou execução de serviços;
- B.3 – atividades de treinamento de recursos humanos.

Parágrafo único – As atividades previstas nas classes A.3 e B.3 são aquelas de preparo de mão-de-obra para a enfermagem, não disciplinadas pelos Conselhos de Educação.

CAPÍTULO III

Direção e Responsabilidade Técnica

Art. 6º – As atividades da empresa, na área da Enfermagem, somente poderão ser desenvolvidas ou realizadas sob a efetiva e permanente direção de Enfermeiro e a conseqüente responsabilidade técnica desse profissional, sem prejuízo da responsabilidade da empresa pelo cumprimento das exigências éticas do exercício da Enfermagem.

§ 1º – O estabelecimento-sede e cada agência, filial ou sucursal da empresa terá seu próprio dirigente Enfermeiro e a responsabilidade técnica deste para com as atividades de enfermagem.

§ 2º – A empresa que desenvolver ou realizar habitualmente atividades de enfermagem por mais de 1 (um) turno de trabalho, terá 1 (um) Enfermeiro responsável técnico por turno.

§ 3º – Em caso excepcionais, o COREN poderá, a seu exclusivo critério, autorizar que um mesmo Enfermeiro dirija as atividades de enfermagem dos estabelecimentos-sede de 2 (duas) empresas ou dos estabelecimentos e de e de uma agência, filial ou sucursal de uma empresa.

§ 4º – Na hipótese de exoneração do Enfermeiro ou Obstetrix dirigente e responsável técnico ou de rescisão de seu contrato de trabalho, será ele imediatamente substituído por outro Enfermeiro e comunicada a substituição pela empresa ao COREN, sob pena de representação junto às autoridades hierarquicamente superiores, no caso dos Órgãos Públicos referidos na alínea “a” do parágrafo único do art. 2º, ou de penalidade a ser aplicada pelo COREN, quando se tratar das entidades privadas de que trata a alínea “b” dos mesmos parágrafos e artigos.

Art. 7º – Na localidade onde ocorrer comprovadamente indisponibilidade de Enfermeiro poderá o COREN, a seu exclusivo critério, autorizar a empresa que ali desenvolve atividades de enfermagem a atribuir a direção destas, e a respectiva Responsabilidade Técnica, a Enfermeiro residente em localidade diversa, observando o disposto na legislação vigente.

CAPÍTULO IV

Registro

Seção I

Disposições preliminares

Art. 8º – Cada estabelecimento-sede, agência, filial ou sucursal de uma empresa onde são realizadas atividades de enfermagem, será objeto de registro específico no COREN que jurisdiciona a área onde se localiza.

Parágrafo único – Os empreendimentos em fase final de organização, referidos na alínea “b”, in fine, no parágrafo único do art. 2º, poderão, se observados o disposto nos incisos do art. 16, obter registro provisório, transformado, independentemente de novo requerimento dos interessados, em definitivo, mediante certidão de que a nova empresa se encontra legalmente constituída, expedida pelo órgão cartorial ou pela Junta de Comércio.

Art. 9º – O COREN negará o registro à empresa:

I – que não contar com Enfermeiro na direção de seus serviços de enfermagem;

II – cujo pessoal de enfermagem não estiver com sua situação regularizada junto ao COREN competente;

III – que não especificar no seu contrato social, estatuto, regulamento, regimento ou instruções de serviços as funções do Enfermeiro ou Obstetrix dirigente das atividades de enfermagem e seu responsável técnico.

Parágrafo único – A decisão que negar registro à empresa estipulará prazo máximo de 60 (sessenta) dias, para atendimento às exigências do presente artigo, após o qual será promovida pelo COREN a aplicação da penalidade cabível.

Art. 10 – O COREN competente atestará o registro provisório efetuado, mediante documento específico.

Art. 11 – O registro terá validade por 5 (cinco) anos e poderá ser reavaliado por períodos iguais e sucessivos, mantido o número do registro inicial.

Art. 12 – A empresa cujo registro for cancelado pelo COREN poderá vir a obter novo registro, desde que afastado, a critério da Autarquia, os motivos que justificaram o cancelamento.

Art. 13 – O registro e o respectivo cancelamento são públicos, devendo ser oficializados por meio de ato Decisório.

Art. 14 – O registro no COREN obriga a empresa ao cumprimento, no que forem aplicáveis, das normas baixadas pela Autarquia, bem como ao recolhimento da anuidade estipulada.

Seção II

Requerimento

Art. 15 – A empresa requererá seu registro no prazo de 30 (trinta) dias a contar do arquivamento de seus atos constitutivos nas repartições competentes.

Art. 16 – O registro é requerido ao Presidente do COREN em formulário por este fornecido gratuitamente, do qual constará:

I – nome ou razão social da empresa e número de inscrição no cadastro fiscal, estadual ou municipal, conforme o caso;

II – endereços do estabelecimento-sede e da(s) agência(s), filial(is) ou sucursal(is);

III – nome e número de inscrição, no COREN respectivo, do(s) Enfermeiro dirigente(s) das atividades de enfermagem da empresa;

IV – relação nominal dos demais profissionais/ocupacionais de enfermagem em atividade na empresa, com as respectivas categorias e nOS de inscrição no COREN.

§ 1º – O requerimento de registro é instruído com cópia autenticada dos seguintes documentos:

a) instrumento de constituição da empresa (contrato social, estatuto) devidamente registrado nas repartições competentes, bem como suas alterações;

b) ata da eleição ou designação dos atuais dirigentes, caso não constante do instrumento referido na alínea “a”;

c) contrato(s) firmado(s) entre a empresa e o(s) Enfermeiro(s) e ato(s) que o(s) designa(m) para direção das atividades de enfermagem e a respectiva responsabilidade técnica;

§ 2º – A autenticação dos documentos exigidos no § anterior poderá ser feita gratuitamente pelo COREN, mediante exibição, pela empresa, dos originais correspondentes.

§ 3º – O requerimento é formalmente protocolizado, constituindo processo que será objeto de deliberação por parte da Presidência do COREN, ad referendum, a ser submetida ao Pleno, na primeira reunião subsequente.

§ 4º – Na hipótese aludida no parágrafo único do art. 8º, o requerimento de registro provisório será firmado pelo sócio ou sócios majoritários da empresa em organização.

Art. 17 – As empresas referidas na alínea “a” do parágrafo único do art. 2º e no art. 3º, instruirão seus requerimentos com cópia autenticada dos seguintes documentos:

a) regimento e/ou regulamento do departamento, divisão, serviço, setor ou unidade onde são realizadas atividades de enfermagem;

b) ato(s) de designação do(s) Enfermeiro(s) para a direção do(s) Órgãos(s) incumbidos (s) das atividades de enfermagem e respectiva responsabilidade técnica.

Seção III

Deferimento e Realização do Registro

Art. 18 – O pedido de registro será deferido àquelas empresas que satisfizerem às exigências das presentes Normas.

§ 1º – O registro da empresa (estabelecimento-sede) obedecerá à numeração seqüencial única, de cada COREN, e será representada da forma abaixo exemplificada:

COREN-RJ-0001-CL A.2

§ 2º – O registro de cada uma das agências, filiais e sucursais de uma empresa tomará, após a denominação do COREN, o número de ordem seqüencial correspondente ao estabelecimento-sede da empresa, seguido de número indicador da agência, filial ou sucursal e da referência à classe como, por exemplo:

COREN-RJ 0001/1-CL A.2

COREN-RJ 0001/2-CL A.2

Etc.

§ 3º – A empresa pertencente à Administração Pública terá seu registro enunciado como segue, observado o disposto no § anterior:

COREN-RJ-CL A.2-AdP

§ 4º – O registro será efetuado no Livro de Registro de Empresas, no qual será lançado;

a) número(s) de registro da empresa (estabelecimento-sede) e, se for o caso, da(s) agência(s), filial(is) ou sucursal(is);

b) nome ou razão social da empresa e número de seu registro comercial ou civil;

c) endereço de estabelecimento-sede, agência(s), filial(is), sucursal(is), ou, no caso de instituição pública, do departamento, divisão, serviço, setor ou unidade onde são realizadas atividades de enfermagem.

d) nome(s), qualificação e número(s) de inscrição do(s) Enfermeiro(s) dirigente(s) das atividades de enfermagem e responsável(is) técnico(s);

e) número do protocolo (processo) do COREN;

f) assinaturas do Presidente do COREN e do servidor que efetuou o lançamento.

§ 5º – Efetuado o registro, o COREN expedirá o correspondente “CERTIFICADO DE REGISTRO DE EMPRESA”, assinado por seu Presidente, conforme modelo aprovado em anexo.

§ 6º – O COREN enviará ao COFEN, no prazo de 30 (trinta) dias, contados desde a realização do(s) registro(s), os elementos necessários à elaboração do Cadastro Nacional das Empresas, com, no mínimo, os seguintes dados e de acordo com o Art. 6º da Resolução COFEN nº 254/2001.

Anexos

Ver Tabela

Ver Certificado

Seção IV

Revalidação de Registro

Art. 19 – A revalidação será requerida no primeiro semestre do último ano do quinquênio de validade do registro.

§ 1º – O requerimento obedecerá às disposições do art. 16, seus incisos, e alínea “c” de seu § 1º, bem como do art. 17, quando for o caso.

§ 2º – O COREN declarará a caducidade do registro cuja revalidação não haja sido requerida tempestivamente.

Seção V

Cancelamento de Registro

Art. 20 – O cancelamento do registro é efetuado nos seguintes casos:

I – mudança de classe;

II – encerramento da atividade;

III – penalidade;

IV – falência de empresa.

Art. 21 – O requerimento em que é feito o pedido de cancelamento de registro, dirigido ao Presidente do COREN, atenderá às exigências do art. 16, incisos I, II e III, ou, se for o caso, do art. 17, e conterá o número de registro da empresa na autarquia.

§ 1º – A empresa poderá requerer o cancelamento do registro de apenas uma ou outra de suas agências, filiais ou sucursais.

§ 2º – O cancelamento será procedido quando requerido pelos interessados, seus herdeiros ou sucessores, e ex officio, nas hipóteses dos incisos I e III do artigo anterior, quando a pena, relativamente ao último, for de cassação do registro.

§ 3º – Na hipótese do inciso IV do artigo anterior, o cancelamento será efetuado mediante requerimento do síndico da massa falida.

§ 4º – Ocorrida a hipótese de mudança da classe, o cancelamento será feito após a concessão de novo registro.

Art. 22 – O pedido de cancelamento será deferido, uma vez comprovada a quitação com os encargos financeiros junto ao COREN.

Parágrafo único – A empresa sucessora é responsável pelos débitos da empresa verificados até a data de sucessão.

Art. 23 – O cancelamento ex officio não implica em remissão dos débitos existentes, de responsabilidade da empresa cujo registro é cancelado e solidariamente, de seus sócios e diretores.

Art. 24 – O cancelamento do registro é aprovado pelo Plenário do COREN.

Parágrafo único – O cancelamento é efetuado no Livro referido no § 4º do art. 18, mediante consignação da decisão do Plenário, observadas as normas pertinentes às anotações, em particular o disposto na alínea “f” do citado parágrafo.

CAPÍTULO V

Disposições Finais

Art. 25 – O COREN estabelecerá prazo para cumprimento de diligência.

Parágrafo único – Caso o interessado não atenda à diligência no prazo estabelecido, o requerimento será indeferido e arquivado o processo, que será desarquivado mediante requerimento específico.

Art. 26 – O valor da anuidade a ser recolhida pela empresa será fixado pelo COREN consoante o art. 15, inciso XI, da lei nº 5.905, de 12 de julho de 1973.

§ 1º – O valor da anuidade será acrescida de 1/3 (um terço) por agência, filial ou sucursal da mesma empresa.

§ 2º – O recolhimento de anuidade, taxa, emolumento e multa é feita na forma, época e valores estabelecidos pela Autarquia.

Art. 27 – Da decisão do COREN cabe recurso ao COFEN, com efeito suspensivo.

Art. 28 – Os casos omissos serão resolvidos pelo COFEN.

**ANEXO C – RESOLUÇÃO COFEN Nº389/2011 – REVOGOU A RESOLUÇÃO
233/2000**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM**

Atualiza, no âmbito do Sistema COFEN/Conselhos Regionais de Enfermagem, os procedimentos para registro de título de pós-graduação lato e stricto sensu concedido a Enfermeiros e lista as Especialidades

O Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), no uso das atribuições que lhe são conferidas pela Lei nº 5.905, de 12 de julho de 1973, e pelo Regimento da Autarquia, aprovado pela Resolução Cofen nº 242, de 31 de agosto de 2000,

CONSIDERANDO a Lei do Exercício Profissional nº 7.498/1986 em seu artigo 11, que explicita as atividades privativas do Enfermeiro e o desempenho de suas funções, impõe-se a qualificação do Enfermeiro com bases em critérios técnicos e científicos;

CONSIDERANDO a necessidade de atualizar os procedimentos para registro de títulos de pós-graduação lato e stricto sensu no âmbito do Sistema Cofen / Conselhos Regionais de Enfermagem;

CONSIDERANDO que compete ao Cofen manter atualizado o registro cadastral de seus profissionais inscritos, e, que tais assentamentos devem retratar o perfil da população de Enfermeiros a fim de estabelecer políticas de qualificação do exercício profissional;

CONSIDERANDO tudo o mais que consta nos autos do PAD - COFEN nº 571/2010, PAD COFEN nº 314/211 e a deliberação do Plenário em sua 407ª Reunião Ordinária,

RESOLVE:

Art. 1º Ao Enfermeiro detentor de títulos de pós graduação (lato e stricto sensu) é assegurado o direito de registra-los no Conselho Regional de Enfermagem de sua jurisdição, conferindo legalidade para atuação na área específica do exercício profissional.

Art. 2º Os títulos de pós-graduação lato e stricto sensu emitidos por Instituições de Ensino Superior, especialmente credenciadas pelo Ministério da Educação - MEC, ou concedidos por Sociedades, Associações ou Colégios de Especialistas, da Enfermagem ou de outras áreas do conhecimento, serão registrados, no âmbito do Sistema Cofen / Conselhos Regionais de Enfermagem, de acordo com a legislação vigente.

§ 1º Os títulos serão registrados de acordo com a denominação constante do diploma ou certificado apresentado.

§ 2º O diploma de mestre ou de doutor e o certificado de especialista, obtidos no exterior, somente serão registrados após revalidação em Instituição de Ensino Superior Nacional, atendidas as exigências do Conselho Nacional de Educação - CNE.

§ 3º A modalidade de Residência em Enfermagem terá registro no Conselho Regional de Enfermagem, nos moldes de Especialidade conforme área de abrangência.

Art. 3º O título de pós-graduação emitido por instituições credenciadas pelo MEC será registrado mediante apresentação de:

- a) requerimento dirigido à Presidência do Conselho Regional em que o profissional tenha sua inscrição principal;
- b) original do diploma ou certificado, onde conste autorização da Instituição para oferta do Curso e carga horária (lato sensu), ou reconhecimento do curso pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e CNE (stricto sensu).

§ 1º - Os certificados ou diplomas de pós-graduação emitidos por instituições estrangeiras deverão ser acompanhados de comprovante de revalidação no Brasil.

§ 2º - O Sistema Cofen / Conselhos Regionais de Enfermagem somente procederá o registro de títulos de pós-graduação lato sensu, quando iniciado, após conclusão da graduação, conforme inciso III do art. 44 da LDB.

Art. 4º O título concedido por Sociedades, Associações ou Colégios de Especialistas será registrado mediante apresentação de:

- a) requerimento dirigido à Presidência do Conselho Regional em que o profissional tenha sua inscrição principal;
- b) cópia do edital concernente à realização da prova, de abrangência nacional, publicado em jornal de grande circulação.
- c) original do certificado, onde conste, em cartório, o registro do estatuto da Sociedade, Associação ou Colégio de Especialistas;

§ 1º Em caso de títulos concedidos por Sociedade, Associação ou Colégio de Especialistas, tendo como critério a experiência profissional, deverá o Enfermeiro ter comprovado atividade de ensino, pesquisa e/ou assistência na área da especialidade requerida de, no mínimo, três (3) anos.

§ 2º Para o registro de títulos de que trata parágrafo 1º, a entidade emitente do título deve estar cadastrada junto ao Cofen, apresentando os seguintes documentos:

- a) requerimento dirigido à Presidência do Cofen;
- b) cópia da ata de constituição e do estatuto da entidade, devidamente registrados em cartório, comprovando, este último, a realização de prova para concessão do título como uma de suas finalidades;
- c) relação dos critérios utilizados para a emissão do título, seja por meio de prova ou por comprovação de tempo de experiência profissional, que não poderá ser inferior a três (3) anos.

Art. 5º As Especialidades de Enfermagem e suas áreas de abrangência reconhecidas pelo Cofen, encontram-se listadas no anexo desta Resolução. Aquelas que porventura não contempladas ou criadas após o presente ato, serão, após apreciação pelo Pleno do COFEN, objetos de norma própria.

Art. 6º Os casos omissos serão resolvidos pelo Conselho Federal de Enfermagem.

Art. 7º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário, especialmente a Resolução Cofen nº 261/2001 e a Resolução Cofen nº 290/2004.

Brasília, 18 de outubro de 2011.

JULITA CORREIA FEITOSA

Presidente em Exercício

GELSON L. DE ALBUQUERQUE

Primeiro-Secretário

Publicada no DOU nº 202, de 20 de outubro de 2011, pág. 146 - Seção 1

ESPECIALIDADES/RESIDÊNCIA DE ENFERMAGEM ÁREAS DE ABRANGÊNCIA

1. Enfermagem Aeroespacial
2. Enfermagem em Auditoria e Pesquisa
3. Enfermagem em Cardiologia
 - 3.1. Perfusionista
 - 3.2. Hemodinâmica
4. Enfermagem em Centro Cirúrgico
 - 4.1. Central de Material e Esterilização
 - 4.2. Recuperação pós anestésica
5. Enfermagem Dermatológica
 - 5.1. Estomaterapia
 - 5.2. Feridas
 - 5.3. Ostomias
6. Enfermagem em Diagnostico por Imagens
7. Enfermagem em Doenças infecciosas e parasitarias
8. Educação em Enfermagem
 - 8.1. Metodologia do Ensino Superior
 - 8.2. Pesquisa
 - 8.3. Docência no Ensino Superior
 - 8.4. Projetos Assistenciais de Enfermagem
 - 8.5. Docência para Educação Profissional
9. Enfermagem em Endocrinologia
10. Enfermagem em Farmacologia
11. Enfermagem em Gerenciamento/Gestão
 - 11.1. Gestão da Saúde;
 - 11.2. Gestão de Enfermagem
 - 11.3. Gestão em Homecare
 - 11.4. Administração Hospitalar
 - 11.5. Gestão de Programa de Saúde da Família
 - 11.6. Gestão Empresarial
 - 11.7. Gerenciamento de Serviços de Saúde
 - 11.8. Gestão da Qualidade em Saúde
12. Enfermagem em Hanseníase
13. Enfermagem em Hematologia e
14. Enfermagem em Hemoterapia
15. Enfermagem em Infecção Hospitalar
16. Enfermagem em Informática em Saúde
17. Enfermagem em Legislação
 - 17.1. Ética e Bioética
 - 17.2. Enfermagem Forense
18. Enfermagem em Nefrologia
19. Enfermagem em Neurologia
20. Enfermagem em Nutrição Parenteral e Enteral

21. Enfermagem em Oftalmologia
22. Enfermagem em Oncologia
23. Enfermagem em Otorrinolaringologia
24. Enfermagem em Pneumologia Sanitária
25. Enfermagem em Políticas Públicas
26. Enfermagem em Saúde Complementar
27. Enfermagem em Saúde da Criança e do Adolescente
 - 27.1. Neonatologia
 - 27.2. Pediatria
 - 27.3. Ebiatria
 - 27.4. Saúde Escolar
 - 27.4. Banco de Leite Humano
28. Enfermagem em Saúde da Família
29. Enfermagem em Saúde da Mulher
 - 29.1. Ginecologia
 - 29.2. Obstetrícia
30. Enfermagem em Saúde do Adulto
31. Enfermagem em Saúde do Homem
32. Enfermagem em Saúde do Idoso
 - 32.1 - Gerontologia
33. Enfermagem em Saúde Mental
34. Enfermagem em Saúde Pública
 - 34.1. Saúde Ambiental
35. Enfermagem em Saúde do Trabalhador
36. Enfermagem em Saúde Indígena
37. Enfermagem em Sexologia Humana
38. Enfermagem em Terapias Holísticas Complementares
39. Enfermagem em Terapia Intensiva
40. Enfermagem em Transplantes
41. Enfermagem em Traumatologia-Ortopedia
42. Enfermagem em Urgência e Emergência
 - 42.1. Atendimento Pré-hospitalar
 - 42.2. Suporte Básico de Vida
 - 42.3. Suporte Avançado de Vida
43. Enfermagem em Vigilância
 - 43.1. Sanitária
 - 43.2. Epidemiológica
44. Enfermagem offshore e aquaviária

**ANEXO D – RESOLUÇÃO COFEN Nº 500/2015 – REVOGOU A RESOLUÇÃO Nº
197/1997**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ENFERMAGEM
CURSO DE MESTRADO EM ENFERMAGEM**

Revoga, expressamente, a Resolução Cofen nº 197, de 19 de março de 1997, a qual dispõe sobre o estabelecimento e reconhecimento de Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem, e dá outras providências.

O Conselho Federal de Enfermagem – Cofen, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela Lei nº 5.905, de 12 de julho de 1973, e pelo Regimento Interno da Autarquia, aprovado pela Resolução Cofen nº 421, de 15 de fevereiro de 2012, e;

CONSIDERANDO que o Conselho Federal e os Conselhos Regionais são órgãos disciplinadores do exercício da profissão de enfermeiro e das demais profissões compreendidas nos serviços de enfermagem, conforme o disposto no art. 2º da Lei nº. 5.905, de 12 de julho de 1973;

CONSIDERANDO que compete ao Conselho Federal baixar provimentos visando ao bom funcionamento dos Conselhos Regionais de Enfermagem, conforme dispõe o art. 8º, inciso IV, da Lei 5.905, de 12 de julho de 1973;

CONSIDERANDO que compete ao Conselho Federal baixar Resoluções, Decisões e demais instrumentos legais no âmbito da Autarquia, conforme preceitua o art. 22, inciso X, do Regimento Interno da Autarquia, aprovado pela Resolução Cofen nº 421/2012;

CONSIDERANDO o mandado de intimação expedido pelo Juízo da 14ª Vara Federal da Seção Judiciária do Distrito Federal em 23 de novembro de 2015 e recebido pelo Cofen em 03 de dezembro de 2015, o qual determina ao Conselho Federal o cumprimento do Acórdão proferido nos autos do processo nº 5521-18.2015.4.01.3400, no prazo de 10 (dez) dias, no sentido de anular a Resolução Cofen nº 197/1997;

CONSIDERANDO os autos do PAD Cofen nº 806/2015;

CONSIDERANDO a deliberação do Plenário do Cofen em sua 472ª Reunião Ordinária;

RESOLVE:

Art. 1º Revogar a Resolução Cofen nº 197/1997, publicada no Diário Oficial da União nº 56, de 24/03/1997, pág. 117, seção 1, a qual dispõe sobre o estabelecimento e reconhecimento de Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Dê-se ciência e publique-se.

Brasília, 8 de dezembro de 2015.

MANOEL CARLOS N. DA SILVA
COREN-RO Nº 63592
Presidente

MARIA R. F. B. SAMPAIO
COREN-PI Nº 19084
Primeira-Secretária